

tharina, baía de Paranaguá e proximidades da foz do rio Itiberê.

47. *Leptocylindras danicus* Cleve, 1889.

Costas do estado do Rio Grande do Sul e baía de Paranaguá proximo á foz do rio Itiberê.

48. *Guinardia flacida* (Castracane, 1886) Peragallo.

Baía de Paranaguá e proximidades da foz do rio Itiberê.

49. *Coscinodiscus excentricus* Ehrenberg, 1839.

Baía de Paranaguá.

50. *Coscinodiscus radiatus* (Ehrenberg, 1839).

Baía de Paranaguá e proximidades da foz do rio Itiberê.

51. *Actinoptychus undulatus* (Bailey) Ralfs, 1842.

Baía de Paranaguá proximo á foz do rio Itiberê.

52. *Rhizosolenia stollerfolthi* Peragallo, 1888.

Baía de Paranaguá e proximidades da foz do rio Itiberê.

53. *Rhizosolenia schrubsolei* Cleve, 1881. Canal de Santa Catharina.

54. *Rhizosolenia setigera* Brightwell, 1858.

Costas de Santa Catharina e canal do mesmo nome, baía de Paranaguá e proximidades da foz do Rio Itiberê.

55. *Rhizosolenia calcar-avis* Schultze, 1858.

Baía de Paranaguá e canal de Santa Catharina.

56. *Rhizosolenia alata* (Brightwell, 1858), fôrma *genuina* Gran, 1911.

Costas de Santa Catharina.

57. *Rhizosolenia alata* (Brightwell, 1858), fôrma *gracillina* Cleve.

Costas de Santa Catharina.

58. *Rhizosolenia alata* (Brightwell, 1858), fôrma *indica* (Peragallo, 1892).

Baía de Paranaguá.

59. *Corethron criophilum* Castracane, 1886.

Baía de Paranaguá proximo á foz do rio Itiberê.

60. *Bacteriastrum furcatum* Schadb. 1854.

Costas e canal de Santa Catharina.

61. *Chaetoceras schuettii* Cleve, 1894.

Baía de Paranaguá e proximidades da foz do Rio Itiberê.

62. *Chaetoceras subtile* Cleve, 1896.

Canal de Santa Catharina e baía de Paranaguá.

63. *Cerataulina bergonii* Peragallo, 1892. Costas do Rio Grande do Sul.

64. *Biddulphia biddulphiana* (Smith 1809) Boyer.

Baía de Paranaguá proximo á foz do rio Itiberê.

65. *Biddulphia mobiliensis* (Bailey) Gruen., 1859.

Costas do Rio Grande do Sul, baía de Paranaguá e proximidades da foz do rio Itiberê.

66. *Biddulphia sinensis* Grev., 1866.

Costas do Rio Grande do Sul, canal de Santa Catharina, baía de Paranaguá e proximidades do rio Itiberê.

67. *Biddulphia rhombus* (Ehrenberg) W. Smith, 1844.

Canal de Santa Catharina.

68. *Biddulphia favus* (Ehrenberg, 1839) V. Heurck.

Costas do Rio Grande do Sul, canal de Santa Catharina e baía de Paranaguá proximo a foz do Rio Itiberê.

69. *Biddulphia vesiculosa* (Ag. 1824) Boyer.

Canal de Santa Catharina.

70. *Bellerophon malleus* (Brightwell), V. Heurck, 1858.

Baía de Paranaguá proximo á foz do rio Itiberê.

71. *Lithodesmium undulatum* Ehrenberg, 1840.

Baía de Paranaguá e proximidades da foz do rio Itiberê.

72. *Ditylium brightwelli* (West, 1860) Gruenow, 1858.

Baía de Paranaguá.

73. *Thalassiothrix uitzschoides* Gruenow, 1862.

Costas dos estados de Rio Grande do Sul e Santa Catharina, canal de Santa Catharina, baía de Paranaguá e proximidades da foz do rio Itiberê.

74. *Nitzschia closterium* W. Smith.

Baía de Paranaguá e proximidades da foz do rio Itiberê.

75. *Bacillaria paradoxa* Gmelin.

Baía de Paranaguá e proximidades da foz do rio Itiberê.

Viagem scientifica no Rio Paraná e a Assuncion com volta por Buenos Aires, Montevideo e Rio Grande

pelos

Drs. Adolpho Lutz, H. C. de Souza Araujo e Olympio da Fonseca Filho.

De Janeiro até Março de 1918.

Com reproduções de photographias, tomadas pelos Drs. Araujo e Fonseca.

Breve relação de viagem, extrahida dos diarios dos Drs. Lutz e Araujo.

(Os numeros intercalados referem-se ás photographias.)

13—15 I. A commissão se reúne em São Paulo e prepara a viagem.

16. Embarque para Baurú ás 7. 5. Chegada ás 17 h. Noite no Hotel Cariani. Visitámos o prefeito, Dr. Figueira de Mello e o Dr. Machado, chefe da Noroeste. 17. Com o Dr. Goyanna vimos o hospital ^{1,2}. De tarde os Drs. Lutz e Araujo visitáram a importante fazenda Val de Palmas com um millião de pés de café e alguma canna. Em caminho colleccionaram varias plantas (*Cochlospermum insigne*, *Reyhera* e *Dipladenia*.)

18. Viagem a Araçatuba e 19 a Tres Lagoas com demora em Itapura e Jupia. Na Noroeste notámos importantes plantações de café datando dos ultimos annos. Em Itapura vimos a cachoeira que estava bastante cheia ^{3,4}. Havia uma *Monrera* e uma outra *Podostemonacea*, mas encontrámos apenas um casulo novo de borrachudo nestas. Achámos um *Chrysops costatus* e varias plantas, entre estas

uma *Portulacca* e um *Talinum*, differente do *patens*, que forão seccadas. Em Jupia, que é o porto paulista no rio Paraná, colhemos *Helicteres ovata*. Passou-se a noite no Hotel dos Viajantes em Tres Lagoas, primeira estação do lado de Matto Grosso. A villa, em terreno plano, é nova e parece destinada a aumentar rapidamente. Do lado de Matto Grosso, que pertence a um sector novo, a hora official é atrasada de 60 minutos.

Na manhã de 20 parte da commissão visitou a lagoa; apanharão muita chuva e não encontráram nada de interessante. Os dias anteriores já eram chuvosos e o dia 20 era francamente de chuva. A E. de F. Itapura-Corumbá, que já nos tinha dado passagem especial de Jupia, no dia depois nos levou outra vez para o rio. Já a viagem de Itapura para Jupia foi feita em tremzinho fornecido pela mesma companhia.

21. Embarcámos no baranco do rio tomando o vapor Paraná ⁶. Este vinha de Jupia aonde não voltámos por ser um lugar sem re-

curso. A passagem do trem faz-se numa especie de *ajoujo* que pode carreg^{ar} 4 wagons sendo rebocado por um pequeno vapor fluvial⁵. De Jupia desce-se obliquamente pelo rio. Mais abaixo do baranco o rio oferece facilidades para a collocação da ponte, que já chegou em grande parte. Logo depois observámos o celebre rebojo do Jupia. O rio tem geralmente perto de um kilometro de largura e ha uma zona continua de matto dos dous lados. A côr da agua é pardo-escuro, devido em parte á chuva abundante dos ultimos dias. Ha muitas pedras agrupadas, ilhas maiores e alguns bancos de areia. Passámos em primeiro lugar a Ilha Comprida, deixando depois á esquerda á foz do Rio Aguapehy e á direita a Ilha das Ariranhas; atravessámos o labyrintho, avistando logo depois a Barra do Rio Verde; finalmente parámos na Ilha Verde, para tomar lenha pela segunda vez (a primeira foi logo no principio da viagem). Encontrámos uma guabirobeira com fructas e pegámos alguns insectos. Na ilha das Capivaras encontrámos muitos destes animaes e na Ilha da Jacutinga um bando de garças brancas, regulando entre cem e duzentas, quasi todas da especie maior. Na viagem vimos muitas das garças grandes com azas cinzentas em exemplares isolados, um bando de *trinta-reis* e alguns *Larus dominicanus*. Depois da Ilha das Capivaras encontrámos muita chuva e já era noite fechada quando chegámos a Tybiriçá, em frente da Barra do Rio Pardo.

22. Passámos a noite no Hotel. De manhã apanhou-se numerosos *Cuticoides* com escudo estriado de claro. Examinou-se varios doentes, entre estes um de mal de engasgo, que era cosinheiro a bordo do Paraná. Este vapor pertence a Companhia de Viação São Paulo—Matto Grosso, que no porto Tybiriçá, faz o transporte das boiadas de uma margem do Paraná para outra. Faz tambem a navegação do Rio Pardo e outro rio do Matto Grosso mais ao Sul. A mesma companhia é dona do terreno, das casas (ca. de 20), de officinas, de uma pharmacia, do hotel e de extensos pastos, onde o gado

pode descansar da viagem. A venda de bebidas alcoolicas é estrictamente prohibida, assim como a caça no porto. E' agente o Sr. OVIDIO BRAGA que nos recebeu muito bem.

De tarde fizemos um passeio a cavallo, visitando duas matas e um pasto ao lado do rio. Aparecerão poucas motucas de dia, sendo a mais comum *L. leucaspis*. Havia tambem *Neotabanus ochrophilus* e outra especie com duas listras verdes nos olhos e duas estrias, compostas, ferrujinosas nos dous lados do abdome. A' noite pegou-se *E. xanthopogon*, *T. aurora* e *Chl. mexicanus* L.

Durante o dia fomos muitas vezes picados por um pequeno *Cuticoides*. O *C. scapularis*, comum em toda parte, incomoda mais que os outros. Havia tambem *Ianthinosoma musica*, *Mansouia titillans* e uma *Cellia* que não era abundante. Falta a *Stegomyia* (que era comum em Baurú e Tres Lagoas) e o *C. quinquefasciatus*.

23. O dia amanheceu bonito como aquele de hontem (que todavia mais tarde se tornou chuvoso). Ás dez horas embarcámos no vapor *Rio Brillante* para atravessar o Paraná e subir o Rio Pardo, afim de fazer uma caçada de anta. No Rio Pardo vimos muitos passaros como jabirús, garças, mareas, biguás, socosinhos, Martim pescador e tucanos. Saltámos na margem direita, onde colhemos varias plantas interessantes e alguns insectos. Os cães, depois de muita demora, trouxeram uma anta que foi morta perto do vapor ⁸⁻⁹. Pegou-se tambem um pacú grande, tres dourados, dos quaes um bem grande, um piau e alguns peixes menores que servirão para isca.

O exame parasitologico da anta, que era femea nova, deu muitos carrapatos e um *Oesophagostomum*, tambem muito abundante, não se encontrando outro verme. Conservámos os ciliados do coeco. No dourado e no piáu encontrou-se o *D. obesum* e numa garça branca uma *Taeuia* e nematodes. Observou-se que a *L. lepidota* procurava a anta morta, de preferencia ás pessoas que estavam em redor. Havia alguns *E. clari*, var. *uigricans* e um

S. tibiale. A' noite recebemos ainda um *M. sorbillans*. De mosquitos observámos aqui grande abundancia de *C. scapularis* e a noite muitas *Mansonia titillans*, raras *Ps. ciliata*, no mato, e, no rio, *Ianth. musica* e um exemplar de *Aribalzagae*. De Anophelinas havia apenas um exemplar de *Cellia albipes*.

Existe no hotel um exemplar novo, de sexo fêmeo, da *Lutra paranensis* ou *arranha* que esta completamente manso e muito interessante para observar-se, tanto em terra como na agua ⁷.

24. De manhã observámos doentes, examinámos preparações de impaludismo e preparámos insectos. Depois visitámos em barca um banco de areia e um canal abaixo do porto. Não encontrámos larvas de mosquitos, por ser a agua quente demais. O sol estava a prumo e o calor intensissimo. De plantas havia a *Scoparia flava*, uma ou duas *Borraginaceas* e uma *Mollinia*. No mato encontrámos a *Aristolochia crenata*. Voltámos por causa do calor. Apanhámos alguns hymenopteros, lepidopteros e poucas motucas.

De manhã vimos um bando de araras canindé, parado numa palmeira, perto de uma das casas da povoação.

De tarde percorremos o pasto, onde havia aguas estagnadas, devido a enchente. Não encontrámos larvas de anophelinas, porque o calor já devia ter esterilizado estas aguas rasas, expostas ao sol. Apenas forão apanhadas duas ou tres imagens de *Cellia*. Falavam *Mansonias*, mas havia uma quantidade colossal de *C. scapularis* ROND. Ao escurecer apareceram muitos *E. xanthopogon* e alguns *S. tibiale*.

A primeira parte do dia foi de sol e muito quente, depois o tempo tornou-se um tanto chuvoso e o calor abrandou um pouco.

25. A manhã era fresca e o ceu nublado. Dentro da casa aparecerão algumas *Mansonias* que não tinham sugado.

A' tarde, quando se quiz sahir, veio uma forte pancada de chuva que durou bastante tempo.

26. De manhã fez-se, do lado de Matto Grosso, acima da foz do Rio Pardo, uma caçada, matando-se um macho de cervo ainda

muito novo, mas já grande cuja carne experimentámos, achando-a muito boa. Vimos tambem um casal de cervos adultos pastando e achámos um cranio com galhos grandes. Apanhámos poucas motucas e mosquitos e colhemos algumas plantas. Nas lagoas só parece haver uma *Ampullaria*. Foi precisa regressar, porque tinha chegada a lancha da Companhia Maté-Laranjeiras com ordein de levar-nos rio abaixo. Embarcámos ás 15 horas na chata *Sirena*, rebocada pela lancha *Brillante*, em companhia do commandante, Sr. RICARDO MENDES, e parámos ás 22, percorrendo um trecho de 80 kilometros. Na viagem viu-se, além de biguás e garças, alguns patos e 4 colhereiras num banco de areia. As margens ofereciam sempre uma borda de mato, cheio de embaubas e sem habitação qualquer; a bordo apareceram algumas *L. lepidota* e um *O. aurora*. O tempo era bom, mas muito quente nas horas de sol. O por do sol foi muito brilhante e de noite houve lua cheia.

27. Levantámos ferro de manhã cedo. Nos mosquiteiros encontrámos, do lado de fora, varios borrachudos, *M. pseudotitillans* e alguns *I. Aribalzagae*, por dentro alguns *C. lectularius*.

O tempo amanheceu muito bonito, com uma temperatura de 25°; as 9 h. já havia 30° debaixo da tolda. Depois a temperatura chegou a 33° ás 11 h., quando veio forte chuva com muito vento e trovoadas, abaixando a temperatura. De tarde chegámos a ilha que está em frente da Barra do Paranapanema. Usando apenas a lancha, fizemos uma excursão em direção desta barra que não foi alcançada. Depois continuámos a viagem durante toda a noite de lua cheia.

28. De manhã passámos pelo lado direito da grande Ilha das Sete Quedas e vimos a barra do Rio Igatemy. Continuámos a viagem com bom tempo e antes das 11 horas avistámos a fumaça dos saltos. Um pouco depois das 11 aportámos em Porto Mojoli ³¹⁻³², onde fomos muito bem recebidos. No mesmo dia fizemos uma operação em doente que sofria de oclusão intestinal havia nove

dias. De noite veio uma forte pancada de chuva.

Em Porto Mojoli fomos recebidos pelo administrador Sr. THOMAS JARA, o medico Dr. VARELLA e o engenheiro Sr. WILSON de modo muito amavel. O lugar foi fundado em 1909 e pertence a Empresa Maté-Laranjeira que explora os herveas naturaes do lado de Mato-Grosso e transporta o produto para a Argentina. Com exceção dos chefes, o pessoal é paraguayense e falla quasi exclusivamente o Guarany. O consumo de bebidas alcoolicas e o jogo são prohibidos.

29. De manhã cedo apanhámos, numma mula, varios exemplares de *S. orbitale* que, nesta hora, aparecem com mais frequencia. Alguns exemplares estavam extremamente cheios. Eram individuos que não tinham sugado antes. De tarde fomos, a cavallo, ao matto, onde apanhámos grande numero de motucas, principalmente *E. ardens*, e alguns mosquitos, prevalecendo, como em toda parte, o *C. scapularis* e, em segundo lugar, *I. Aribalzagae*.

30. Excursão na lancha *Roseira* para o Rio Piquiry ²⁷⁻³⁰, atluyente do lado esquerdo do Paraná, com a foz 20 quilometros acima do porto. Tem a agua mais clara, verde. Viu-se biguás, biguatingas, patos bravos duas ariranhas, rastos de anta e, guiados por, um espanhol Manuel, unico morador do lugar, caçámos duas jacutingas. Apanhámos tambem alguns peixes de tamanho medio, como dourado, pirancanjuva e matrinhem. Colhemos na viagem varias motucas e mosquitos. Matouse tambem uma jararaca.

31. De manhã fomos ao matto, onde vimos duas araras vermelhas e alguns outros passaros. O ceu era nublado e mais tarde houve algumas pancadas de chuva.

1. II. O tempo continuou chivoso, mas, nem por isso, realisámos a projectada excursão á fóz do Ivahy, distante uns cem kilometros ¹⁴⁻³⁰. Depois de procurar o Manoel no Rio Pequery, voltámos ao Paraná subindo até um pouco acima do Rio Alambary, onde dormimos. No dia depois fomos até ao aldeamento dos Indios (mansos) layuá, no arrollo do Veado, perto da foz do Ivahy. Alguns deles

sofriam de impaludismo. Vimos uma casa muito grande, completamente fechada, apenas com algumas portas, das quaes sahia fumaça, produzida por causa dos mosquitos que eram insuportaveis e perseguiam os indios como nós. Posto que mais acostumados não gostavam das picadas. Já eram bastante civilizados; entretanto faziam arcos e frechas e maças a modo dos selvajens. Perto da aldeia havia grandes bandos de araras vermelhas. No porto havia numerosas borboletas de varias especies sugando no solo humido, como tambem alguns hymenopteros. Do Aroio entrámos no Rio Ivahy, sem encontrar nada de especial, nem ponto que se prestava para saltar; continuando a chuva resolvemos voltar. Passámos a noite perto do lugar onde dormimos na vespera. Voltámos no dia 3, deixando o Manuel no rio Pequery ³⁴.

4. O dia de hoje foi todo de chuva, o que impediu de fazer excursões. Vimos alguns doentes de febres benignas, papo, ankylostomiase, ulceras etc.

5. De manhã o tempo era nublado, não tendo chovido desde da vespera. Depois do meio dia realisámos o passeio á cachoeira 18 das Sete Quedas ⁴⁰⁻⁴³. O mato estava ainda muito cheio de agua. Vimos tres cachoeiras, uma em cima da outra, nenhuma excedendo 10 metros de altura. A largura tambem era pequena. Observámos o Paraná abaixo do Salto, reduzido a um rio de uns 80 metros de largura e correndo com grande velocidade no fundo de uma barranca de pedra de ferro, com paredes verticaes, mas pouco elevadas. Em duas das pequenas poças lá existentes apanhou-se um pequeno *phyllopodo*. Havia tambem alguns *ariús* pequenos. Aparecerão varios exemplares de *S. pertinax*. Os cavalos erão atacados em pleno dia por *E. ardens* que desaparece ao escurecer, pelo *O. cinerarius* com azas escuras e por outras especies de *Chrysops* e *Tabanus*.

Deixamos de visitar os grandes saltos do Guayra que eram inacessiveis por causa da enchente do Paraná.

6. Com tempo muito bonito fizemos uma excursão para o rio Igatemy, do lado do Matto-Grosso ¹², em companhia dos Srs.

JARA, BIANCHINI, Dr. VARELLA e do pessoal da lancha *Roseira* que pertence ao Lloyd Paranaense. Matou-se uma *Ardea agami* que continha o *Diplostomum grande* Diesing, uma *Cairina moschatae* pegou-se um tatú azul que atravessava o rio a nado. Nestes animais não encontramos ectoparasitos. Durante a viagem apareceram muitos *Diachlorus flavitaenia* e *bimaculata*, *O. aurora* e *ciuerarius*, *L. lepidota* como também grande numero de *I. Aribalzagae*. Na volta vimos muitas pontas legítimas e lucanos grandes. Do lado do Matto Grosso, nas margens do afluente, vimos banhados e campos húmidos. Encontramos apenas um rancho, estabelecido pela empreza sobre uma das ilhas do Paraná e chamado Porto Isabel. Lá examinámos uma *bromeliacea*, que não continha larvas de mosquitos.

7. Despedimo-nos e embarcámos no trem para Porto Mendes, em companhia do Sr. WILSON. Em viagem encontrámos alguns taquarussús verdes que continham larvas de mosquitos. Esta especie de bambú era muito abundante, mas todos os outros colmos estão secos por terem florescidos no anno passado. A mata é toda em terra roxa. Contem arvores de *Ilex paraguayensis*.

Em Porto Mendes encontrámos uma boa casa, 70 metros acima do rio que corre com bastante rapidez numa barranca funda. A largura, comparada com aquella observada acima do salto, é muito reduzida. Ha um plano inclinado que liga o porto com a linha de estrada de ferro. Na casa apareciam *S. pertinax* e um *Culicoides* pequeno. Havia muitos gafanhotos, principalmente uma *Scaphura* da especie, parecida com sphegidas. Vimo-la comer a carne cozida de um osso, atirado fora. Havia também grande numero de borboletas, pousadas em lugar humido. Algumas procuravam de preferencia couros frescos e velhos. Ao escurecer fomos a bordo do vapor Espanha que tinha chegado ha pouco.

8. De manhã visitámos a importante empreza ALICA, (que explora o maté do lado de Paraná), embarcando depois. A maior parte do dia foi empregado no serviço de descar-

regar uma grande caldeira e muitas barricas e no embarcar de sacos de maté. O vapor é bastante grande e confortavel, sem ser bonito, e a comida a bordo era boa. De manhã o tempo era muito quente, mas refrescou depois de uma chuva forte que sobreveiu as quatro horas da tarde. Era alta noite quando o vapor deixou o porto.

9. O rio continua enchendo, com as aguas muito turvas e carregando muito detritus. Tivemos de parar por duas vezes, por ter alguns galhos (de paus encalhados) entrado nas rodas que são laterais. As 11 horas chegámos ao porto de Iguassú, de onde não se percebe a cidade. Esperava-nos um *char-a-bancs* com cinco mulas e uma carroça, que nos levaram com a nossa bagagem, quando ja principiava uma chuva que prometia durar o dia inteiro. A cidade consiste, apenas, em algumas duzias de cazas muito espaçadas, tudo situado sobre uma terra roxa escura. O horizonte é bastante vasto ⁵⁰⁻⁵⁴.

Infelizmente a chuva continuou todo o dia e só encontrámos pouca correspondencia.

10. A manhã era muito chuvosa. Mais tarde o tempo melhorou um pouco, mas só conseguimos sair bastante tarde para o Salto ⁵⁵⁻⁶⁵. O caminho de 29 kilometros foi feito por carro de cinco animais em condições bastante boas, chegando-se ao hotel com noite fechada. O caminho de kilometro 9 para diante é todo de mata bonita com muitas leguminosas, *jaracatiá*, fetos arborescentes, grandes urtigas, taquarussú, (que estava seco) e bambusaceas menores. O ruido do salto só foi percebido, quando chegámos perto do hotel.

11. O dia foi dedicado a ver o Salto. O Paraná estava muito cheio, o que é de vantagem para o aspeto geral, mas impede de visitar muitos pontos que só são accessíveis na vasante. A linha de quebradura, que produz o salto, tem a forma de um S alongado, deitado obliquamente ao rio. Ha geralmente dous degraus, separados por uma plataforma que, em alguns lugares, fica bastante larga; no meio do salto ella forma uma ilha, assaz extensa. O degrau de cima tem apenas a me-

tade da altura do inferior. A massa de agua é subdividida em varios saltos, cujo numero aumenta com a enchente, sendo a extensão total muito grande, em comparação com a altura do salto, o que prejudica um tanto o efeito. Não ha um lugar, onde se possa apreciar todo o conjunto, mas é indubitavel que do lado brasileiro os pontos de vista são muito melhores. Já existem caminhos que permitem chegar aos melhores pontos, sem dificuldade seria.

Com o rio cheio o ruído do salto é muito forte; desprendem-se grandes quantidades de pó dagua, formando nevoeiros, cuja altitude e intensidade variam com o estado da athmosphera. Frequentemente estes nevoeiros se propagam a grande distancia. A agua abaixo do salto é estriada de espuma que forma desenhos assaz constantes. Acima do salto a correnteza é bastante forte e ha muitas corredeiras, das quaes a maior parte era atualmente coberta pela agua. Nas pedras só se vê uma grande graminea. Não ha pontederiaceas descobertas. Com muito custo conseguiu-se arranjar alguns casulos e larvas de borrachudos, sendo quasi tudo *S. orbitale*. Havia tambem indicações de *amazonense* e *paraguayense*. Este existe em numero phenomenal nas matas perto do salto e pica com frequencia. A picada é muito sensivel, mas o efeito é mais passageiro que o da picada do *S. pertinax* que appareceu em numero pequeno; misturados com o *paraguayensis* existem tambem alguns *amazonensis* que têm o mesmo tamanho, relativamente pequeno. Havia tambem bastante *Culicoides debilpalpis* e poucos *culicideos*. Só conseguimos apanhar um *Phlebotomus longipalpis* que veio a noite picar no mato, onde parámos á luz de uma lanterna.

12. De manhã fomos pelo mato a um porto a 2 kilometros acima do salto. De lá voltámos pela marjem do rio por uma picada um tanto fechada, tendo de passar alguns correjos, bastante cheios em consequencia da enchente. Voltámos depois do meio dia. De tarde houve trovoadas. A' noite fomos ao mato, levando uma lanterna, mas apanhámos pouca cousa.

13. Cedo fomos ver o salto pela ultima vez, colhendo um pouco de material de borrachudos e observámos no caminho uma ou duas cotias. Na casa recebemos um escorpião. Depois voltámos de carro para a cidade. No caminho parámos para ver um porto antigo, onde achámos o *Tropaeolum warmingiann*, e para colher agua da *Uiera semipeltata* que continha uma larva de *Dendromyia*.

14. Fizemos, a carro, uma excursão para uma furna, distante 4 kilometros: lá apanhamos tres *Phyllostoma*. Vimos tambem arvores de *Cordia salicifolia* e de uma especie de *Maclura*, ambas indigenas. Todos estes dias a temperatura era geralmente muito elevada, quando não havia chuva ou trovoadas pouco distante. Recebemos uma jequitiranaboia viva. No peritoneo de um dos morcegos encontrámos filarias e microfilarias no sangue. Havia tambem *Streblas* mas não havia pulgas. Não se fez outra excursão nesse dia. O calor chegou a 34°.

15. Fomos em carro a um porto no Iguassú de onde atravessámos para Porto Aguirre. Lá vimos o hotel e comprámos uns cartões postaes com vistas do Salto de Iguassú. De Porto Aguirre descemos o rio e entrámos no Paraná, seguindo até Puerto Bertoni ⁶⁷, onde encontrámos o Dr. BERTONI que nos mostrou as suas ricas colleções de objetos de indios, plantas, animais, especialmente passaros, e insectos. Recebemos varias publicações dele e de seu filho A. DE WINKELRIED. O Dr. BERTONI imprime lá mesmo um pequeno jornal scientifico. Elle é natural da Suissa e emigrou em 1884. Infelizmente o nosso tempo era limitado e tivemos de despedir-nos, antes de ter visto, mesmo de modo summario, a metade das colleções interessantes. Voltámos contra a corrente que em muitos lugares é fortissima. Em outros pode se aproveitar o remanso. Ficámos sempre ao lado direito do rio.

Passamos a noite em Iguassú. Na manhã seguinte achámos um *Conorhinus sordidus* afogado numa bacia de lavar as mãos.

16. De manhã não se fez nada, senão esperar por um vapor que não chegou.

De tarde houve trovoadas e forte chuva que deixou o tempo mais fresco.

Nos dias 17, 18 e 19 não se empreendeu nada. Chueu frequentemente. Esperavamos para a volta do vapor Espanha que tinha passado, sem deixar correspondência de importancia. No dia 20 pela manhã sempre esperávamos a Espanha. De tarde o Dr. LUTZ fez um passeio, passando lotes de terra, cobertos por uma *Vernonia* cujos caules atinjam, ás vezes, mais de 4 metros de altura. Na casca de uma arvore cortada achou uma depressão cheia de agua de chuva, a qual continha larvas nematoides que pareciam pertencer a uma especie de *Culicoides*. Embaixo de outros paus cahidos encontrou um myxomycete e um outro cogumelo maior em frutificação. Examinou um riosinho encachoeirado que não continha borrachudos. — Ao anoitecer finalmente chegou a Espanha ^{48, 49} e embarcámos logo, mas o vapor ainda demorou algum tempo. A noite era clara, com a lua meio cheia, permitindo a navegação. Jantámos a bordo e conversámos com um filho do Dr. BERTONI que encontrámos a bordo e que saltou num porto acima de Puerto Bertoni. Primeiro entrámos na foz do Iguassú que tinha cahido muito, talvez uns tres metros, e tocámos em Porto Aguirre. Depois desce-mos o rio parando brevemente em varios portos.

21. Ao amanhecer estavamos em Porto Thereza, onde tomamos uma quantidade de sacos de mate que enchia uma chata. O rio agora era bastante largo, talvez como o Rheno na parte mais navegada, mas a agua era sempre suja. As margens eram muito menos elevadas e ingremes, a vegetação a mesma, mas menos viçosa, com muitos sinaes de roças, feitas aparentemente para obter lenha e não para plantar. Via-se no rio muitas pedras escuras e nas margens alguns bancos de areia branca. Havia muitas andorinhas pequenas, azues e brancas e, de vez em quando, uma garça cinzenta ou branca maior. Pelo resto não se via signaes de animaes, nem vinham insetos a bordo.

As 9 horas passámos a foz do Rio Pirahy e o Porto do mesmo nome. Pouco antes vimos do outro lado um porto, onde havia grande numero de troncos de madeira, em parte embarcada a bordo de uma grande chata, munida de guindastes. Perto jazia, a metade fóra da agua, um grande rebocador. O matto, neste lugar, era derubado em vasta extensão. No porto de Pirahy havia grande numero de cabritos de todas as côres.

Nos portos aparecem *Syrphidas* e *Anthracidas* a bordo, onde, ás vezes, as aranhas os pegam, e nota-se grande numero de *Pieridas*, *Papilionidas*, *Hesperidas*, *Nymphalidas*, como *Colaena Juno*, etc., ocupadas a sugar o barro humido. Algumas vêm a bordo das chatas ou mesmo do vapor. A paizagem continua a ser bastante monotona. A's tres horas peguei num porto argentino uma mutuca do genero *Catachlorops* que veio a bordo. Parece *capreolus*. O tempo, que era muito quente, abrandou com uma ameaça de chuva. Mais tarde encontrámos um vapor, bastante carregado, com roda na popa (a España tem rodas lateraes). Depois disso tivemos uma chuva bastante forte. Peguei a bordo *I. Arribalzagae* em ato de sugar e guardei-o vivo para ver se punha ovos.

As arvores nesta paragem parecem menos desenvolvidas do que mais para cima. Uma vez me parecia ver no mato uma *Chorisia speciosa* em flor, o que foi a primeira vez. Geralmente só se vê verdura. Resolvemos parar a noite em Porto Cantera, onde devíamos chegar ás 23 horas.

Chegados lá os Drs. LUTZ e FONSECA pararam, enquanto que os outros continuaram a viagem.

22 II 18. Depois de uma visita ao Sr. SCHROTTKY, cuja coleção não conseguimos ver, e, sabendo que não havia tempo para visitar as ruínas de S. Ignacio, continuámos a viagem no *Sparta*, chegando pelas tres horas da tarde a Encarnacion, onde parámos no Hotel Internacional. O rio entre Posadas e Encarnacion ^{69, 69a}, com quatro kilometros de largura, oferece o espetaculo de um lago. Em consequencia dos reflexos a côr suja das aguas que são perfeitamente calmas

aparece menos. Em Posadas vê-se uma grande igreja e uma antena alta. Em Encarnacion ha outra antena e uma grande ponte para os vapores. Já antes de chegar, vê-se do lado direito um campo extenso. As cidades são arborizadas e as ruas ainda muito incompletas, principalmente do lado de Encarnacion, que se pôde chamar uma cidade em esboço. Em Posadas ha duas praças ajardinadas, das quaes uma com um monumento, e o numero de casas boas e edificios publicos é maior. Todavia ha tambem aqui muitas lacunas entre as casas e as ruas são, pela maior parte, muito incompletas. Em Encarnacion hospedámo-nos no Hotel Internacional.

Anunciou-se um dia de chuva, mas deu tempo ainda para se fazer uns passeios botânico-zoologicos, nos quaes se encontrou varias novidades, como *Pl. cimex* e outra especie pequena com animal pigmentado, uma *Ampullaria* menor, uma *Ipomoea erecta*, parecida com *fistulosa* porém menor, *Verbenaceas* e *Scrophulariaceas* bonitas, uma *Asclepidacea* de flores brancas com calice tubular etc. Mais tarde choveu copiosamente. Fizemos uma visita em Posadas onde tudo estava fechado por causa da sesta.

24. O dia amanheceu bonito. As 8.30 tomámos o trem para Asuncion ⁷⁰⁻⁷³, onde só chegámos as 23 com uma hora de atrazo. Passámos extensos trechos de campos, primeiramente mais humidos, depois mais secos. Havia tambem muitas ilhas de matto, varios arroios e rios pequenos e uma lagoa maior. Ha muitas estações onde, por ser domingo, havia grande movimento. Nos campos vimos muito gado vacum e cavallos, acompanhados por gaviões, queres-queres, anís brancos e pretos e pombos domesticos. Ha muitas convolvulaceas, solanaceas, leguminosas compositas e outras familias, observadas em S. Paulo na mesma latitude, porém aqui, muitas vezes, representadas por outras especies, campestres. Viu-se chover em alguns pontos no horizonte, mas, em geral, o tempo se conservou bonito e muito quente no meio do dia. Hospedámo-nos no *Hotel Hispano-americano*.

25. O dia amanheceu bonito, mas quente, com uma temperatura matinal de 27° que subiu rapidamente acima de 30°. Mandeí uma carta para o Dr. MIGONE que veiu visitar-nos no hotel e foi connosco ao palacio do governo, onde nos apresentou ao ministro do Interior e ao Presidente. Recebemos varias publicações officiaes. Vimos o porto e parte da cidade. Visitámos o nosso ministro e o nosso consul, mas não os encontrámos em casa. O ministro depois nos visitou no hotel; o consul já nos tinha procurado de manhã. Durante o dia tínhamos visitado tambem a repartição de hygiene e seu diretor.

26. De manhã fomos ao hospital onde vimos grande numero de leishmanioses das mucosas, que, geralmente, mostravam cicatrizes de processos cutaneos anteriores. Vimos tambem um escrophuloderma e outros processos de tuberculose local, uma appendicite, uma ectopia vesicae e tres casos com diagnostico de granuloma pudendorum, sendo um muito duvidoso e com apparencia desconhecida. Fomos tambem ao laboratorio bacteriologico, onde vimos algumas preparações e examinámos varios insetos sugadores de sangue. Fizemos um passeio de bote no porto de Assuncion, durante o qual vimos muitas pequenas ephemerides passando rapidamente pela metamorphose de subimago a inseto adulto. Pescou-se sem resultado, por ser a agua muito rasa.

27. De manhã trabalhou-se mais no laboratorio, examinando os sugadores de sangue, já colleccionados pelo Dr. MIGONE, dos quaes se fez uma lista.

28 II. Em companhia do Dr. MIGONE fizemos uma excursão para S. Bernardino, situado na lagoa de Ipacaray ⁷⁴ que é muito extensa (5:18 kil.), mas pouco funda. Por isso a agua, muito revolvida pelo vento, não é muito clara. No mesmo dia fez-se um passeio em lancha. Coleccionou-se bastante *plancton* que continha um *Copepodo* e varios *Cladocera*, como *Bosmina*, *Ceriodaphnia*, *Daphnella* e outras especies. Apanhámos em lugar razo alguns exemplares de um *Phyllo-podo* e um *Planorbis* com sua postura. Veri-

ficou-se no mesmo uma *Cercaria* com os caracteres da *valdefissa*. Havia muito *Limnanthemum* H., uma grande *Maranthaceae*, confervas e uma *Characea*, mas não se encontrou a *Fistia*, não obstante a frequência da *Mansonia*. Em S. Bernardino, no hotel do lago, encontramos esta e a *Stegomyia fasciata* que também existe em Assuncion.

1. III. De manhã visitámos o lugar, onde ha um photographo que tambem co'eciona insetos, e vimos trabalhos de marcenaria em madeira indigena; depois fomos a cavalo para os restos do Rio Salgado, afluente da lagoa, que se achão a tres leguas paraguayas de distancia ⁷⁵. Vimos uma flora interessante de campos humidos com *Lobelia*, *Agelonia spec.*, *Araujia stenophylla* e muitas outras plantas interessantes. Na ida fomos perseguidos por *M. titillans* e tres variedades de *Pso.rophora*. No lugar pegámos muitas *E. marginalis*, *Dichelacera fuscipennis* e um *Chrysops* (? *brevifascia*).

Havia tambem *N. triangulum* e *ochrophilus* e um *T. importunus*. Na volta aparecerão alguns *E. ardens*. Encontrámos alguma *Pistia* sem larvas. A julgar pelas colleções de *lepid-e colepteros*, que vimos, a fauna local contem muitas especies interessantes.

2. III. Trabalhou-se com o material de hontem, dissecando muitos *tabanideos*. A' tardesinha fez-se outro passeio de lancha em direção oposta. A agua era bastante rasa e não se encontrou nada de importante.

3. III. Voltámos para Assuncion.

4. III. Não se emprehendeu nada. No dia 5. III fizemos uma interessante excursão ao Jardim Botânico de *Trinidad* ^{76,78}, seguindo para lá em lancha no Rio Paraguay que é muito largo, mas não oferece nada de especial. No lugar colheu-se *Planorbis* de qualidade diversa da encontrada em Encarnacion e em S. Bernardino. Depois vimos as colleções botánicas e zoologicas. Colheimos varias plantas aquaticas, entre estas uma *Utricularia*, na qual se encontrou uma larva de *Chrysops*. Depois da volta despedimo-nos do nosso ministro e do consul e á noite assistimos a um banquete, dado pelos medicos do lugar, no qual reinou muita cordialidade.

6. III. Embarcámos cedo no vapor *Bruselas* da firma Milhanowitz.

Despedimo-nos dos amigos que tinham vindo a bordo e seguimos ás 7.30. O vapor é muito grande e os nossos camarotes eram bons, porém infestados por muitas *stegomyias*, talvez criadas a bordo. A comida é regular e o navio no andar fica bem ventilado. O rio apresenta-se ora bastante estreito, talvez como o *Rheno* em *Basilea*, ora muito mais largo, formando braços e ilhas maiores ou menores. Vê-se tambem algumas lagoas por dentro das marjens. Os pequenos portos são numerosos mas ha nenhum que parece de maior importancia. Vimos varios passaros aquaticos, *tuyuyús*, garças cinzentas e brancas e algumas *Chauna cristata*. Ha tambem muitos gaviões e urubús. Ha rejiões com mato bastante fechado, mas a maior parte é campo. Nota-se a *Ipomoea fistulosa* e em varios lugares, geralmente do lado das Missões, carnaubaes menores e maiores ⁷⁹. A's 3.30 chegámos ao porto de Formosa, onde se vê casas boas, uma estrada de ferro, um engenho e grandes quantidades de madeira que seguem, em parte, num vapor grande que se acha no porto.

7. III. Amanhecemos no Porto de Corrientes e tivemos tempo de saltar e fazer um passeio pela cidade que é bastante extensa e contem alguns edificios mais importantes. O porto é bem movimentado.

Ao longe vê-se a foz do Paraguay. A rejião inteira é plana. Pouco tempo depois de sahir tocámos em Porto Celman, onde ha uma estação da Estrada de Ferro de Santa Fé. Demorámos algum tempo. Parece haver bastante commercio. O lugar, que não tem nada de atrativo, é situado num braço do Rio Paraná que, logo abaixo, apresenta muitas varias ilhas, sendo a largura total muito consideravel. Ha tambem varjens com algumas lagoas. A agua é amarela. — O tempo hoje está coberto. Notei um passaro branco com as azas pretas, do tamanho de uma gaivota. Vi tambem uma pequena plantação de algodão. Mais tarde aparecerão muitas gaivotas. O rio, em alguns lugares, parece ter uma largura de

4 a 5 k. Parámos brevemente em Empedrado e Bella Vista ⁴⁷, onde embarcarão bastantes passageiros, de modo que a grande sala de jantar estava quasi inteiramente ocupada. Em Bella Vista a marjem do rio era mais alta, mas continuava geralmente com o mesmo carater.

Mais tarde passámos Lavalley e ao escurecer o porto da cidade Goia que é distante do rio. A noite foi bastante fresca e ventosa.

8 III. A's 7 do dia 8 passámos o porto Bruno. A ribanceira é outra vez alta e estratificada, com sinaes de terraços. A's 9.30 estavamos no Porto de Paraná, capital de Entre Rios. A cidade, que parece bastante grande, fica um tanto distante.—Continuando a viagem vimos muitas ilhas, algumas com gado e cavalos. Em outras viu-se salgueiros. Mais tarde atravessámos para a outra marjem que tambem é elevada, mas menos perpendicular que a esquerda. No barranco havia o *Gynurium argenteum*, a grama das pampas. Chegámos depois a Rosario (ás 17 h.), onde demorámos pouco. A cidade é extensa e tem muitas igrejas ⁸⁰. As obras do porto são muito importantes. A' noite houve a bordo uma invasão de *C. albifasciatus* ARRIBALZAGA, do qual já tinham aparecido alguns exemplares depois de Corrientes. Forão apanhados machos e femeas, em parte cheias de sangue. Havia tambem uma *Psorophora Holmbergi*.

9 III 18. Chegámos cedo em Buenos Aires ^{81, 82}, mas com o despacho da bagagem e outras cousas necessarias passou toda a manhã. De tarde fomos ao Lloyd e depois ao Instituto Nacional de Bacteriologia que nos foi mostrado pelo Director, Prof. KRAUS, com todas as suas installações, ja conhecidas das descrições publicadas.

10 III 18. Hoje visitámos o museu de La Plata com colleções muito interessantes de ethnologia e paleontologia e estivemos com o Prof. de zoologia CARLOS BRUCH. De tarde visitámos o jardim zoologico e conversámos com o director, Dr. ONELLI.

Nos dias 11—14 visitámos varios estabelecimentos e repartições scientificas, como o hospital de molestias infeciosas (onde as-

sistimos a uma autopsia de carbunculo intestinal), a maternidade com importantes colleções, o museu de anatomia pathologica e o laboratorio de pharmacologia onde vimos interessantes papeis de BONPLAND, plantas e insetos, e a assistencia publica. Jantámos nas casas dos professores KRAUS e SOMMER e almoçámos com o Dr. ARAOS ALFARO. Percorreu-se tambem a cidade e alguns dos suburbios. No dia 15 despedimo-nos do Prof. KRAUS como tambem dos outros collegas, percorrendo mais uma vez o laboratorio e vendo os trabalhos. Embarcámos para Montevideo, no vapor do mesmo nome, as 21 horas. O vapor sahiu as 22.

16 III 18. Chegámos cedo a Montevideo e, depois de transferir a nossa bagagem a bordo do Servulo Dourado, fomos visitar o Hospital Maciel, onde vimos o serviço de syphilis e de profilaxia contra as molestias sexuaes, como tambem o muito interessante instituto CURIE onde se trata por phototherapy, raios X e radio; recebemos varios impressos. Combinámos para a tarde uma visita ao museu e a varios estabelecimentos scientificos. Depois do almoço fomos tratar das passagens. A's quatro horas fomos ao museu de historia natural, onde encontrámos o director. Examinei os molluscos de agua doce e terrestres, levando varias amostras. Depois vieram dous collegas buscar-nos para uma visita a faculdade de medicina que está muito bem instalada. Vimos tambem os institutos de physiologia e de anatomia, onde existe um frigorifico (como tambem em Buenos Ayres). Depois visitámos a maternidade e terminámos com uma bonita excursão em automovel pelas praias e a um hotel que pertence á municipalidade, onde se preparava uma exposição de flores. Depois de jantar num restaurant muito grande e concorrido recolhemos-nos ao navio.

17 III 18. O Servulo Dourado deixou o porto de manhã cedo. Depois de algumas horas passámos entre Maldonado e a Isla dos lobos, sem ver nenhum destes animaes, que provavelmente só apparecem no inverno. Navegámos todo o dia com o mar ligeira-

mente agitado, sem ver nada de interessante, ficando a terra a distancia e pouco visivel. O mesmo se deu durante a noite. Só pelas quatro horas principiou-se a avistar os grandes molos dos dous lados do canal que conduz a Rio Grande é carregando cada um um enorme guindaste, lembrando um canhão gigantesco. Levamos muito tempo para entrar no porto e só chegamos com noite fechada. Saltamos ainda e fomos a cidade ^{83, 87, 95}, que principia a um kilometro do porto. E' bastante grande e tem as ruas regulares e bem dispostas, com bastante largura. As casas, na maior parte unidas ou pouco espaçadas, são geralmente pouco elevadas. Vimos alguns edificios mais bonitos e algumas praças ajardinadas. Ha uma linha de tramway que passa pelo centro e uma outra circular. O terreno é todo arenoso e plano; só por fora da cidade vê-se dunas de areia que incommodam bastante os olhos. O porto, separado da cidade, é muito extenso e bem construido. Os navios atracam em sentido do comprimento e ha guindastes sobre trilhos. Existe uma estação maritima e uma central da linha que vae para o centro.

O campo arenoso ⁹⁶, perto do porto e entre este e a cidade, tem uma flora especial, entre a qual se distinguem algumas *Compositas*, especialmente um *Eupatorium* que alcança tres metros de altura ⁹⁷. Ha tambem grandes extensões de *Tamarix gallica*, que parece plantada e sobre a qual vivem muitas lagartas, fechadas em casulos ⁹⁸. Em toda a região abunda o *Culex albi. fasciatus* MACQUART, que pica em pleno sol mas invade tambem as casas e navios, atraindo pela luz. Comporta-se muito com o *C. confirmatus*, com quem se parece no desenho do abdome, sendo este do escudo mais parecido com o da *Psorophora citiata*. Colhemos grande numero de exemplares no posto da alfandega, onde era muito mais commum que *C. fatigans*. A *Stegomyia* não existe lá, mas vimos na cidade, num hotel, um mosquito que talvez fosse desta especie. Procurei molluscos de agua doce, mas não consegui nada. No mercado havia uvas

Izabel e algumas de outra qualidade, porém muito caras. As maçãs e peras, como tambem os pecegos, eram inferiores aos que se vê em Buenos Aires. Ao mercado de peixe chegámos tarde demais e só vimos alguns peixes e camarões.

No dia 18 visitámos o hospital, onde vimos um caso typico de *Psoriasis* num preto e mais dous casos interessantes de molestias de pele. Havia tambem um caso de lepra, talvez procedendo de Minas. No porto vimos outro, talvez importado, num carregador. Certamente não se pode afirmar que a molestia falte completamente neste estado. A questão, se ha casos indigenas, vale a pena ser estudada.

Na tarde deste dia o Dr. Araujo nos deixou para embarcar para Bagé.

19 III. De manhã visitámos o parque onde encontrámos nada de especial. Está no bordo de uma praia mansa e pouco funda, com boa vista. Rodeámos a cidade em bond circular. Devíamos ter seguido as duas horas, mas só deixámos o porto pouco antes das seis. O mar estava bastante manso.

20 e 21 III. Deixámos o porto de Rio Grande bastante tarde, de modo que já era quasi noite quando largámos o pratico. O tempo era bom e o mar apenas ligeiramente agitado. No dia seguinte (21) viu-se pela manhã a praia de Pernambuco com as suas areias amareladas, que limita a Lagoa dos Patos para fora. Passado esta, apareceram as primeiras serras do litoral. O tempo continuou bom. Fizemos algumas pescarias de *plaucton*.

22 III. Durante a noite viu-se um farol com luz constante, mas mudando de côr, na costa que passámos e um outro de frente, que marca a entrada do braço de mar entre a ilha de S. Catharina e a terra firme. Chegámos cedo, passando ao lado de uma fortaleza com algumas peças descobertas e alguns faroes menores, até avistar Florianópolis ⁹⁹, estendido sobre um promontorio da ilha que é montanhosa e bastante pitoresca. Ancorámos ás nove horas a bastante distancia da terra, demorando apenas até ao meio

dia. Vimos bem a cidade e o estreito entre esta e a terra firme. Depois de passar este, vê-se um outro aspeto da cidade. A ilha é comprida e sempre montanhosa. O tamanho lembra o da Ilha Grande e da Ilha de S. Sebastião. A costa da terra firme também é coberta de montanhas que chegam até perto do mar.

Entre cinco e seis horas entrámos na barra do Rio Itajahy que é estreita e parece perigosa. Está no meio de uma enseada larga que a protege de dous lados. Aqui já vê-se palmeiras reaes ao lado de *Araucarias* do Chile, bambús etc., indicando um clima bastante quente. Subimos o rio até ao porto ¹⁰¹, mas não tivemos tempo para vêr a cidade, porque o navio pouco se demorou. Apenas puz o pé em terra quando já era noite escura. Continuámos a viagem logo depois do jantar.

23 III. Chegámos cedo á entrada da Bahia de S. Francisco a antes das oito horas no porto ¹⁰⁰.

O navio parou perto da ponte sem encostar. O tempo continuava bom, mas não era completamente claro. Sahimos outra vez depois de breve demora, continuando a viagem. Pelas duas horas entrámos na bahia de Paranaguá, onde logo vimos grande numero de medusas de tamanho medio; tinham forma de campanula com um estreitamento acima das tentaculas. Na maior parte eram completamente hyalinas, mas algumas erão ferrujinosas em maior ou menor extensão. Encontrámos também grande numero de *Larus dominicanus* adultos com alguns novos e varias fregatas. Parámos em frente do Paranaguá sem encostar e sahimos outra vez umas duas horas depois. O tempo continuou regular com algumas ameaças de chuva do lado da terra. Na volta vimos outra vez as medusas que existiam em numero enorme, mas não chegavam na parte interior da Bahia, onde ha muito mangue.

O resto da viagem dos Drs. Lutz e Fonseca foi feita no mesmo vapor. Demoram-se apenas algumas horas em Santos e chegaram ao Rio de Janeiro sem incidente.

Diario do Dr. Souza Araujo.

Rio Grande. Março 17.

A's 21 horas atracamos no caes do porto novo desta cidade.

Gastámos na viagem de Montevidéo até aqui 2 dias e uma noite. O nosso vapor está com pequena velocidade porque o carvão nacional, unico que o Lloyd está empregando, não é de boa qualidade.

Desembarcámos e fomos visitar a cidade ^{83.87,95}, que fica bem distante do porto. Faz-se o trajeto em bonds electricos. De volta da cidade estivemos no posto da Alfandega caçando niosquitos; havia-os em grande abundancia, mesmo dentro dos bonds.

No dia 18, apezar do máo tempo, percorremos os principaes pontos da cidade e visitámos a Santa Casa de Misericordia. A tardinha um de nós, Souza Araujo, partio para Bagé.

Bagé. Março 19 a 25 ⁸⁸⁻⁹³.

Chegámos nesta cidade ás 6 horas tendo viajado no comboio noturno "Rio Grande—Santa Maria". Hospedámo-nos no Hotel Brazil.

A temperatura baixou consideravelmente durante a noite. A's 8 horas o thermometro marcava 16º C., parecendo ter descido a 12º C. de madrugada.

Bagé, que é uma importante cidade, está situada na campanha, numa altitude aproximada de 160 metros acima do nivel do mar. Nesta cidade exercem a clinica mais de 20 medicos; existe um bom Hospital de Caridade e muitas pharmacias. A principal industria de Bagé é a do Xarque, contando a comarca diversas xarqueadas, uma das quaes, a de Magalhães, Prati & Ca., é muito importante. Esta xarqueada é muito bem instalada e tem agora, durante a safra de matança, 400 empregados, numero este que baixa a 100 durante a safra seca.

O estabelecimento tem capacidade para matar 100 vezes por dia, mas a media de matança, durante a safra, é de 550.

Os principaes produtos deste estabelecimento são: xarque, cebo, graxa refinada, couros salgados, ossos de industria, sangue

seco, nervos secos, unhas, chifres, sabugos, adubos, óleo de mocotó, extrato de carne e cinza calcinada. A produção anual da empresa é a seguinte, conforme informação que nos forneceu por escrito o Sr. G. BURNS, respectivo guarda-livros: xarque 3.600.000 kilos; cebo 1.080.000 ks.; graxa refinada 20.000 ks.; couros 1.035.000 ks.; ossos 200.000 ks.; sangue seco 30.000 ks.; nervos secos 13.200 ks.; unhas 22.400 ks.; chifres 40.000 unidades; sabugos 29.200 ks.; adubos 50.000 ks.; óleo de mocotó 12.000 ks.; extrato de carne 13.000 ks.; cinza calcinada 500.000 ks.. A companhia gasta anualmente 2.000.000 de kilos de sal; 1125 pipas para cebo; 3070 bordalezas para cebo e óleo e 2000 toneladas de carvão nacional. Estas informações foram-nos prestadas em 21 de Março.

Da matança, que acompanhamos, e do secamento da carne ao sol tirámos algumas photographias que vão reproduzidas adiante. No correr da semana, que passámos em Bagé, fomos visitar, acompanhado do Dr. CANTERA, nosso collega e amigo dedicado, a Estancia de S. Antonio, de propriedade do senhor HENRIQUE BARBOZA NETTO. Foi um excellent passeio. De bom grado *Hereford* que la vimos, juntamos algumas photographias. E' essa raça de gado a, que predomina hoje nos campos do Rio Grande do Sul. Depois de termos feitos outros passeios e colhido algum material de insetos para o Instituto, regressámos na manhã de 26 para Pelotas, com destino a Porto Alegre.

Antes de chegarmos a Pedras Altas onde vive num bello castello, situado em modelar estancia, o grande brasileiro ASSIS BRAZIL, vimos varios montes de carvão nacional ao longo da estrada, aguardando condução e muitos wagons carregados desse precioso mineral que está sendo largamente explorado no sul.

Pelotas. Março 26 e 27.

Chegámos a Pelotas, chamada "Prinzeza do Sul" pelos riograndenses, ás 15 horas de 26. Hospedados no Hotel Alliança, em pleno coração da bella cidade, aproveitá-

mos o resto do dia em visitas aos seus bairros pitorescos, ás suas praças o ao Club Commercial, o celebre ponto de reunião, durante o inverno, de toda a flor da sociedade riograndense.

O dia 27 foi bem aproveitado nas visitas que fizemos, em companhia do nosso collega e amigo Dr. JOÃO ALFREDO BRAGA, ao Hospital de Misericórdia e ao Instituto de Hygiene. A boa impressão, que recebemos desses dous importantes estabelecimentos, procurámos externar da maneira mais fiel e mais completa no capitulo "Estado Sanitario".

A' tarde partimos para Porto Alegre pelo "Itapura", vapor da Companhia de Navegação Costeira.

Porto Alegre. ⁹⁴, Março 28.

Ás 8 horas o "Itapura" atracou no porto. A viagem correu muito bem; o vapor não jogou. Alguns companheiros de viagem disseram-nos, nunca terem visto tão calma a imensa e profunda "Lagoa dos Patos".

Hospedámo-nos no Grande Hotel.

Os dias 28, 29, 30 e 31 de Março foram perdidos, no ponto de vista medico, por motivo da semana santa. Só a 1 de Abril começámos a trabalhar. Durante a semana santa visitámos toda a parte central da cidade e dos principaes bairros. A cidade é grande e muito importante, porém calculavamos que fosse muito mais adiantada. O calçamento é ruim, excepto o de duas ou tres ruas principaes; a iluminação é insufficiente; as ruas não são arborisadas e a cidade não possui nenhum jardim, nenhum parque, digno de tão importante capital.

Abril, de 1 a 8.

Durante a primeira semana de Abril visitámos os hospitaes; a Faculdade de Medicina de Porto Alegre; o Instituto Oswaldo Cruz; o Instituto Borges de Medeiros, onde os Dr. MARQUES DA CUNHA e PEREIRA FILHO estavam instalando o Laboratorio de Biologia, recentemente criado; a Escola de Engenharia; a Faculdade de Direito e o Laboratorio de Bacteriologia do Dr. PEREIRA FILHO. Com alguns collegas fizemos

algumas excursões, em objeto de estudos, nos arredores de Porto Alegre, tendo deixado de fazer outras por motivo do mau tempo.

Ao meio dia de 8 partimos para a cidade do Rio Grande no vapor "Almirante Jaceguay". Chegámos a Pelotas as 11 horas de 9 e ahi resolvemos passar o resto do dia. Em Porto Alegre procurámos obter as mais fidedignas informações sobre o estado sanitario.

Pelotas. Abril 9.

Visitamos hoje mais demoradamente a Santa Casa e procurámos conhecer, em suas proprias casas, alguns leprosos desta cidade.

Rio Grande. Abril de 10 a 14.

Esperando um vapor do Lloyd Brasileiro, que nos levasse ate Paranaguá, demorámo-nos no Rio Grande mais 5 dias. Durante este tempo procurámos conhecer melhor a cidade, examinámos varios doentes, inclusive alguns leprosos e obtivemos interessantes informações sobre a hygiene publica. Visitámos do outro lado da bahia a velha cidade de S. João do Norte. A nossa colleção de mosquitos augmentou nesses dias. Tanto nesta cidade como na do Rio Grande, encontrámos muitos mosquitos, predominando o *Culex albifasciatus* e a *Stegomyia calopus*.

No Porto Novo visitámos as obras do frigorifico da Companhia Americana "Swift" e o grande stock de carvão nacional, vindo de S. Leopoldo em grandes barcaças e amontoado junto ao caes; donde imensos guindastes transportam-no para dentro dos vapores.

Santa Catharina. Abril 16 e 17.

Infelizmente não pudemos desembarcar em Florianopolis ⁹⁹ cujo hospital desejavamos conhecer. Desembarcamos, porém, em S. Francisco e Itajahy, ¹⁰² onde obtivemos tambem algumas informações sobre o estado sanitario.

Paraná. Abril 18 a Maio 14.

No dia 18 chegámos a Paranaguá, de-baixo de muita chuva. A' tarde do mesmo dia subimos a serra. Em Curityba demorámo-nos uma semana e depois partimos para o Norte do Estado, afim de inspecionar o serviço da Campanha anti-malarica. Nada havia de anormal.

Regressámos a Capital, onde permanecemos mais alguns dias.

Aproveitámos esse tempo para colecionar insetos. Descemos a serra e passámos 3 dias no litoral, embarcando a 14 de Maio no vapor "Servulo Dourado" para o Rio de Janeiro onde chegámos a 17 de Maio.

Clima e Estado Sanitario pelo Dr Souza Araujo.

Capitulo I.

CLIMA.

Emprehendendo uma excursão scientifica pelo Rio Paraná, interessava-nos sobremaneira a obtenção de dados meteorologicos da região, especialmente do trecho comprehendido entre a Fóz do Rio Tieté, inicio da viagem, e a Fóz do Rio Iguassú, nossa fronteira com a Argentina, porque, nas grandes viagens de exploração, sobretudo com caracter medico como a nossa, as observações meteorologicas têm uma importancia capital para os estudos de climatologia. Infelizmente não ha, em toda essa vasta zona do nosso immenso territorio, nenhuma estação meteorologica onde poudessemos obter informações seguras sobre as temperaturas médias mensaes e anuaes, minimas e maximas absolutas, tensão absoluta e tensão relativa, bem como a média das nebulosidades, predominancia dos ventos, totaes das chuvas, evaporação e insolação. Desse modo as falhas informações que nos deram e as poucas observações que registrámos não são sufficientes para se tirar conclusões sobre o clima da região, por nós percorrida; entretanto vão abaixo transcritas para, reunidas a outras de outros excursionistas, irem se completando aos poucos, até que formem um subsidio de valor apreciavel e aproveitavel. Ao lado das altitudes, tomadas em cada logar que visitámos, daremos tambem outras informações, relativas ao tempo, taes como as temperaturas, chuvas, etc., dados meteorologicos, por nós amotados durante a viagem.—No dia 16 de Janeiro partimos de S. Paulo para Baurú, as

7 horas, em trem da Companhia Paulista. Durante todo o dia, que foi chuvoso, a temperatura se manteve entre 25° e 27° C., e a pressão atmosférica entre 680 mm. e 718 mm. Em Baurú, cuja altitude é de cerca de 500 m., a temperatura maxima, do dia 17, foi de 29° C. ao meio dia, tendo chuido á tarde. No dia 18, durante a nossa viagem pela Noroeste até Araçatúba, o tempo continuou chuvoso e a temperatura variou entre 26° e 29° C., tendo a viagem corrido muito agradável.

No dia seguinte saímos de Araçatúba, visitamos os Saltos do Itapura, fomos ao Porto de Jupia e dahi até a cidade de Trez Lagôas. O tempo continuou chuvoso e a temperatura manteve-se a mesma da vespera.

Jupia, porto paulista no Rio Paraná, está a 250 m. de altitude; Trez Lagôas, primeira cidade de Matto-Grosso, indo-se pela Estrada de Ferro Itapura-Corumba, está 290 m. acima do nivel do mar. Passamos o dia 20 de Janeiro em Trez Lagôas, tendo o tempo corrido igual ao da vespera.

No dia 21 iniciamos a nossa viagem pelo rio Paraná, embarcando na barranca de Matto-Grosso, no vapor "Paraná", com destino ao Porto Tibiriça.

Na hora do embarque, que se deu ás 9 horas, a pressão atmosférica era de 740 m. e a temperatura 30° C., dentro do vaporzinho. A's 14 horas a temperatura subiu a 30,5° e as 19 horas baixou a 28° C., tendo chovido um pouco entre 17 e 18 horas, e a pressão baixou a 739 mm.

Durante os 5 dias que permanecemos em Porto Tibiriça, cuja altitude é de 270 m. na sede da villa, a temperatura variou entre 22° e 31° C., no hotel, e a pressão entre 738 e 740 mm.; chovia quasi todas as tardes.

Manhãs magnificas com céu muito limpo e noites agradaveis, com céu estrellado e sem nuvens consideraveis. Apenas numa noite tivemos muito calor. O escritorio da Companhia de Viação S. Paulo-Matto-Grosso registra tambem algumas observações sobre o tempo e assim puderam nos informar que ha verões cuja temperatura chega lá a 40° C. á sombra.

No dia 26 de Janeiro, logo que deixamos Porto Tibiriça, viajando rio abaixo numa chata da Empreza Mate-Laranjeira, rebocada por uma lancha a gazolina, o nosso thermometro marcou 34° C. ás 15 horas. Fez sol todo o dia e magnifico luar á noite, com céu limpo.

No dia 27, lá pela altura da foz do Rio Paranapanema, tivemos grande tempestade, ás 14 horas. A temperatura oscillou muito nesse dia e o calor tornou-se asphyxiante a uma certa hora. A's 7 horas o thermometro marcava 25°, ás 9 h. 30°, ás 10,5 h. 34° e atinjio á 36° C. ás 13,5 horas. A's 14 horas, quando começou a tempestade, baixou a 32° e ás 20 horas voltou de novo a 25° C., temperatura que tinhamos tido de manhã, no dia da partida.

A pressão atmosférica variou, no dia 26, entre 742 e 749 mm.

No dia 28 o tempo amanheceu bom, céu limpo e de um bello azul, intermeiado de nuvens brancas estratificadas. Pressão 745 mm., temperatura 25° C. e nebulosidade 2. Ao meio dia, hora em que desembarcamos em Porto Mojoli, a temperatura subiu a 30° C. tendo chovido torrencialmente das 16 ás 18 horas. A' noite o thermometro baixou a 26° C.

Porto Mojoli—Districto Policial de Guayra—Estado do Paraná.

A villa do Guayra, situada sob o tropico do Capricornio, numa latitude S de 24°, 8' 15'', com uma diferença de hora, para menos, de 47 minutos, comparada á do Rio de Janeiro, está 225 metros acima do nivel do mar. Quanto ao clima podemos fornecer dados mais completos desta zona, graças á gentileza do engenheiro da Empreza Mate-Laranjeira, Dr. SIDWELL WILSON, de cujas cadernetas copiamos, em resumo, os seguintes dados meteorologicos.

Anno de 1915

Mez de Fevereiro :

Temperatura minima.....	18° C.
Média das maximas.....	39° C.

Maxima absoluta..... 40° C.

Choveu durante muitos dias.

Mez de Março :

Média das mínimas..... 17,9° C.

Média das máximas..... 30,6° C.

Choveu em 5 dias. Céu limpo em 13 dias.

Mez de Abril :

Minima absoluta..... 2° C.

Maxima absoluta..... 25° C.

Nos mezes de Maio e Junho não foram registrados os dados mais importantes.

Mez de Julho :

Tempo bom, firme.

Média das mínimas..... 10,4° C.

Média das máximas..... 25,7° C.

Minima absoluta..... 0,0° C.

Maxima absoluta..... 33° C.

Mez de Agosto :

Minima absoluta..... 4° C.

Maxima absoluta..... 34° C.

Média das mínimas..... 15,1° C.

Média das máximas..... 30° C.

Bom tempo.

Mez de Setembro :

Minima absoluta..... 6° C.

Maxima absoluta..... 32° C.

Média das mínimas..... 14,6° C.

Média das máximas..... 26,7° C.

Céu enfumado pelas queimadas. Bom tempo.

Mez de Outubro :

Chuva 9 dias.

Mez de Novembro :

Chuva 7 dias.

Mez de Dezembro :

Maxima absoluta..... 34° C.

As observações meteorológicas, tomadas e registradas durante os primeiros mezes do anno de 1916, estavam tão incompletas que não achámos conveniente transcrevel-as. Limitamo-nos aos seguintes dados que nos pa-

receram mais interessantes: Durante o mez de Janeiro cahiram grandes chuvas em 11 dias e o céu manteve-se limpo do dia 9 a 16.

No mez de Fevereiro choveu em 14 dias e o tempo continuou chuvoso até fins de Maio, sem deixar de fazer calor.

No mez de Junho a temperatura baixou a 4 grãos e no mez de Julho a zero grão. No mez de Agosto a minima absoluta foi de 7° C. e a maxima absoluta chegou a 29° C.

Mez de Setembro :

Minima absoluta..... menos 3° C.

Maxima absoluta..... 35° C.

Média das mínimas..... 13,7° C.

Média das máximas..... 27,7° C.

Mez de Outubro :

Minima absoluta..... 10° C.

Maxima absoluta..... 31° C.

Média das mínimas..... 16,1° C.

Média das máximas..... 26,5° C.

Mez de Novembro :

Minima absoluta..... 15° C.

Maxima absoluta..... 36° C.

Mez de Dezembro :

Minima absoluta..... 10° C.

Maxima absoluta..... 36° C.

Média das mínimas..... 18,6° C.

Média das máximas..... 32° C.

Mez de Janeiro de 1917 :

Minima absoluta..... 10° C.

Maxima absoluta..... 39° C.

Média das mínimas..... 20° C.

Média das máximas..... 35° C.

Mez de Fevereiro :

Minima absoluta..... 13° C.

Maxima absoluta..... 34° C.

Média das mínimas..... 18° C.

Média das máximas..... 31,6° C.

Mez de Março :

Minima absoluta..... 14° C.

Maxima absoluta..... 36° C.

Média das mínimas..... 18,2° C.
 Média das máximas..... 31,2° C.

Mez de Abril:

Minima absoluta..... 8° C.
 Maxima absoluta..... 30° C.

Mez de Maio:

Minima absoluta..... 0° C.
 Maxima absoluta..... 23° C.

Nos mezes de Junho, Julho e Agosto de 1917 a temperatura minima foi de 3

grãos abaixo de zero tendo cahido grandes geadas.

Foi este o primeiro anno de inverno tão rigoroso aqui observado pelo engenheiro e pelo pessoal da Empreza Mate-Larangeira que vive nesta zona ha cerca de oito annos.

Durante a nossa estadia em Porto Moli tomámos as seguintes notas sobre o tempo:

Dias e horas	Pressão atmosph.	Temperatura	Tempo	Estado do céu
29 - I - às 8 h.	744 mm.	25° C.	Duvidoso	Nublado
15 h.	741	29°	"	"
16 h.			Chuva torrencial	
20 h.	743	24°		
30 - I - às 8 h.	744	23°	Duvidoso	Nublado
20 h.	743	23°	"	"
31 - I - às 8 h.	743	23°	"	"
18 h.	741	26°	Choviscou	Escuro
20 h.	742	25°	Chuva	Nublado
1 - II - às 8 h.	743	22°	"	"
16 h.	743,5	24°	"	"
20 h.	745	24°	"	"
2 - II - às 8 h.	746	25°	"	"
15 h.	745	28°	Sol	Limpo
20 h.	745	26°	Duvidoso	Nublado
3 - II - às 8 h.	745	25°	"	"
15 h.	742	26°	Chuva	"
20 h.	743	25°	"	"
4 - II - às 8 h.	744	24°	"	"
15 h.	741	25,5°	"	"
20 h.	741	25°	"	"
5 - II - às 8 h.	742	24°	"	"
15 h.	741	29°	Sol	"
20 h.	741	25°	Bom	Limpo
6 - II - às 8 h.	743	24°	"	"
15 h.	743	32°	Sol	"
20 h.	741	27°	Bom	"
7 - II - às 8 h.	743	24°	"	"
15 h.	745	31°	"	"
22 h.	745	28,5°	"	"

Cidade de Iguassú.

Altitude cerca de 170 m. Temperatura minima, observada nestes ultimos tempos, 4°

abaixo de zero, maxima 38° C. e raramente 40° C.

Durante os dias que permanecemos em Iguassú, cidade e saltos, registrámos os seguintes dados meteorologicos:

Dias e horas	Pressão	Temperatura	Estado do tempo	Estado do céu
9 - II - às 8 h.	745	25° C.	Chuvoso	Nublado
15 h.	749	25,5°	«	«
20 h.	749	23°	«	«
10 - II - às 8 h.	751	23°	«	«
15 h.	749	26°	Duvidoso	«
22 h.	747	25°	«	«
11 - II - às 8 h.	749	23°	Sol	Limpo
15 h.	747	27°	Bom, firme	«
20 h.	748	26°	« «	«
12 - II - às 8 h.	748	22°	« «	«
15 h.	747	28°	« «	«
20 h.	747	25,5°	« «	«
13 - II - às 8 h.	747	22°	Bom	«
15 h.	745	31,5°	«	«
20 h.	749	27°	«	«
14 - II - às 8 h.	749	23°	«	«
15 h.	747	34°	«	« Cidade
20 h.	747	30,5°	«	« «
15 - II - às 8 h.	747	31,5°	«	« P. Bertoni
20 h.	747	31°	«	« Cidade
16 - II - às 8 h.	748	24°	«	« «
15 h.	746	30°	Muita chuva	Nublado
20 h.	747	26°	«	«
17 - II - às 8 h.	748	23°	Duvidoso	«
14 h.	746	28°	«	«
22 h.	750	26°	Chuva	«
18 - II - às 8 h.	749	24°	Sol	Limpo
15 h.	746	30°	«	«
21 h.	748	24°	Duvidoso	Nublado
19 - II - às 8 h.	749	22°	«	«
15 h.	747	30,5°	Sol Chuva á tarde	Limpo
20 h.	747	27°	Bom	Limpo
20 - II - às 8 h.	748	23°	«	Neblina
15 h.	745	30,5°	«	Limpo
20 h.	751	28,5°	«	« A bordo

Considerações Geraes sobre o Clima.

Procurando conhecer o que se escreveu sobre o clima do Alto Paraná, encontrámos, no mapa das zonas thermicas de KOEPPEN, a inclusão de todo o territorio brasileiro da margem esquerda desse rio e parte do da margem direita, territorio de Matto-Grosso, na *ZONA SUB-TROPICAL*. Quanto ao territorio paraguayo e argentino da margem direita do Paraná, foi incluído na *ZONA TEMPERADA COM VERÃO QUENTE*. No livro sobre clima e molestias do Brazil, pu-

blicado em 1844 pelo Dr. J. F. X. SIGAUD não encontrámos referencias ao Alto Paraná, e tão pouco no livro sobre climas e geographia botanica de E. LIAIS, publicado em 1872. Como caracteres de *CLIMA SUB-TROPICAL* apresenta KOEPPEN: ausencia de inverno; uma temperatura média inferior a 20° C., pelo menos durante um mez e no maximo durante 8 mezes; notavel oscilação thermica e nenhum *maximum*, em que o calor seja sensivelmente mais forte do que na *ZONA TROPICAL*. Para EM. DE MAR-

TONNE climas sub-tropicaes são climas temperados, sem estação fria. Ora não é isto o que se observã no nosso territorio, comprehendido entre os rios Ivahy e Iguassú, pelo menos nestes ultimos annos. Os estudos de KOEPPEN foram publicados em 1884 e naturalmente realizados annos antes; por isso é possível que o clima do Alto Paraná se tenha modificado nestes ultimos tempos, sobretudo pelo povoamento da região e consequentes transformações das condições mesologicas, pela devastação das florestas etc. Pelas observações meteorologicas aqui registradas e referentes aos annos de 1915, 1916, 1917 e parte de 1918, vê-se que pode haver no Alto Paraná inverno, bem rigoroso e bastante prolongado, como se observou em 1916 e 1917. Notavel oscilação thermica e uma temperatura média, inferior a 20° C. durante alguns mezes, são tambem factos que lá se registram. Em 1915, o inverno começando em Abril, mez em que a minima absoluta foi de 2° C., e a maxima absoluta de 25° C., se prolongou até o mez de Agosto. Em Julho registrou-se como minima absoluta 0° C. e 33° C. como maxima absoluta. Em Agosto a minima absoluta subiu a 4° C. e a maxima absoluta não passou de 32° C.

No anno de 1916 fez calor até o mez de Maio e só em Junho a temperatura baixou a 4° C., chegando a zero grão em Julho. No mez de Agosto a minima absoluta foi de 7° C. e a maxima absoluta chegou a 29° C., para baixar em Setembro a menos 3° C. e subir a mais 35° C. Foram essas as temperaturas extremas do mez de Setembro. No anno de 1917 fez frio em Abril, com uma minima absoluta de 8° C., para baixar a zero em Maio e a 3° abaixo de zero nos mezes de Junho, Julho e Agosto, tendo cahido grandes geadas. Como se vê, uma região cujo inverno é tão rigoroso, não pode ser incluída nas zonas de climas sub-tropicaes, admitida a classificação de KOEPPEN. Ficou aqui bem patente a presença de inverno e de consideravel oscilação thermica no Alto e no Baixo Paraná brasileiros.

Quanto ao rigor do verão nessas zonas, basta citar alguns dados: Em Fevereiro de

1915 a média das maximas attingio a 39° C. e a maxima absoluta a 40° C. Estão aqui bem patentes os caracteres de um verão tropical. A maxima absoluta desse anno, em Agosto, foi de 34° C. e a média das maximas foi de 30° C., para baixar em Setembro a 32° a maxima absoluta e a 26° C. a média das maximas. Nos mezes de Outubro e Novembro, devido ás grandes chuvas, a temperatura não foi muito elevada. Em Dezembro, a maxima absoluta attingio a 34° C. Em 1916 a maxima absoluta de Setembro foi de 35° C., de 31° em Outubro e de 36° C. em Novembro e Dezembro. Em Janeiro de 1917, a maxima absoluta subiu a 39°, com uma média das maximas attingindo a 35° C., para baixar em Fevereiro a 34° a maxima absoluta e a 31° C. a média das maximas. Ainda em Março a maxima absoluta foi de 36° e a média das maximas de 31° C.

No mez de Fevereiro deste anno (1918) a maxima absoluta, por nos registrada, em Porto Mojoli, foi de 32° C., porém a primeira quinzena deste mez deu muita chuva.

KOEPPEN inclui nas *ZONAS TEMPERADAS* todos os climas tendo inverno e, no minimo, 8 mezes com uma temperatura média, inferior a 20° C., devidindo em seguida a zona temperada em 2 sub-zonas, caracterizada uma pela existencia de um verão tropical (3 mezes com uma média acima de 20° C.), outra por um inverno mais rigoroso. Dados os fatos que acabamos de referir, pode-se classificar o clima do Alto Paraná brasileiro de *CLIMA TEMPERADO COM VERÃO QUENTE*. Quanto ao rigor do inverno nessa região, esse fato deve correr por conta da latitude em que se acha e da sua distancia do oceano.

Nada, porém, de definitivo deve-se dizer por falta de observações meteorologicas rigorosas e perseverantes tomadas por muitos annos, porque em assumtos de climatologia só se devem tirar conclusões definitivas após longos annos de observações e estudos. Além disso as zonas thermicas de KOEPPEN foram baseadas nas fórmias de vegetação, emquanto que sómente os caracteres physicos devem servir, como diz MARTONNE,

de base a uma classificação de climas, cuja applicação a biogeographia deve vir depois. Estas considerações geraes visam especialmente a zona comprehendida entre o Districto de Guayra e a Fóz do Iguassú, no municipio deste nome. Junto aos Saltos do Iguassú, distantes, da séde da Comarca cerca de 5 leguas, o clima apresenta outros fatores que devem ser registrados. A altitude nessa região varia entre 150 e 170 metros; é portanto mais ou menos a mesma da cidade de Iguassú. Está verificado que é pela inconstancia hygrometrica que um clima se torna diretamente morbigeno.

Junto aos Saltos do Iguassú o estado hygroscopico eleva-se ao gráo de hypersaturação todas as manhãs e todas as tardes; como porém essa condição mesologica é constante, sente-se lá um bem estar indefinivel. Aquela neblina intensa, prolongando-se por muitas horas em cada dia, indica um estado de supersaturação da atmospheria, phenomeno physico que só se observa onde o ar é puro e não contém particulas solidas. O vento é, por sua vez, temperado pelo abrigo que as florestas circumdantes offerecem, e estimula a amplitude respiratoria.

A sensação de bem estar, o somno calmo e reconfortante, que lá se gosa, correm por conta sobretudo da humidade do ar e não do ruido monótono e constante da quéda das aguas, como parece á primeira vista.

O clima do territorio argentino, na proximidade dos Saltos, é identico ao que descrevemos; porém da Foz do Iguassú, rio Paraná abaixo, esse clima se torna igual ao do Paraguay, isto é o verdadeiro clima da bacia média do Paraná.

Clima do Paraguay.

KOEPPEN inclue na *ZONA TEMPERADA COM VERÃO QUENTE* todo o territorio paraguay e argentino da margem direita do rio Paraná. EM. DE MARTONNE classifica porém o clima da bacia média do Paraná e do Paraguay, baseado na constancia do calor e da humidade, de *CLIMA TROPICAL, TYPO CHINEZ*. Pelas infor-

mações, que nos forneceram, e pelas poucas observações, que fizemos, parece-nos estar a razão com EM. DE MARTONNE. Visitando o Porto Bertoni, propriedade do Dr. MOYSES BERTONI, primeira localidade paraguaya que aportámos, tivemos oportunidade de ver ahi a sua completa installação meterologica, fundada a sua custa, mas filiada á estação de Cordoba (Argentina), com aparelhos especiaes para tomar a temperatura do ar no meio da floresta, no seu estabelecimento scientifico (Bertoni é um naturalista que tem o seu herbario, o seu museu zoologico, etc. etc. no meio da floresta, em que habita ha 34 anos), a temperatura do solo e da agua do rio Paraná aparelhos para dosar as trocas gazozas das plantas e aparelhos para medir a intensidade da neblina, além dos psychrometros. Possui lá o Sr. Bertoni 3 estações meteorologicas, cada uma delas confiada a um observador.

O Porto Bertoni é situado a 27º de latitude Sul, numa altitude de 170 m. Fazia muito calor no dia da nossa visita e o Sr. Bertoni informou-nos que a temperatura tem atingido lá em varios annos e durante um ou mais mezes de verão, 41º e até 44º C. No verão actual (a nossa visita foi em Fevereiro de 1918), a temperatura ainda não tinha chegado a 40 grãos centigrados. No inverno passado o thermometro registrou 1º abaixo de zero, facto extraordinario para aquella região, segundo o Dr. Bertoni. No caminho, por onde se sobe da margem do rio Paraná até o estabelecimento do Sr. Bertoni, existem diversas estacas metalicas graduadas, destinadas a medir o nivel do rio durante as enchentes. A differença do nivel do rio Paraná, em Porto Bertoni, entre a maior enchente e a vasante maxima registrada até hoje foi de 41 metros. Durante a nossa estadia em Encarnação, a temperatura não foi muito elevada por motivo do tempo chuvoso que fazia. Na viagem de Encarnação a Assumpção, em estrada de ferro, registramos á sahida uma temperatura de 30º e 33º C. no meio do dia.

A altitude de Assumpção é de cerca de 100 metros acima do nivel do mar; a de Villa Rica, ponto central do Paraguay, de 164 m.;

a de S. Joaquim, o logar mais alto de todo o paiz, de 575 m.

A temperatura média annual, tomada em varias zonas do paiz, tem variado entre 24° e pouco mais de 25° C. Eis ahi uma temperatura tropical. A temperatura minima observada em São Bernadino, foi de 4° C. e a maxima absoluta, registrada em Porto Bertoni, foi de 44° C. á sombra.

Durante a nossa estadia em Assumpção e em S. Bernardino, tomámos a temperatura á sombra, 3 vezes ao dia, tendo obtido uma média de 29° C. A maxima que registrámos nessas duas semanas foi de 33° C. e a minima de 25°, 5 C. Foi isto nos ultimos dias de Fevereiro e nos primeiros dias de Março de 1918. O tempo correu sempre bom; insoação intensa e prolongada a mais de 10 horas; céo claro e limpo.

Informáram-nos que no Chaco e no Norte do Paraguay o calor é ainda mais forte que em Assumpção e no baixo Paraná. Não é sem razão que em Assumpção o trajo official é o brim de linho branco e que por todo o paiz tem-se o habito enraizado de dormir a sêsta, como aconselham os hygienistas europeus para os habitantes das zonas de clima tropical.

Capitulo II

Estado Sanitario.

Logo que iniciámos a nossa viagem, o chefe da nossa Commissão, determinou que eu me incumbisse das observações e estudos sobre o clima e o estado sanitario da região que iamós percorrer.

Para o bom desempenho dessa parte do nosso programma, levámos um pequeno laboratorio de excursão com todos os recursos para exames microscopicos e um sortimento de remedios para combater a Malaria e a Ankylostomíase, como também medicamentos e utensilios para medicina e cirurgia de urgencia. As despesas, feitas com aquisição desses medicamentos, que foram comprados em S. Paulo e destinados á distribuição gratuita, durante a excursão, correram por conta do Governo do Paraná, cujo Pre-

sidente, o illustre Dr. AFFONSO DE CAMARGO, concorrera também com um auxilio em dinheiro para as despesas da viagem do Dr. LUTZ e minhas, afim de não sobrecarregar a verba, estipulada pelo Dr. Director do Instituto para as despesas dos outros membros da Commissão e o transporte da sua grande bagagem de material necessario. Para o estudo, concenrente a este capitulo, no trecho que vae do Porto Jupia (E. de S. Paulo) até a cidade de Iguassú (E. do Paraná), dividimos o rio Paraná em Alto e Baixo Paraná, como aliás adotam os nossos geographos, zonas separadas pelos Saltos do Guayra, também chamados das Sete Quedas. E de facto, no ponto de vista medico, estas duas zonas, de topographias inteiramente diferentes, não obstante o clima ser o mesmo, oferecem dados e condições nosologicas um tanto especiaes.

Basta referir o fato seguinte, de capital importancia para a saúde das populações ribeirinhas, que a qualidade das aguas potaveis dessas duas zonas não é a mesma; quanto á endemicidade palúdica, eminentemente desigual nas duas zonas, della trataremos adiante. Em resumo, pode-se dizer que o estado sanitario actual do Alto Paraná é muito precario e o do Baixo Paraná é quasi optimo. Tendo sido a cidade de Baurú o nosso primeiro ponto de parada, ahi encetámos as nossas observações medicas.

Para facilitar o estudo da geographia medica da região per nós percorrida, dividimol-a em diversas partes, como segue:

1° Baurú e Noroeste; 2° Alto Paraná, comprehendendo: Tres Lagôas, Porto Tibiriçá, Porto Xavier, Porto Izabel e Porto Mojoli ou Districto do Guayra; 3° Baixo Paraná comprehendendo: Zororô, Porto Mendes, Porto Artaza, Bella Vista e Cidade de Iguassú; 4° Paraguay, Argentina e Uruguay; e 5° Rio Grande do Sul, Santa Catharina e Paraná.

1. Baurú e Noroeste.

DOENÇA DE CHAGAS: Pelas ultimas verificações sobre a distribuição geographica da Doença de Chagas (*Trypanosomíase americana*), na America do Sul, sabemol-a con-

hecida na Republica Argentina, na Republica de Salvador, no Paraguay, no Perú (nestes ultimos paizes foram encontrados barbeiros parasitados pelo *Trypanosoma cruzi* ha pouco tempo) e talvez em todas as demais republicas vizinhas, porque já foi encontrada até na America Central.

Quanto ao Brazil a doença de Chagas parece ser endemica, com maior ou menor intensidade, em todos os Estados da nossa Republica.

A. SAINT-HILAIRE verificou a existencia do bocio, em grande abundancia, nos Estados de Goyaz, Minas e S. Paulo, nos ultimos annos da primeira metade do seculo 19. MARTIUS tambem deixou documentos, que atestam a sua grande frequencia em S. Paulo. SIGAUD, medico de D. Pedro II, deu a publicidade em 1844 ao seu livro "Du climat et des Maladies du Brésil", no qual encontramos referencias seguras sobre a grande frequencia do bocio em S. Paulo e no Rio Grande do Sul, dando para S. Paulo como principaes focos naquella epocha as cidades de Jundiahy, Jacarehy e Mogi-Mirim. Quanto ao Rio Grande, diz SIGAUD, que 20 annos antes da publicação do seu trabalho era lá pouco frequente o bocio, mas que ele augmentara e se disseminara muito nos ultimos 20 annos, portanto de 1824—44. Os trabalhos de CARLOS CHAGAS atestam tambem a extraordinaria frequencia dessa doença no Estado de Minas onde o sabio patricio fez os seus primeiros e ultimos estudos, que vieram esclarecer tudo quanto a ella se refere. ARTHUR NEIVA, nos seus ultimos trabalhos, atesta a enorme frequencia e disseminação da doença de Chagas em Goyaz, estado que o autor considera o mais flagellado de todo o Brazil. De S. Paulo têm sahido nestes ultimos tempos muitas observações e trabalhos sobre a frequencia do mesmo mal e a distribuição dos *barbeiros* no Estado. Ainda ha poucos mezes sahio á luz uma observação de um interessante caso agudo dessá doença, publicada pelo Dr. EURICO VILLELA no Brazil Medico de 2 de Março de 1918. Tratava-se de um caso agudo da doença de CHAGAS com lesões cutaneas.

Não nos surpreendeu portanto sabermol-a existente em Baurú e municipios vizinhos. De Pirajú ja tinham enviado ao Instituto exemplares de *Triatoma megista* BURM.

Informáram-nos que a 2 leguas de Baurú existem um grande foco de barbeiros e muitos casos de bocio. No lugar denominado Pantano, municipio de Piratininga, a cerca de 4 leguas de Baurú, dizem os medicos desta cidade existir o bocio em abundancia e barbeiros das 2 especies mais nocivas, a *Triatoma megista* BURM. e a *T. infestans* KLUG. O Dr. LUTZ e eu chegámos a montar a cavallo numa manhã para irmos ao Pantano, mas os animaes eram tão ruins e tão lerdos, que perdemos a esperanza de chegar nesse lugar no mesmo dia; por isso limitámo-nos a visitar a fazenda "Val de Palmas", da firma ZERRENNER, BUELOW & Com. E' uma das mais importantes da zona e tem 1.000.000 de pés de café, 40 alqueires de plantações diversas e cerca de 2500 trabalhadores. Essa empreza tem medico e pharmacia, junta á sede da administração. O estado sanitario do pessoal desta fazenda é satisfatorio. Voltámos a tardinha para Baurú em trem da Noroeste. De Baurú até o rio Paraná viaja-se, em trens da Noroeste, durante quasi 2 dias e nesse percurso existem ja povoações e cidadellas bem desenvolvidas e bem habitadas. Nesse longo trecho, que muita coisa interessante deve oferecer quanto á doença de Chagas, á Leishmaniose e á Malaria, não poudemos nos deter por motivo da partida do vapor que nos devia levar de Jupia até Tibiriçá e que estava marcada para o dia 20. E' pena que essa viagem seja feita apenas 2 vezes por mez, sendo as partidas de Jupia nos dias 4 e 20.

IMPALUDISMO E ANKYLOSTOMIASSE: Na zona comprehendida entre Baurú e o rio Paraná, são estas duas doenças os principaes flagellos dos seus habitantes e o entrave do seu progresso immediato. No Hospital de Baurú que visitámos em companhia do Dr. CASTRO GOYANA, clinico local, encontrámos diversos casos de impaludismo chronico com recahidas e outros de ankylostomiase, alguns deles bem graves. O exame

coprológico de material dalguns desses doentes, feito pelo Dr. O. DA FONSECA, revelou a presença de polyhelminthiase e também de alguns flagellados que muito interessaram: esse nosso companheiro de excursão. Para o Hospital Baurú vão, cada anno, centenaes de impaludados, não só desse municipio como também de toda a zona marginal do rio Tiêtê e de todo o ramal ferreo da Noroeste. Nos hospitaes de S. Paulo a quasi totalidade dos casos de impaludismo é de procedencia da Noroeste, e na sua maioria apresentam crescentes no sangue peripherico, indicando soffrerem de terça maligna. Esses fatos são provas de que a E. F. Noroeste atravessa uma zona francamente palúdica.

Quando chegámos ao Porto Jupia, no barranco do rio Paraná, o agente da estação pedio-nos para irmos ver alguns doentes de malária, que estavam com febre e passando mal. Fomos immediatamente e verificámos tratar-se de casos de impaludismo chronico, com recahida. Fizemos-lhes injeções de chlohydro-sulphato de quinina de DUCATTE e fornecemos-lhes, em abundancia, comprimidos de bi-sulphato do mesmo alcaloide. A senhora do agente da empreza de navegação do Rio Paraná que era a doente mais grave, resolveu acompanhar-nos até Tibiriçá para aproveitar a nossa estadia neste porto e tomar uma serie de injeções de um sal de quinina e outra de azul de methylenio, tratamento associado que fazemos quasi sempre nos casos chronicos de Malária, com repetidas recahidas, alta anemia e debilidade geral accentuada. Em Jupia informaram-nos existir o impaludismo todo o anno, tornando-se em certas epochas muito mortifero. Não é de balde que a zona comprehendida entre a estação de Itapura e o Porto Jupia está inteiramente deshabitada. Obras de saneamento nesta região são dificeis, dadas as suas condições topographicas, com dous grandes rios, o Tietê e o Paraná, que se espraíam nas suas margens, formando grandes alagadiços, eternos viveiros de culicídeos, grandes florestas, que margeiam a estrada de ferro e limitado

numero de habitantes no extremo dessa linha ferrea.

Pode-se entretanto aconselhar a fundação em Araçatuba, que é mais ou menos a parte média do ramal Noroeste, de um posto medico fixo destinado ao tratamento gratuito, de todos os casos de malária, sem descuidar comtudo de outras enfermidades ahi endemicas, taes como a leishmaniose e as verminoses. Depois de combater uma vasta e lethifera epidemia de impaludismo no Norte do Paraná, fundámos e dirigimos durante meio anno, um posto antipaludico nessa zona; vimos o quanto elle foi util e hoje aconselhamos que se fundem diversos desses postos em todas as regiões paludicas do nosso paiz. Desse modo um posto antipaludico em Araçatuba traria enormes beneficios á zona, evitando, pela cura dos casos chronicos de malária e pelo tratamento oportuno dos casos agudos, os actuaes surtos epidemicos; pela applicação scientifica da quinina, evitaria também a formação de raças de hematozoarios quinino-resistentes e, finalmente, concorreria poderosamente para o povoamento dessa fertil zona e para o progresso agricola consecutivo. Dá gosto, apreciar-se as grandes plantações, já existentes de cada lado da Noroeste, no trecho que vae desde Baurú até pouco além de Araçatuba; esse desenvolvimento agricola não chegou ainda á barranca do rio Paraná, não é porque o terreno seja ahi menos fertil, mas sim porque a malária se apresenta como um invencivel obstaculo.

DERMATOLOGIA: Encontrámos no Hospital de Baurú, 4 casos de *Leishmaniose cutanea* e na Estação de Nogueira, quando em viagem para Araçatuba, 1 caso de *leishmaniose* da mucosa. Tratava-se de 1 homem de 45 annos, com o nariz completamente deformado pela *leishmaniose*, apresentando um aspecto feio e repugnante. Era elle o encarregado do botequim dessa estação.

O Dr. CASTRO GOYANA informou-nos, que, ás vezes, existem internados no hospital 6 a 10 doentes de *leishmaniose* tegumentar, todos vindos da Noroeste, a chamada região dos *biriguis* (*Phlebotomus*). Em

Baurú propriamente não ha focos de leishmaniose; os primeiros casos dessa dermatose eram procedentes do ramal Noroeste e embarcavam em Baurú com destino a S. Paulo, onde iam se tratar. Chegando á capital paulista diziam-se procedentes de Baurú, por ter sido este o ponto de embarque e dahi veio o baptismo *ulcera de Baurú* impropriamente dado a *leishmaniose*, denominação que está se generalizando sobremodo. Agora que conhecemos perfeitamente bem a etiologia dessa dermatose e também a sua immensa distribuição geographica, que abrange toda ou quasi toda a America do Sul, é tempo de destitui-la desse apelido de *ulcera de Baurú* que da uma noção inteiramente erronea. É preferivel chamal-a de *leishmaniose americana*, emquanto não for identificado biologicamente o seu parasito ao do *botão do Oriente*, a *leishmania tropica* WRIGHT, como aliás é a tendencia actual. No livro que A. LAVERAN publicou em fins de 1917 sobre "*leishmanioses*", vem um pequeno estudo de compilação sobre a *leishmaniose americana*, o qual não está absolutamente na altura dos nossos conhecimentos actuaes sobre essa doença. LAVERAN faria obra meritoria, se tivesse incumbido da redação desse importante capitulo do seu valioso tratado, a um dos nossos dermatologistas que podia ser AD. LINDENBERG ou ED. RABELLO. LINDENBERG é quem até hoje tem estudado maior numero de casos de leishmaniose entre nós, e RABELLO quem mais se tem interessado pela parte clinica dessa dermatose, que é de toda a America do Sul, mas que não é igualmente bem conhecida em todos os paizes sul-americanos.

LAVERAN servio-se, para o estudo clinico, etiológico e anatomo-pathologico da *leishmaniose americana*, de trabalhos publicados por autores deste continente, nos quaes se reconhecem hoje erros imperdoaveis. A pagina 471 no seu livro, diz A. LAVERAN: "A' la suite de ces observations, une conclusion s'imposait, c'est que l'*espundia* était une *leishmaniose*; il resulte toutefois d'une nouvelle communication d'ESCOMEL que sous le nom d'*espundia* on confond au Pérou,

comme sous celui de *buba* au Brésil, une *blastomycose* avec la "*leishmaniose ulcereuse*". Neste ponto os Drs. LAVERAN e ESCOMEL estão enganados.

No Brazil não se confunde a *blastomycose* com a *leishmaniose* e ainda muito menos a *buba* com a *leishmaniose*. No Brazil, nós medicos, chamamos de *buba* a *framboesia tropica*, doença muito bem estudada entre nos e conhecida ha dezenas de annos. A distincção scientifica absoluta entre *blastomycose* e *leishmaniose* também já se faz aqui ha mais de 10 annos.

O povo chama porém, de *buba* não so a *framboesia tropica*, causada pelo *Treponema pertenue* CASTELLANI, mas também a *sypilis* quando esta apresenta placas mucosas. No Paraguay, onde estivemos ha poucos mezes, verificámos que não só o povo, mas também os medicos chamam de *Buba* a *leishmaniose* e de *bubaticos* os respectivos portadores de lesões caracteristicas. Dada essa designação de *buba* da *leishmaniose* no Paraguay, MIGONE pensa ser ela adotada entre nós como identico sentido. A prova disso encontra-se a pagina 211 do Bull. de la Soc. de Pathol. Exotique, de 13—III—913, onde MIGONE, estudando a *leishmaniose* no Paraguay, pretende esclarecer fatos referentes a sua historia e epidemiologia, citando trabalhos de autores brasileiros sobre "*framboesia tropica*", que elle confunde com a *leishmaniose*. Nos hospitaes de Assumpção, interrogando os medicos sobre a frequencia da verdadeira *buba*, a *framboesia tropica*, no Paraguay, todos responderam-nos desconhecer essa doença. E' provavel que ella não seja lá muito frequente, dada a pequena introdução de escravos africanos naquelle paiz, verificado como está, que foram elles que nos trouxeram essa dermatose. Voltaremos a esse assumpto e a outros que com elle se relacionam, quando tratarmos das nossas observações medicas feitas em Assumpção.

Quanto á etiologia da *leishmaniose* os estudos dos autores paulistas identificaram-na ao *botão do Oriente*, em 1909.

CARINI, PARANHOS e A. LINDENBERG, nos seus trabalhos publicados em

1909, referem ter encontrado uma *Leishmania* do tipo da *Leishmania tropica*.

Em 1910, A. PEDROSO e DIAS DA SILVA conseguiram isolar em agar com sangue, meio de MAC-NEAL, uma *Leishmania*, que os autores dizem ser a mesma *Leishmania tropica*, causadora do botão do Oriente. Até este ano PEDROSO tem isolado muitas vezes a mesma *Leishmania*, sempre de fragmentos de tecido de lesões *leishmanioticas* em cicatrização, e continua a manter a mesma opinião ha annos expendida, de que ella é a mesma *Leishmania tropica* de WRIGHT. Em 1911 GASPAR VIANNA, estudando material de um doente de *leishmaniose* de Minas Geraes, encontrou nelle uma *Leishmania* que considerou um tanto diferente da *Leishmania tropica*, dando-lhe o nome *Leishmania brasiliensis* (Braz. Med. I—XI-911). Em 1914 G. VIANNA, estudando um corte de pelle do nariz de um cão de Pedroso, infetado com *leishmaniose*, encontrou de novo a mesma *Leishmania* que elle designara de *Leishmania brasiliensis* em 1911, considerando-a então vizinha do *Trypanosoma Cruzi* (Memorias do I. O. Cruz, T. VI-pp. 40-42).

Em 1912 LAVERAN e NATTAN-LARRIER publicaram o resultado de estudos de cortes e frottis de ulcerações cutaneas e mucosas de um caso de *espundia*, material enviado de Perú pelo Dr. ESCOMEL, referindo terem encontrado uma *Leishmania* que lhes pareceu diferir ligeiramente da *Leishmania tropica* e a qual eles propuzeram o nome de *L. tropica var. americana*.

ESCOMEL relata nos seus trabalhos, publicados em 1913-14, ter encontrado 3 vezes, em ulceras cutaneas de *leishmanioticos* do Perú, uma *Leishmania* provida de curtos flagellos, a qual elle denominou *L. americana var. flagellata*. Outros autores admitem ser a *leishmaniose americana* causada ora pela *Leishmania tropica* ora pela *L. brasiliensis*. Isto não é provavel, porque clinicamente a *leishmaniose americana* é identica em todos os paizes sul-americanos. Os casos, que conhecemos na Argentina e no Paraguay, em nada diferiam dos innumerados casos que vimos e estudámos no Brazil.

Dr. D'UTRA E SILVA diz ter visto no Uruguay casos de *Leishmaniose* igual á nossa. O Dr. GUILHERME ALMENARA que está actualmente fazendo estudos em Manguinhos, prestou-nos identica informação quanto á *leishmaniose* do seu paiz, o Perú. Logo, a *Leishmaniose americana* é uma só e mesma doença. Si o seu agente pathologico não fôr a *Leishmania tropica*, (o que não parece, dada a dissemelhança clinica entre a *leishmaniose americana* e o Botão do Oriente), então deve-se conservar para esse parasito o nome de *leishmania brasiliensis* VIANNA 1911, por direito de prioridade. LAVERAN, no seu trabalho acima citado, mostra-se favoravel a admitir a existencia de uma raça de *Leishmania* com predileção especial pelas mucosas naso-buco-pharingeas e mais virulenta que a *L. tropica*.

Não pensam desse modo os nossos dermatologistas que consideram o parasito da nossa *leishmaniose* identico ao parasito do botão do Oriente, a *leishmaniose tropica* WRIGHT, e assim esperam dentro de breve tempo, talvez antes mesmo de verificado o modo de transmissão da *leishmaniose*, ver este capitulo da dermatologia moderna muito simplificado pela identificação de molestias apresentando grosseira dissemelhança morphologica entre si, mas produzidas por um mesmo agente pathogenico que existe nas diversas partes do globo. Em conversa, ha poucos dias, com o Prof. ED. RABELLO, juntamente com o Dr. ALMENARA, verificámos ser essa a opinião desses distintos colegas. Não pensam, porém, do mesmo modo os protozoologistas que, para a distinção de especies de *Trypanosoma*, não se baseiam simplesmente na sua morphologia. O jovem protozoologista Dr. O. DA FONSECA filho, nosso companheiro de viagem ao Paraguay, ouvido sobre isso, respondeu-nos, por escripto, o seguinte: "O genero *Leishmania* apresenta com o genero *Trypanosoma* taes connexões sob o ponto de vista de sua posição zoologica, que não é possibile distinguir uma forma aflagellada deste ultimo de uma forma typica daquelle. Si não adoptamos em protozoologia, salvo a opinião

isolada de ALEXEIEFF, os caracteres morphologicos como unico criterio distintivo entre as diversas especies de *Trypanosoma*, muito logico nos parece que a identidade morphologica das formas americanas e asiatica de *Leishmania* não seja um argumento solido para se concluir pela sua identidade especifica”.

Quanto á *Lepra* vimos no Hospital de Baurú um caso classico de lepra mutilante, do qual juntamos uma photographia. Este doente estava sujeito a um tratamento anti-syphilitico. Informaram-nos que existem outros casos de lepra no municipio de Baurú e redondezas. Ha pouco tempo estiveram tambem em tratamento no hospital 2 doentes de *granuloma venéreo* da forma hypertrophica com lesões nos órgãos genitales e regiões vizinhas. Foram ambos curados com injeções de tartaro emetico. Casos de *ulcera tropical*, devida á associação fusospirillar de VINCENT, são, em certas epochas do anno, muito communs em toda a zona. Quando lá estivemos vimos apenas um caso no Hospital. Nas fazendas dos arredores e de todo o municipio de Baurú existem muitos casos de ulcers banaes, quasi sempre devidas a mordeduras de insetos ou varios traumatismos; só se cicatrizam com grande dificuldade, devido ao estado de anemia desses individuos que são quasi sempre portadores de polyhelminthiase. A *syphilis*, a *blennorrhagia* etc. são tambem communs nessa região.

OUTRAS DOENÇAS: Em Baurú não são muito raros os casos de *trachoma* de *dysenteria amebica*, de *febre typhoide* etc.

2. Alto Pavaná.

TRES LAGOAS: Esta cidade de Matto Grosso está a cerca de 10 kilometros da barranca do rio Paraná numa altitude de 250 m. Foi este o nosso 2º ponto de parada. O lugar é novo e de muito movimento commercial. Ha muitos trabalhadores, empregados na construção da grande ponte metalica sobre o Paraná. A cidade fica numa planicie e, quando lá chegámos, estava alagada por grandes chuvas e parecia ter mil lagôas.

Logo que chegámos ao Hotel dos Viajantes, onde nós nos hospedámos, indagámos se havia *barbeiros* e responderam-nos que havia muitos no proprio hotel e dependencias, sobretudo nos gallinheiros. A casa era de tijolos, pelo menos a parte onde estavam alojados, mas tomámos algumas medidas de defeza porque a casa não tinha forro. Quando jantavamos á noite, percebemos a presença de mosquitos que, pelo modo de picar, suspeitámos, ser *Stegomyias*. Na manhã seguinte, 20 de Janeiro, conseguimos, nas proprias dependencias do Hotel, uma boa coleção de barbeiros da especie *Triatoma sordida* STAL e outra de *Stegomyia calopus* MEIGEN.

Estavamos portanto em presença de um transmissor da Doença de Chagas, como provou á saciedade o Dr. A. NEIVA, infectando cobaya em 8 dias, pela deposição na conjuntiva desse animal de fezes dessa especie contendo o *Trypanosoma cruzi* (Braz. Med. de Agosto de 1913).

Á pagina 120 do Fasc. III, Tomo VIII, anno 1910 das Memorias do I. O. Cruz, o Dr. NEIVA refere, só ter encontrado a *Triatoma sordida* junto ou proximo a cursos de agua. Eis aqui um grande foco de *Triatoma sordida* em lugar cercado de lagoas e proximo a um grande curso d'agua, o rio Paraná. NEIVA supõe no mesmo trabalho que acabamos de citar, que, para os barbeiros se infetarem, a condição indispensavel é a presença d'agua e que esta relação parece ser uma condição mesologica exigida pelo *Trypanosoma Cruzi*. O grande foco de *Barbeiros* (*Triatoma megista* BURM.), que descobrimos no Norte do Estado do Paraná (Abril 1917) está espalhado pelas duas velhas aldeias, Jatahy e S. Pedro d'Alcantara, situadas nas margens do rio Tibagy. Nessas duas velhas colonias militares, do tempo do imperio, só encontrámos *Triatoma megista* e, como de regra, em grande abundancia, em todas as velhas casas com paredes de barro (chamadas paredes francezas), habitadas os não.

Em toda aquela região do municipio do Tibagy existe o bocio em quasi todas as

casas. Infelizmente o lote de *barbeiros* que nessa ocasião enviámos ao Instituto, não chegou em condições de se verificar, si havia exemplares infetados. Pretendemos visitar de novo essa zona. Ainda em viagem de estudos pelo Sul, (prolongamento da expedição ao Alto Paraná) poudemos estudar diversos exemplares de *Triatoma infestans* KLUG de Uruguayana, Rio Grande do Sul. Este municipio é banhado pelo rio Uruguay e abunda em *barbeiros* da especie acima, conforme nos informou o Dr. FRANCISCO ORCY, de quem esperamos a remessa de maior numero de exemplares, para verificar se estão ou não infetados. O bocio tambem é commum nessa região. Em Porto Alegre examinámos um exemplar de *Triatoma infestans*, procedente de San Sepé e infetado com *Tripanosoma Cruzi*. Em Tres Lagôas procurámos o Dr. JORGE DA CUNHA, clínico nesse lugar, ha alguns anos, e ele nos prestou algumas informações sobre diversos assumptos medicos. O Dr. CUNHA confirmou o que todo o mundo nos asseverou, quanto á grande abundancia da *Barbeiros*. Refere tambem o Dr. CUNHA, ter visto em Tres Lagôas uma familia vinda de Corumbá, cujos membros estavam todos sofrendo da *Doença de Chagas*; ele tem verificado em sua clinica alguns casos de *papeira*, sobretudo dentre os syrios; estes papos tem curado, logo nos primeiros tempos, com applicações de tintura de iodo.

O Dr. CUNHA informou-nos que, em Tres Lagôas, as molestias predominantes são tambem o *impaludismo* e a *ankylostomíase*. No ultimo verão teve casos de *malaria* na propria cidade, mas na sua maioria eles vêm da barranca do rio Paraná e do ramal de Noroéste do Brazil, como tambem os casos de *leishmaniose* que tem tratado. Quanto ao resto não interessa.

PORTO TIBIRIÇÁ (S. Paulo) : Este porto, que fica na margem esquerda do Paraná, está situado defronte do Rio Pardo e numa altitude de 270 m. acima do nivel do mar. Tibiriçá fica a 22 leguas de *Indiana*, ultima estação da *Sorocabana*; é a séde da *Companhia de Navegação S. Paulo - Matto Grosso*. Conta-se ahi pouco mais de 20 ha-

bitações, quasi todas casas de madeira, 1 armazem, 1 hotel e 1 pequena pharmacia, tudo pertencente á referida empreza. Tibiriçá tem agua encanada em todas as casas ou na proximidade dellas. Essa agua é obtida de um poço de nascente na margem do Paraná, de onde é aspirada por meio de bomba a vapor e levada a 4 reservatorios, de 1000 litros cada um, donde se faz a distribuição ás habitações. A distribuição é continua e o gasto diario parece não exceder 5000 litros. A agua fornecida á população de Tibiriçá é melhor que todas as aguas existentes nas povoações que lhe ficam acima.

Em Tibiriçá havia em Fevereiro 98 habitantes, sendo 56 homens, 16 mulheres e 26 creanças. A empreza prohibe o uso do alcool a todos os habitantes desse sympathico reduto. Esta alta medida social e economica devia ser adotada em todas as emprezas ruraes, porque de todos os vicios, o que maiores males produz aos nossos sertanejos é o alcoolismo.

Estado sanitario. Pelos exames clinicos e hematolojicos, que fizemos em Porto Tibiriçá e pelo exame do baço de muitas creanças, verificámos ser bastante elevado o indice endemico palustre nesse lugar, que calculamos em 40 % de toda a população; annos ha, conforme informou-nos o pharmaceutico da empreza, que essa porcentagem vae muito além.

Tratámos durante os 5 dias que lá nos demorámos 38 doentes, na sua maioria de *malaria*, alguns de *ankylostomíase* e outros banaes, incluindo 2 de syphilis e 1 de mal de engasgo, cuja observação vae adeante. Os casos agudos de impaludismo eram todos entre os trabalhadores, em cujo rancho capturámos diversas anophelinas do genero *Cellia*, predominando a *C. albimana* WIED. Fizemos muitos exames de sangue, encontrando algumas vezes o parasito da terçã maligna, *Plasmodium falciparum* SCHAU-DINN, e muitas o hematozoario da terçã benigna, *P. vivax* GRASSI & FELETTI; nunca observámos o parasito da febre quartã.

Aconselhámos ao gerente do porto, Sr. OVIDIO BRAGA, a execução de diversas

medidas, afim de evitar epidemias de malária em um lugar tão bem situado e dispondo de uma farmacia, um pratico e outros recursos importantes. O rancho, em que residem os trabalhadores das oficinas e dos campos, é miseravel em todos os sentidos. Quanto ás outras habitações elas são bem soffríveis. Não havia em Tibiriçá nenhum caso de *bocio*, nem de *lepra*, *leishmaniose* ou qualquer outra ulcera. Não havia lá nem *barbeiros*, nem *Phlebotomus*. No dia 22 de Janeiro, primeiro da parada em Tibiriçá, logo de manhã appareceu á consulta um doente de *mal de engasgo* ou *Dysphagia spasmodica*. Era ele o primeiro enfermo que nos procurava, natural da Bahia, com 28 annos, residindo ha 8 no Estado de S. Paulo. Como antecedentes pessoaes refere ter tido diversas molestias de infancia e, em moço, *blennorrhagia* e *cancros molles*, acompanhados de *adenites*. Teve *impaludismo* repetidas vezes,

Apresentava diversas cicatrizes nas pernas, estava em estado de grande anemia, soffria tonteiras, perturbações visuaes e não podia se alimentar.

Ha 2 annos que soffria de mal de engasgo. Nos primeiros tempos o soffrimento era insignificante, mas atualmente ele vae se intensificando cada vez mais, de modo a já não poder se alimentar. Come 2 vezes por dia e apenas aos pequenos bocados, que só deglute por meio de góles dagua.

Quando consegue deglutir, sente parar o bôlo alimentar na parte mediana do esophago e só consegue fazel-o chegar ao estomago bebendo bastante agua; ás vezes, mesmo assim, vomita tudo, o bôlo alimentar voltando acompanhado da agua. Uma vez ou outra consegue almoçar ou jantar, deglutindo os alimentos aos pouquinhos, sem necessidade de agua; isto acontece sobretudo quando está distrahido e não pensa no seu mal. A regra, porém, é só comer auxiliando a deglutição com repetidos góles de agua.

O Dr. LUTZ e eu examinámos detidamente este doente, e pareceu-nos ser um caso de *Dysphagia Spasmodica*.

Na viagem de Tibiriçá a Porto Mojoli, que fizemos em embarcações da Empresa

Matte-Laranjeira, com 16 tripolantes (es quaes permaneceram na barranca do Paraná, de frente de Trez Lagôas, nada menos de meio mez), observámos entre eles diversos doentes de malária e quasi sempre de terçã maligna. Quatro deles passaram muito mal durante a viagem e a febre só cedeu depois de diversas injeções intramusculares de quinino. Desses tripolantes da lancha e das chatas ainda cahiram mais alguns com febre, em Porto Mojoli, dias depois da nossa chegada. Felizmente não tivemos nenhum caso fatal. Desde que começámos a descer o rio Paraná, entrámos no uso preventivo de quinino, o Dr. FONSECA, eu e o ajudante VASCONCELLOS.

Só o Dr. LUTZ não fez uso de quinino por não suportar bem esse medicamento. No correr dessa viagem tambem cahio doente o Sr. RICARDO MENDES GONÇALVES, chefe das embarcações e representante daquela empreza de Mojoli.

PORTO XAVIER. Este porto fica na margem esquerda do Paraná, entre as fôzes dos rios paranenses Ivahy e Veado. Não é mais que uma grande area roçada, no meio da floresta; esse porto foi fundado ahi pelo Lloyd Paranaense, para ser usado no transporte de gado de Matto Grosso para o Estado do Paraná, logo que esteja terminada a estrada em construção (de cerca de 70 leguas) que vem da cidade de Guarapuava, para esse ponto, denominado Porto Xavier. A 2 kilometros daqui ha, na margem direita do rio Veado, portanto no municipio de Guarapuava, um tôlido de indios Cayuás ou Cayguás. Fomos visitar o seu aldeamento. Eram eles em numero de 15, habitando a mesma chóça, cuja descrição vem na parte geral, acompanhada de algumas fotografias. Alguns desses indios, soffriam sériamente de impaludismo. Deixámos-lhes uma porção de comprimidos de quinino. Não encontrámos neles nenhuma molestia da pele e nenhum caso de *bocio*. Esta ausencia de *bocio* entre os indios tem sido verificada por todos os excursionistas, em diversas rejões do Brazil. Em Abril de 1917, quando estivemos combatendo uma epidemia de malária no Norte do Estado de

Paraná, tivemos oportunidade de examinar e tratar, em S. Jeronymo, Jatahy e S. Pedro d'Alcantara, muitos indios das raças *Guarani*, *Cayuás* e *Corôados*. Em nenhum indio dessas 3 raças, habitando logares diferentes, encontrámos sequer um caso de bocio ou de lepra.

Os indios *Cayuás* que formavam, ha pouco tempo, grande reduto nos campos do Mourão, municipio de Guarapuava, zona situada entre os rios Tibagy e Ivahy, estão hoje reduzidos a um pequeno nucleo, porque a malária os tem devastado inclementemente. Na epidemia de 1917 morreram 22 indios dessa tribu, ficando quasi só mulheres e creanças.

A não ser os indios, os demais habitantes do Jatahy, negros e brancos, sofrem de bocio em alta porcentagem e em toda essa região existem *barbeiros*, em grande abundancia. Eis ahi a questão da habitação, as paredes de barro concorrendo para a presença do bocio e dos *barbeiros*.

PORTO IZABEL. Este porto foi fundado em Janeiro passado, na barranca matogrossense do rio Paraná, pouco abaixo da foz do rio Igoatemy e é um departamento de trabalho da Empresa Mate-Laranjeira, destinado sobretudo a servir de estação intermediaria de Porto Mojoli, no concernente á importação de mercadorias de S. Paulo, destinadas ás suas sucursaes de Mato-Grosso. Havia lá em construção uma boa casa de madeira e um armazem, em cujo serviço estavam empregados uns 20 e tantos trabalhadores, na sua grande maioria paraguayos, dos quaes alguns sofrendo de impaludismo. Um deles tinha grande bocio bilobado.

PORTO MOJOLI (DISTRITO DE GUAYRA). Este porto está situado na margem esquerda do Paraná, poucos kilometros acima dos Saltos do Guayra ou das Sete Quédas, numa altitude de 225 m. O porto Mojoli foi fundado em 1909 e tem hoje cerca de 1300 habitantes, na sua imensa maioria paraguayos e correntinos. Disseram-nos haver lá, occupados nos diversos trabalhos da Empresa Mate-Laranjeira, que é a proprietaria de tudo, cerca de 800 homens (dos quaes 200 estão

sempre viajando para os hervaes de Mato-Grosso), 280 mulheres e 350 creanças. Quanto ás habitações, já se estão construindo boas casas de tijolos; todavia a maioria das agora existentes são de construção provisoria, feitas de taquarussú e cobertas de capim. O fornecimento de generos alimenticios é bem feito e ha carne verde todos os dias.

O serviço de agua tambem é bem organizado e o liquido distribuido de excelente qualidade. Basta dizer-se que de S. Paulo até Mojoli a melhor agua que encontrámos para uso foi a deste porto. A agua é captada directamente dum manancial de uns 300 metros de distancia e recebida por gravidade, com uma queda de 3 metros, num tanque de 25.000 litros.

Deste tanque a agua é levada ao reservatorio central de 35.000 litros, situado num morro fora da vila e numa altura de 25 metros, por meio de bomba a vapor. Do reservatorio central a distribuição é continua para os diversos pontos do povoado. Visitámos as obras de captação e distribuição de agua com o engenheiro da Empresa Sr. SIDWELL WILSON e o Sr. J. JARA.

Na mesma ocasião visitámos as novas latrinas que se estão construindo no quartirão da parte nova do districto. São grandes e profundos buracos de 2 metros quadrados de boca por 10 de profundidade com 2 assentos separados por uma parede e tudo protegido por uma boa casinha de madeira com 2 entradas. A empresa mantem em Mojoli bem sortidos armazens de mercadorias para fornecimento aos seus empregados e operarios, padaria e açougue grande. Visitámos o matadouro que está muito perto da vila e não obedece ás regras de hygiene. Ahi se vem couros estaqueiados secando ao sol ás dezenas. Esses couros e as partes despezçadas, taes como os intestinos, unhas etc. das rezes, exhalam um fedor insuportavel.

Os urubús são ahi extraordinariamente abundantes.

Se de um lado os operarios da empresa ganham pouco, doutro lado têm a vantagem de não ser explorados no fornecimento dos

generos alimenticios e outros tambem de primeira necessidade. A empreza fornece carne verde de excellente gado, importado de Matto Grosso, a 250 reis o kilo; arroz brasileiro a 600 reis o kilo e assucar branco a 800 e 1000 reis o kilogramo e tudo o mais nessa proporção. Como se vê, dada a distancia dos centros produtores e a dificuldade de transporte, esses preços são muito moderados.

Na cidade de Iguassú, como veremos adeante, os mesmos artigos importados dos centros commerciaes do nosso paiz, mas muito sobrecarregados de impostos e fretes, são vendidos por preços tres vezes mais elevados, Reina em Mojoli a maior ordem possivel. A empreza mantem todo o pessoal debaixo de uma disciplina de ferro, mas a base principal da ordem lá reinante é a prohibição de venda e uso de bebidas alcoolicas.

Nem mesmo na mesa do administrador de Mojoli usa-se qualquer bebida alcoolica. Sabe-se que os paraguayos do povo são muito afeitos ao uso das bebidas alcoolicas e se lhe fizerem a vontade, tornam-se eles individuos desordeiros e imprestaveis para o trabalho. Entretanto, graças aquella excelente medida contra o alcoolismo, os paraguayos de Mojoli são individuos pacatos, respeitadores, serios e muito trabalhadores.

O jogo e o uso de armas de fogo tambem são prohibidos em Porto Mojoli.

ESTADO SANITARIO: Dadas as condições do meio que muito concorrem para uma alta endemicidade paludica em Mojoli, o estado sanitario momentaneo desta vila é relativamente bom. A empreza com os seus serviços de agua e hygiene procura melhorar cada dia o estado sanitario e as condições de vida da população do Districto de Guayra. Para a cura dos enfermos a Empreza mantem um Hospital onde são recolhidos e tratados todos os trabalhadores enfermos, um medico efetivo o Dr. FRANCISCO VARELLA, formado em Hespanha, e uma pharmacia dirigida pelo pharmaceutico VICENTE LAFUENTE, formado pela Uuiversidade de Assumpção e cunhado do administrador da Empreza. A pharmacia é pequena, mas tem o

essencial para a medicina de urgencia e tratamento das molestias infectuosas, possuindo uma sala para pequenas operações e curativos onde operámos, os Drs. LUTZ, VARELLA e eu, um doente que ha 9 dias estava com oclusão intestinal. Não obstante o bom funcionamento do anus artificial, o doente veio a fallecer, quatro dias depois.

A 5 de Fevereiro visitámos em companhia do Dr. VARELLA, o Hospital de Mojoli. Este estabelecimento é um grande barracão de madeira com capacidade para 50 enfermos. Todo trabalhador doente que apparece á consulta é internado immediatamente e curado pelo medico, que tem para auxiliares 3 enfermeiros. Nesse dia havia 37 enfermos internados, dos quaes 28 de malária um de lepra, 1 de leishmaniose cutanea, vindo de Matto Grosso, 2 de ulceras banaes 1 de blennorrhagia, 3 de adenites supuradas, 1 com phlegmão e 1 com orchite. Dous desses doentes (que eram todos paraguayos), além dos seus outros males ainda tinham um *bocio*. A maior parte desses impaludados veio de fóra, sobre tudo de Matto Grosso. Nessa epocha estavam apparecendo em Mojoli alguns casos de terçã, de primeira infeção. Disse-nos o Dr. VARELLA que nos dias 3 e 4 de Fevereiro registrára na sua clinica externa 7 casos novos. Com os doentes hospitalisados, os casos da clinica externa do Dr. VARELLA e os que tratámos pessoalmente durante a nossa estadia em Mojoli, o numero de impaludados eleva-se a cerca de 100. portanto menes de 10 % da população. O Dr. VARELLA informou-nos que noutros annos essa porcentagem tem subido a 40 nos mezes de Fevereiro e Março. No consultorio da comissão appareceram diversos doentes de *bocio*, entre este 3 meninas paraguayas, filhas de mae papuda. Nos poucos dias que permanecemos no Districto do Guayra tratámos 34 doentes, dos quaes mais de metade de impaludismo e ankylostomiase. Os doentes de ankylostomiase já vieram infetados do Paraguay, pois, graças ás medidas postas em pratica pela Empreza, a população de Mojoli só muito excepcionalmente poder-se-ha infetar na séde da villa.

Entre os casos de verminose intestinal, verificámos 2 de *Strongyloides* e muitos de *Necatoriasi*. Fizemos lá muitos exames de sangue e de fezes. Examinámos um morphetico paraguay, de 26 annos, residente em Mojoli. Tratava-se de lepra nervosa com perfuração do septo nasal e mal perfurante do pé. Disseram-nos existir lá mais outro morphetico que não conseguimos descobrir. Clinicamente diagnosticámos tambem um caso de leishmaniose cutanea com lesões nas pernas num doente paraguay vindo de Matto Grosso.

Não conseguimos confirmar pelo microscopio o diagnostico clinico deste caso, não obstante um exame cuidadoso; entretanto não nos deixou duvida. Os demais doentes por nos examinados e tratados eram casos banaes. A todos os nossos doentes de polyhelminthiase fornecemos vidros com comprimidos de ankylostimol e aos impaludados, alem das injeções quotidianas de um sal de quinina e de azul de methyleno, fornecemos tambem comprimidos de sulphato de quinino. Quanto ás molestias venereas não tivemos tempo, nem oportunidade de estudalas, mas pelas informações do medico do lugar sabemos serem elas demasiado communs, devido sobretudo ao desenvolvimento da prostituição nas populações paraguayas.

2. Baixo Paraná.

ZORORO: Zororô que significa em guarany "grande ruido" é o nome de um bairro, situado á margem esquerda do riacho do mesmo nome e a 20 kilometros de Porto Mojoli. Descendo a margem esquerda do Paraná em trem Décauville da Empresa Matte-Larangeira, é este o primeiro povoado, depois de Mojoli, levantado em terras do Governo do Paraná, pela referida empresa. Zororô é um pequeno povoado, um nucleo agricola que produz milho, mandioca, bananas, canna de assucar etc. em grande abundancia; é dependencia de Porto Mojoli. A Empresa Matte-Larangeira possui lá uma grande serraria, movida por força hydraulica. Além da serraria a empresa tem nesse lugar diversos galpões para deposito de

cereaes, hospedagem dos peões solteiros e cerca de 30 casitas de 2 peças onde residem os operarios casados. Vivem em Zororô mais de 100 pessoas vassalas da referida Empresa. O estado sanitario dessa pequena povoação é bom. Raramente aparecem la casos de malária ou qualquer outra doença, os quaes são immediatamente removidos para o hospital de Mojoli. Notámos entretanto que a criancada desta aldeia está em iguaes condições da de Mojoli, apresenta os symptomas da ankylostomiase impressos em suas faces.

E' preciso notar que estas creanças já vieram doentes do Paraguay. Tambem é necessario que a empresa não se descuide delas e nem do aldeamento, para evitar que esses individuos contaminem tudo: sólo, agua e demais habitantes. Casos de pequenos ferimentos por desastre e brigas são communs. A deflorestação reijonal e a falta de aguas paradas nas redondezas de Zororô, não permitem surtos epidemicos de malária.

PORTO MENDES. Este magnifico porto é o ponto terminal da navegação do baixo Paraná brasileiro, que para os argentinos e paraguayos é Alto Paraná Médio. Porto Mendes é uma importante dependencia da Empresa Mate-Laranjeira, que é, sem duvida alguma, a mais importante empresa industrial da rejião ocidental do Estado de Paraná E' por esse porto que sahe toda a herva-mate, adquirida pela empresa acima referida em vastissima extensão de Mato-Grosso. A barranca do rio Paraná neste porto é elevadissima; mesmo na época que lá estivemos, com o rio bastante crescido, a diferença de nivel, tomada por nós com um altimetro Casella foi de 65 metros.

Em Porto Mendes possui a empresa um palacete em estilo muito formoso, construido de pedra e cal, no tôpo da barranca do rio; é utilizado para a residencia dos empregados superiores da Companhia e administração do porto. E' gerente do porto o Sr. ANTONIO ARIAS, joven paraguay natural de Vila Rica e por isso se diz "guai-

reño". Porto Mendes, situado num grande descampado a cerca de 200 m. de altitude é já um povoado com mais de 30 habitações. Os trabalhadores deste porto são também na sua maioria paraguayos e correntinos, mas só falam o guarany.

Habitam lá mais de 100 pessoas, das quaes algumas sofriam de impaludismo; forneci medicamento ás que nos procuraram.

A existencia de casos de malaria corre lá por conta da constante permuta de trabalhadores com o reduto de Mojoli. Porto Mendes pela sua situação e ausencia de aguas paradas, de matas proximas, etc. e, sobretudo, pela ausencia quasi completa de mosquitos e de doentes, não apresenta condições propicias aos surtos epidemicos de impaludismo.

Os varios doentes que lá aparecem são immediatamente enviados para o hospital de Mojoli. No dia que falhámos em Porto Mendes deu-se um desastre no funicular. Dous peões ficaram feridos soffrendo um uni deles fraturas de perna e braço. O administrador do porto preparou immediatamente um trem de socorro e enviou ambos para o hospital de Mojoli.

PORTO ARTAZA. E' o ponto de embarque do mate e outros produtos de exportação da Empresa Julio Allica. Este porto fica na barranca do Paraná, 1 kilometro abaixo de Porto Mendes. Possui também um funicular e atualmente estão construindo no alto da barranca um grande predio para armazem do porto. Em frente, no alto, achase o escritorio e a administração dessa importante empreza agricola e industrial. No pateo onde se acham o escritorio e alguns pavilhões, residencias, a altitude é de 180 m; no dia que lá estivemos a temperatura atingio a 30° C. Informaram-nos que a temperatura mais baixa lá registrada foi 3 graos C.

A empreza Julio Allica está situada num magnifico planalto e tem cerca de 30 casas, algumas das quaes bem boas; possui ao todo 1100 trabalhadores em diversos pontos. Na séde da Empreza residem 300 pessoas, das quaes muitos argentinos e menor numero de paraguayos. O Sr. Allica, que também

é argentino, aparenta ter 60 annos; é um homem forte, enerjico e trabalhador e dizem-no de um carater impolluto. Foi ele um dos primeiros povoadores daquela magnifica rejão brasileira, onde reside ha 11 annos, tendo sido ele, quem obteve das emprezas argentinas as linhas de navegação, existentes entre Porto Mendes e Posadas.

Além das importantes oficinas possui lá o Sr. Julio Allica boa residencia e um parque com muitos animaes e aves domesticados. Nesse nucleo agricola ha mais moralidade que em Mojoli. Diz o Sr. Allica que a hygiene é a relijião do logar e por isso quasi não ha doença; mesmo a malaria é lá muito rara. De dysenteria "com sangue" e "sem sangue", informou-nos o Sr. Allica, aparecem alguns casos de ano em ano, ou de 2 em 2 annos, sob fórma epidemica. Visitámos o serviço de catação de agua para uso domestico, cujo liquido é excelente. De uma fonte de rocha é catada a agua crystalina, fresca e pura e levada, por meio de bomba a vapor, a um reservatorio de 1500 litros, donde é distribuida a toda a população. O Sr. Allica tem um excelente automovel "Hispano-Suiza", para percorrer as suas vastas terras cultivadas e heruaes; tem lanchas automoveis para o serviço do porto e outros recursos modernos de conforto e progresso industrial.

BELLA-VISTA. Bella Vista é um lindo porto paranaense, poucas leguas acima da cidade de Iguassú. E' a séde da Empreza Industrial do argentino Sr. HYGINO ALEGRE. Essa empreza extrae e exporta grande quantidade de madeiras de construção e desenvolve a agricultura.

Devido á magnifica situação desse pequeno bairro, o seu estado sanitario é invejavel.

CIDADE DE IGUASSÚ. A lei paranaense n. 1.658 de 3 de Março de 1917 elevou este municipio á categoria de Comarca, por conveniencia da justiça, por estar muito distante da cidade de Guarapuava, a cujo

município pertencia, tendo sido instalada a 15 de Julho do ano passado.

A população de todo o município de Iguassú pôde ser calculada em 8.000 habitantes, pois Mojoli e os demais bairros, situados abaixo deste, pertencem todos a esta comarca. A cidade é pequena e bastante atrasada. De melhoramentos modernos tem apenas o telegrafo, que é federal, a iluminação electrica, que é municipal, e uma serra-ria, movida a vapor, no perimetro urbano. Ha um pequeno hotel.

A cidade não tem agua encanada, nem exgotos. Quanto ao serviço de aguas ela está mais atrasada que Porto Mojoli, Porto Tibi-riça, etc.

A população de Iguassú faz uso de agua de cisternas e de um arroio que passa pelos arredores da vila. As latrinas são fossas perdidas e só existem nalgumas casas melhores, habitadas por gente que veio de fóra. Já vimos que o clima de Iguassú é temperado, com verão quente.

ESTADO SANITARIO: Notámos com prazer que o estado sanitario da zona, comprehendida entre Porto Mendes e a cidade de Iguassú, é excelente. Basta dizer que a malária é hoje rara nessa região e isso se explica pelo fato, de serem bastante elevadas as barrancas do rio Paraná, desde o Porto S. João até a foz do rio Iguassú, não permitindo que as aguas transbordem e forinem alagadiços. Doutro lado as flores-tas vizinhas vão sendo derubadas pela necessidade de expansão da cidade, cultura da terra e extração de madeiras.

A ausencia de alagadiços e de brejos está confirmada pela pequena quantidade de mosquitos lá encontrada, comparada com a de outras regiões, por nos percorridas. Podemos afirmar que, desde a cidade de Baurú até a cidade de Iguassú, foi nesta ultima e mesmo junto aos *Salto de Santa Maria* que menos sofrêmos de picadas de mosquitos. Durante os 12 dias que nos demorámos em Iguassú em pleno verão, eram bem raros os culicídeos.

Molestias: Houve em Iguassú em 1905 e 1906 uma grande epidemia de impaludismo e depois desta apareceram apenas casos espo-

radicos. O escriptor paranaense SILVEIRA NETTO assim narra os horrores dessa epidemia no seu Livro "Do Guayra aos Saltos do Iguassú", ás paginas 65 e 66: "Passada a furia das aguas (a enchente elevava o nivel do rio a 40 metros acima do normal), baixou o rio ao seu nivel habitual, sobreveio então a febre palustre com intensidade superior a de outros annos; pela primeira vez eu e toda a minha familia adoecemos naquella retiro selvatico e antes magnificamente sadio, victimas de violenta infecção palustre, não mortal, mas de abater em dois dias todas as energias physicas e moraes de uma pessoa, cadaverisando-a. A infusão quente da casca de limão, que ha em abundancia no logar, e um medicamento italiano, *esanopheles*, para a malária, importado de Posadas, eram com o quinino em doses massiças, o salvatorio da população". Durante a nossa estadia em Iguassú, tendo aberto consultorio para o tratamento gratuito de todos os doentes de molestias infectuosas e parasitarias, que apparecessem, entre os muitos que tratámos, não tivemos nenhum de impaludismo agudo. Não vimos nenhum caso de ulceras, nem leishmaniose, nem ulcera phagedenica. Registrámos, porém, 2 casos de lepra tuberculosa em uma familia de leprosos, havendo outros ausentes. Das molestias infectuosas predominava a syphilis. Tivemos tambem alguns casos de verminoses, de blennorrhagia, conjunctivite purulenta e um caso de infecção typhica. A ankylostomiasse existe com certa frequencia em Iguassú; não apresenta porém os caracteres de intensidade e gravidade que observámos no litoral paranaense. Durante as nossas viagens de inspeção medica pelo interior do Paraná, sempre que nos demorámos em um logar qualquer, vila ou cidade, temos feito estatistica das verminoses, baseada nos exames coprológicos, e sobretudo nas escolas, onde se encontram doentes de todas as classes sociaes e habitando pontos diversos da mesma zona. Na cidade de Iguassú não poudemos fazer essa estatistica entre os meninos, por motivo de estarem ainda fechadas as duas escolas publicas. Iguassú não tem medico, nem farmacia. Os

doentes recorrem aos curandeiros. Muitos deles vão tratar-se com o Dr. MOYSES BERTONI, no porto do mesmo nome, no Paraguay. O Sr. BERTONI também não é profissional, pois o titulo que possui é de agronomo e não de medico; foi durante muito tempo professor de agronomia em Assumpção. Os doentes mais ricos vão procurar recursos em Posadas, onde clinicam muitos medicos e existe um hospital municipal. Quanto a medicamentos, não ha no Iguassú o menor recurso, e quem adoecer lá, gravemente, morra a mingua. . . As nossas receitas eram enviadas para Posadas e aviadas em um grande estabelecimento farmaceutico de brasileiros.

4o. Paraguay, Argentina e Uruguay.

REPUBLICA DO PARAGUAY.

Tendo percorrido alguns logares desta republica visinha e obtido algumas informações interessantes sobre a pathologia regional, resolvemos intercalal-as aqui como subsidio scientifico de certa valia.

Visitámos Assumpção, San Bernardino, Encarnação e Porto Bertoni. As diversas observações e informações obtidas nesses logares, com referencia á medicina, incluiremos no capitulo: *Estado Sanitario do Paraguay*.

ASSUMPÇÃO.

Esta cidade é bem situada e tem um bello porto no rio Paraguay. Altitude 100 metros acima do nivel do mar. A capital paraguaya tem mais de 100.000 habitantes e nela clinicam 40 medicos, dentre os quaes alguns estrangeiros. Como cidade ela oferece certo conforto e algumas distrações. Vê-se que as melhores construções são antigas e, dentre elas, algumas maltratadas e outras de grande beleza. O calçamento da cidade é muito antigo, irregular e incomodo ao transito, a pé ou de carruagem. Felizmente existem algumas linhas de bondes electricos, percorrendo os principaes pontos da capital. A iluminação é electrica. Sobre a cidade vêm-se centenas de cataventos, destinados á tração de agua de pôços. Não ha agua encanada.

Para beber, a população usa agua das chuvas. A cidade está desprovida de telephone desde a ultima revolução. Existem lá algumas praças e bellos jardins publicos.

Hospedámo-nos no Hotel Hispano-Americano, onde havia *Stegomyias* em abundancia. Assumpção possui um Gymnasio Nacional, uma Escola Normal, uma Escola de Commercio e uma Universidade, cuja Faculdade de Medicina está fechada ha 9 annos, por falta de alumnos, dizem. Muitos dos medicos de Assumpção estudaram e se diplomaram em Buenos Aires e alguns na Europa. Todos os medicos que lá conhecemos, são jovens e bastante illustrados, causando-nos muito bôa impressão.

Na conferencia que tivemos com o Sr. Dr. MANOEL FRANCO, Presidente da Republica, elle disse-nos que vae reabrir a Faculdade de Medicina, talvez ainda em 1918, e entregar a sua direcção ao Dr. L. E. MIGONE, em quem o seu governo muito confia e de cujo saber e patriotismo muito espera. Os medicos paraguayos têm a sua Sociedade, onde discutem os varios problemas scientificos, que se relacionam com a medicina, e alguns delles têm importantes trabalhos sobre pathologia regional, publicados em jornaes europeus.

HYGIENE.—E' diretor geral da hygiene publica o Dr. ANDRÉS BARBERO, que nos informou sobre diversos e importantes problemas de Saúde Publica no seu paiz. Disse-nos que a sua repartição carece de uma reforma geral e ampliação das diversas seções. Informou-nos que está se preocupando muito com a prophylaxia rural, tendo enviado, ha poucos mezes, uma comissão medica para fazer estudos sobre o estado sanitario do Norte do paiz, e mostrou-nos o relatorio que lhe foi apresentado pelo chefe da mesma, o Dr. MIGONE. Brevemente outras comissões partirão para outras rejiões do Paraguay, incumbidas do mesmo serviço. O Dr. BARBERO que já tem na Assistencia Publica de Assumpção o serviço especial de assistencia aos *Bubáticos* (doentes de leishmaniose), espera poder dentro em breve ampliar esse serviço, fun-

dando outros postos nas regiões mais infestadas pelo mal. O Sr. Presidente da Republica mostrou-se também muito interessado por esse problema, capital para o Paraguay, e deseja, além da assistência aos leishmanióticos, iniciar a campanha contra a malária e a ankylostomíase. Emfim, a situação atual do Paraguay indica o resurgimento nacional e o início de uma nova era de atividade e trabalho eficiente e patriótico.

HOSPITAES etc. : Assumpção possui os seguintes recursos de assistência publica: o Hospital Nacional que é o maior e mais importante, o Hospital Militar, a Maternidade, a Assistência Publica, a "Casa de Aislamiento", onde são isolados alguns leprosos, e o Instituto Bacteriológico que já vai prestando bons serviços, graças á competência e actividade do seu director Dr. MIGONE. Assumpção conta também alguns pequenos sanatorios particulares.

Estado Sanitario

DOENÇA DE CHAGAS: Pelas modernas observações e estudos vae-se verificando, dia a dia, a maior disseminação, no continente Sul-Americano, da Doença de Chagas, pelo seu descobridor denominada *Trypanosomiase americana*. No Paraguay ha, estamos informados, grandes focos de doentes, apresentando o cortejo já classico dos symptomas que caracterizam entre nos a doença de Chagas. Doutro lado verificámos, no Instituto Bacteriológico de Assumpção, o Dr. MIGONE e toda a comissão Medica Brasileira, *barbeiros* paraguayos da especie *Triatoma megista* BURM., muito infetados com o *Trypanosoma cruzi*, que é o germen causador da mais terrível das doenças que assolam o vasto interior do nosso paiz. Segundo nos informou o Dr. MIGONE, ha no Paraguay inumeros focos conhecidos de *Triatoma megista*. Nas proximidades de San Bernardino, onde estivemos junto á Serra de Canguaçu abundam esses reduvidas hematophagos. Paraguayos com bocio, adultos e creanças, encontrámos e examinamos diversos em Porto Mojoli, colonia paraguaya, estabelecida na parte occidental do Estado do Paraná.

No longo percurso que fizemos no Paraguay, por caminho de ferro, vimos por toda parte habitações com paredes de barro e cobertura de capim, as quaes são o eterno viveiro desses terríveis vetores de males multímodos, indo desde o infantilismo até á paralyisia idiótica e a loucura.

IMPALUDISMO : Nos arredores de Assumpção existem focos de malária, em franca atividade, e o mal está espalhado por quasi todo o paiz. O Paraguay apresenta as mais propicias condições ao desenvolvimento do impaludismo; devem existir focos de terçã maligna causando enormes damnos, e regiões, onde o mal, dada a temperatura sempre elevada e a presença de mosquitos e doentes, perdura todo o anno, como acontece também na zona tropical do nosso paiz.

ANKYLOSTOMÍASE: Esta doença e a polyhelminthíase são endemicas em todo o paiz, numa porcentagem variando entre 70 e 85 %, calculo e informação do Dr. RICARDO ODRIOSOLA. Os maiores focos dessas verminoses acham-se na zona central e ao éste do Paraguay. Bem considerado, todo o Paraguay, dado calor e humidade constantes, pouca altitude, e zonas alagadiças é eminentemente proprio ao desenvolvimento maximo da ankylostomíase. Si este mal debilita e inutiliza os nossos patricios de vastas zonas e de toda a immensa costa brasileira, não existe comtudo nas zonas de grandes alturas e nos campos do sul do nosso paiz.

OUTRAS DOENÇAS: DYSENTERIA: Tanto a dysenteria amebica, como a dysenteria bacilar são communs em Assumpção. Em 1900 houve em toda a Republica uma grande epidemia de dysenteria e de sarampão.

PESTE: Parece não haver no Paraguay focos revivescentes de peste bubonica, tomando-se em conta a ausencia de casos ha muito tempo. Ainda se discute hoje em Assumpção e em Buenos Aires a procedencia da Peste. P. L. SIMOND diz ter arrebetado a epidemia de peste na cidade do Porto em 1899 e, logo em seguida foi verificada, no mesmo anno no Brazil (Rio, Santos e S. Paulo), na Argentina (em Buenos Aires) e no Paraguay (Assumpção).

DERMATOLOGIA : LEISHMANIOSE TEGUMENTAR. Quanto á frequencia e disseminação da leishmaniose, o Paraguay está nas condições do Brazil, da Bolivia, da Argentina, do Perú, etc., si não fôr o fóco mais intenso de toda a America do Sul, como parece, á vista das informações do illustre Dr. L. E. MIGONE, publicadas no Bull. de la Soc. de Path. Exot. (Tomo VI—1913 pag. 210:) "*Nous avons observé cette maladie parmi nos nationaux et les étrangers, hommes ou femmes, vieillards et enfants au sein.*

Il y a des années et des endroits où la maladie se fait sentir terriblement: Sur 100 ouvriers qui entrent dans les forêts, deux mois après, il en sort 70 à 80 malades à la fois, avec une ou deux plaies, avec 10 ou 12, avec 30 ou 40, chez quelques-uns, réparties sur des différentes parties du corps, ce qui oblige à suspendre les travaux".

Não sabemos por que razão o Dr. MIGONE considera a leishmaniose uma doença importada, por contaminações sucessivas, dos estados brasileiros, limitrophes com o Paraguay (op. cit. pg. 210), si ella está mais espalhada no seu paiz que no nosso e si ella existe tambem na Bolivia e na Argentina, paizes tambem limitrophes com aquella Republica. Dos nossos Estados limitrophes com o seu paiz só Matto-Grosso poderia ter-lhe fornecido casos do mal, pois o estado do Paraná não possui focos de leishmaniose na zona limitrophe com o Paraguay. Nós, que percorremos todo este estado meridional em viagens de estudos, encontrámos apenas meia duzia de casos dessa dermatose na zona subtropical do norte, em 2 municipios da fronteira com S. Paulo, estado, onde existe, de ha muito tempo verificada, essa doença. Porque o Dr. MIGONE não incrimina a Argentina ou a Bolivia como exportadores do mal? O Paraguay, um pequeno paiz comprimido entre as tres grandes Republicas, nas quaes têm sido encontrado focos do mesmo mal, oferecendo condições mesologicas identicas, porque não havia de possuir, desde éras remotas, focos de Leishmaniose? A nossa pathologia é a

mesma, cada vez melhor se verifica, que a da Argentina, da Bolivia e do Paraguay, portanto não temos que nos queixar dos visinhos.

Quando visitámos o Hospital Nacional de Assumpção, vimos lá 6 ou mais casos de leishmaniose em homens, uns com lesões cutaneas, outros sem lesões da pelle e das mucosas. Esses casos eram perfeitamente iguaes aos que temos visto na Clinica Dermatologica do Rio.

O Dr. ARRIOLA MORENO, chefe da clinica de homens desse hospital, informou-nos que, de 1916 a Fevereiro de 1918, passaram pelas clinicas do Hospital Nacional 140 casos de leishmaniose e que foram todos tratados com injeções intravenosas de tartaro emetico ou de protosan. Acrescenta o Dr. MORENO que na sua clinica tem observado, ser o protosan mais eficaz que o emetico na cura da leishmaniose.

O Dr. RICARDO ODRIOSOLA, que nos acompanhou na visita aos hospitaes, informou-nos que, na sala de consulta externa da Assistencia Publica de Assumpção, ha um consultorio especial para o tratamento da leishmaniose onde se injetam diariamente de 20 a 40 doentes. A cura é feita com injeções de tartaro e de protosan, acentuando elle a maior eficacia deste ultimo medicamento, opinião tambem expressa pelo Dr. MORENO. O Dr. ODRIOSOLA curou ha pouco tempo, com injeções de protosan, 8 creanças atacadas de leishmaniose. Aplicava 3 cc. de protosan em dias alternados, sempre com resultado magnifico. O uso do protosan no Paraguay está muito espalhado. De tartaro emetico usam-se soluções preparadas no Instituto Bacteriologico de Assumpção.

LEPRA: Ainda com o Dr. R. ODRIOSOLA, fomos visitar o Hospital de Isolamento, onde examinámos 10 leprosos, todos de nacionalidade paraguaya. Eram todos casos de lepra muito adiantada e delles 8 da forma tuberculosa e 2 da forma nervosa. O isolamento desses morpheticos é incompleto, porque elles sahem quando querem, sobretudo á noite, sendo que alguns delles têm amantes nos arredores do hospital. Essa cha-

mada "Casa de Aislamiento" consta de um quarteirão de terreno, fechado com cerca de arame farpado, contendo 2 ranchos velhos e immundos, onde vivem os desgraçados leprosos, um pavilhão quasi novo ou reformado onde são isolados os doentes atacados de outras molestias infeto-contagiosas e uma casa, junto ao portão, onde residem o administrador e o enfermeiro do hospital. Entre os leprosos havia um sofrendo das faculdades mentaes que nos quiz agredir. Pelas ruas de Assumpção encontrámos varios leprosos e referindo este fato ao Dr. MIGONE, ele nos respondeu que pelo numero de leprosos e de cães que perambulam pelas ruas de Assumpção, esta capital se parece com Constantinopla.

Disse-nos o Dr. ODRIOSOLA, que todo o Paraguay está contaminado pela lepra, sobretudo na parte éste da capital e em Luque, a 3 leguas de Assumpção. Os Drs. ODRIOSOLA, ZANOTTI, CAVAZZONI e outros colegas têm nos arredores de Assunipção um local onde isolam por conta própria alguns leprosos, para experiencias therapeuticas. Ultimamente eles tem empregado o protosan e dizem que com resultados animadores. Experiencias analogas já tinhamos realizado com o protosan e outros medicamentos, preparados pelo Dr. A. MACHADO, no Hospital dos Lazaros desta capital, sem resultado satisfatorio algum.

No Paraguay nada se tem feito até hoje com referencia á prophylaxia da lepra. Lá nos informaram que a Argentina vae fundar uma colonia para leprosos numa ilha do rio Paraná, situada defronte de Posadas e chamada "Isla Jacyretá". (Jacyretá significa em guarany Paiz da Lua.) Informaram-nos tambem que os principaes focos de lepra da Argentina se acham em Formosa, no Chaco, nas Missões e na Provincia de Corrientes.

GRANULOMA VENEREO: Em 1917 estiveram no Hospital Nacional, em tratamento, diversos doentes desta dermatose. Foi feito o tratamento com emetico, mas, como os medicos acharam muito lenta a cura, fizeram a exereses e a thermocauterisação das lesões. Fizemos ver aos nossos colegas paraguayos

que se póde obter cura radical do granuloma simplesmente com tartaro emetico, porém seguindo um tratamento descontinuo e intensivo. Mostrámos-lhes um exemplar da nossa monographia sobre granuloma dando o resultado da cura de dezenas de casos dessa rebelde doença.

No Hospital Nacional havia 2 casos typicos de granuloma venéreo e um suspeito. Os 2 primeiros já tinham sofrido diversas extirpações e thermocauterisações, como porém ainda não tinha sido feito o diagnostico bacterioscopico do granuloma, no Paraguay, fizemos nesses 3 doentes uma pequena curetagem das lesões, e, com o material obtido, fizemos esfregaços, que corámos pelo Giemsa. O material era pessimo. Com muito custo encontrámos o *Calymmatobacterium* apenas num esfregaço de um dos doentes com lesões mais recentes e menos tratadas.

BOUBA: De *Framboesia tropica* (que parece ser uma doença rara no Paraguay ou talvez ainda não bem identificada) só se conhece um caso em Assumpção e esse mesmo sem diagnostico bacterioscopico. É provavel que a boubas seja lá confundida com a syphilis, como se dá no interior do Brazil, e curada pelos mesmos metodos. Não deixou de nos impressionar contudo o fato, do Dr. MIGONE, no seu já citado trabalho sobre Leishmaniose (pag. 211 do Tomo VI do Bull de la Soc. de Pathol. Exotique), confundir a nossa boubas com a do Paraguay, que é a leishmaniose, citando trabalhos referentes á framboesia tropica como se fossem de caso e historia da leishmaniose americana. Impressiona tambem o fato do mesmo collega curar casos recentes de leishmaniose com iodureto de potassio e arsenico (op. cit. pag. 218).

Não haveria dentre os seus inumeros casos de leishmaniose alguns da boubas verdadeira, a *Framboesia tropica*.

A Blastomycose tambem não é conhecida no Paraguay, mas dizem existir a Esporotrichose.

SYPHILIS E BLENNORRHAGIA: A lues é uma das doenças mais disseminadas no Paraguay e sobretudo por causa da intensa prostituição clandestina. Um medico

allemao, clinico em Assumpção, diz em seus trabalhos, que 90 % da população da capital paraguaya sofre do mal de Job (?). O Dr. JOVINO MERNES, director do Hospital Nacional e encarregado da Seção de Gynecologia, informou-nos que é muito commum apparecerem no seu serviço meninas de 12 e 13 annos já defloradas e sofrendo de molestias venéreas, predominando dentre ellas a syphilis. Tambem não é raro, irem á consulta meninas de 9 e 10 annos, tambem defloradas e com blennorrhagia. Eisahi um quadro bem triste da situação actual do povo paraguayo (e de muitos outros povos), para a qual a transformação social radical seria o unico remedio.

Quando voltámos á Repartição de Hygiene, o seu Director, Dr. ANDRÉS BARBERO, teve a bondade de nos mostrar o relatorio e plantas, a elle apresentados pelo Dr. MIGONE e referentes á sua ultima viagem de inspecção medica pelo Norte do paiz. O Dr. MIGONE com os seus auxiliares demoraram-se cerca de um mez no municipio de S. Pedro do Norte, onde examinaram e trataram 1300 e tantos doentes. Chamou-nos especial attenção, no relatorio do Dr. MIGONE, dado de Dezembro de 1917, o elevado numero de casas de leishmaniose, observados no Norte do Paraguay.

Em 1º lugar vinha a *ankylostomiase* e depois a *leishmaniose* com 400 e tantos casos e, em seguida, o impaludismo com 38 casos. Em todo o Paraguay chamam "Bubaticos" esses doentes de ulceras. Não haveria entre essas centenas de casos, identificados como leishmaniose ou "Buba", alguns casos da boubá verdadeira, a *Framboesia tropica*?

EPIZOOTIAS: De todas as Epizootias que grassam no Paraguay, a mais desseminalada e que maiores prejuizos causa é o "*Mal de cadeiras*", doença que devasta os animaes cavallares e muares; é produzida pelo *Trypanosoma equinum* VOGES. Pelos trabalhos de ELMASSIAN e MIGONE, no Paraguay, LUTZ e CHAGAS no Brazil, ficou provado ser a Capivara *Hydrochoerus capibara* ERXL., o depositario desse *virus*. Quanto ao trans-

missor da molestia, ainda são falhas as observações e os autores não estão de accordo entre si nesse ponto.

SIROVI e LECLER accusam como transmissor do *Trypanosoma equinum* o *Stomoxys calcitrans* GEOFFROY. Não obstante LIGNIÈRES ter encontrado trypanosomas vivos no intestino desse inseto hematophago, não o aceita como transmissor do mal de cadeiras por motivos razoaveis que expende. LUTZ incrimina principalmente o *Tabanus importunus* WIED. e o *T. trilineatus* LATR. ASTROGILDO MACHADO teve oportunidade de encontrar em Matto Grosso o trypanosoma vivo no conteudo intestinal do *Tabanus importunus*.

ARTHUR NEIVA acredita, baseado nas suas observações pessoaes, na transmissão dessa doença por motucas do genero *Chrysops* MEIGEN.

No Paraguay estivemos numa zona (Rio Salado, municipio de S. Bernardino), grande foco do *mal de cadeiras*. Fizemos essa excursão (toda a Commissão) em companhia do Dr. L. E. MIGONE. Este illustre collega admite a transmissão do mal de cadeiras por tabanideos, não sabe porém até hoje, não obstante não se ter descurado do assumpto, qual a especie transmissora. A região que visitámos é riquissima em especies varias de tabanideos. As verificações do Dr. MIGONE sobre a mortandade de capivaras no seu paiz e a presença do trypanosoma nesses animaes são bem interessantes e coincidem com o apparecimento de muitos casos nos animaes cavallares e muares. Quanto á therapeutica, o Dr. MIGONE tem empregado em numero de casos o protosan, sem lograr a cura de nenhum animal. Ultimamente esteve tratando 8 animaes, atacados de *mal de cadeiras*, com injeções de protosan e diz terem morridos todos.

Nota: O Governo do Paraguay teve a bondade de abrir um credito especial que seria adicionado á uma verba, creada pela Companhia Industrial Paraguaya, para a Commissão Medica Brasileira se demorar

no interior do paiz, fazendo estudos diversos sobre doenças e, sobretudo, visando resolver a intrincada questão da transmissão da *leishmaniose* e do *mal de cadeiras*. O Sr. Ministro do Exterior, Dr. EUZEBIO AYALA, telegraphou ao Director do Instituto Oswaldo Cruz pedindo permissão para permanecermos mais um mez naquele paiz. Como, porém, 10 dias depois não tivesse chegado nenhuma resposta, o Dr. LUTZ resolveu o nosso regresso immediato, logo que voltámos de San Bernardino. A 6 de Março embarcámos em Assumpção no vapor "BRUSELAS" da Companhia MIHANOVICH, com destino a Buenos Aires, de onde embarcámos para o Brasil.

Na vespera do nosso embarque em Assumpção, a classe medica paraguaya teve a gentileza de nos banquetear e offerer como lembrança ao Dr. LUTZ, um artistico pergaminho, assignalando a sua passagem pelo Paraguay. Ofereceu-nos o banquete, em nome da Sociedade de Medicina, o Sr. Dr. RICARDO ODRIOSOLA e entregou o pergaminho ao Dr. LUTZ o senhor vice-presidente da Republica paraguaya, nosso collega Dr. MONTERO. Foi então que tivemos ocasião de conhecer os magnificos elementos que constituem a classe medica paraguaya, e a sympathia, com que se manifestam com relação ao Brazil e a tudo que é nosso, e o desejo que elles tem da nossa aproximação. Sabemos corresponder a sua sympathia, hypothecando-lhes a nossa solidariedade intellectual.

REPUBLICA ARGENTINA: BUENOS AIRES. Durante a nossa viagem pelo rio Paraná, ficámos conhecendo importantes cidades argentinas taes como Posadas, Corrientes, Paraná, Diamante e Rosario. De todas essas só na primeira nos demorámos; visitámos os hospitaes e obtivemos informações sobre o estado sanitario.

Em todo esse percurso é enorme a quantidade de mosquitos que atacam o homem. No vapor, em que viajámos de Assumpção a Buenos Aires, havia *Stegomyia calopus* e *Culex fatigans* em grande abundancia. Em

Buenos Aires e em La Plata tambem encontramos *Stegomyias*. Na capital argentina capturámos *Stegomyias* no proprio "Savoy Hotel", onde nós nos hospedámos.

Em Buenos Aires demorámo-nos uma semana, cujos dias foram muito bem aproveitados nas visitas que fizemos ao Instituto bacteriologico, á Faculdade de Medicina, aos Hospitaes, Museos e Jardins. Todo medico brasileiro sabe que a faculdade de Medicina e os Hospitaes de Buenos Aires são muito superiores aos nossos. Descrever esses estabelecimentos é superfluo porque outros colegas patricios já o fizeram e com especial minucia. Basta assignalarmos o fato, que nos impressionou deveras, da boa organização hospitalar portenha, onde a obra de assistencia aos que sofrem é uma realidade confortadora e onde cada importante colonia européa tem tambem o seu hospital e a sua assistencia medica bem organizada. As colonias hespanhola, franceza, ingleza, etc, possuem em Buenos Aires excelentes hospitaes, que prestam serviços de alta monta aos seus patricios menos abastados. A organização dos sanatorios particulares de Buenos Aires é tambem invejavel.

Da Faculdade de Medicina impressionou-nos muito favoravelmente tudo, quanto ella tem de bom e nos não possuímos, nem em rudimentos, como o Museo de Anatomia Pathologica, o Museo de Gynecologia, a Seção de Phisiologia Experimental, o Instituto de Botanica e Pharmacologia com magnifico herbario, e as suas clinicas officaes muito bem installadas. O Instituto Bacteriologico, sob a sabia direção do professor R. KRAUS, está tambem magnificamente installado com todas as suas seções funcionando; já vae prestando inestimaveis serviços á poderosa republica visinha. Quanto ao estado sanitario, limitar-nos-hemos a dar uma ligeira noticia de alguns fatos, observados nos hospitaes, que nos interessam mais de perto. Com o prof. KRAUS visitámos o Hospital MUÑIZ que fica proximo ao Instituto Bacteriologico e é destinado ao isolamento dos doentes de molestias infecto-contagiosas,

Escusado dizer que é muito bem instalado e sufficientemente amplo. Em Março deste anno havia, nesse hospital, uma enfermaria com dezenas de doentes de febre typhoide, todos elles tratados com electrargol, e outra grande enfermaria com dezenas de doentes de carbunculo hematico. Estes estavam sendo tratados na sua grande maioria com sôro normal bovino.

Pela estatística que o prof. KRAUS nos mostrou, e pela grande melhora de muitos doentes que vimos, o seu metodo de cura vae dando bons resultados. Sómente os casos de carbunculo interno com lesões intestinaes têm sido fataes. De regresso ao Brazil, soubemos da alta eficacia da nova vacina anti-carbunculosa, denominada "Manguinhos", recente descoberta de GODOY e MACHADO, já privilegiada pelo Ministerio da Agricultura, a qual immunisa qualquer animal (cavallo boi, carneiro ou cabra) com uma injeção apenas de 0,5 centimetros cubicos. Sugerimos então a esses sabios collegas que dosassem a sua vacina, para ser empregada como immunisadora dos homens encarregados de lidar com animaes. Tambem no Rio Grande do Sul já apareceram alguns casos do carbunculo hematico no homem e assim a nova descoberta viria beneficiar aos nossos patricios do sul e tambem aos nossos vizinhos das Republicas Platinas. No Hospital MUÑIZ não havia, quando lá estivemos, nenhum caso de peste bubonica; entretanto não é raro o aparecimento de casos esporadicos desse mal, que, segundo o Professor KRAUS, desde que foi importado em 1899, nunca mais deixou Buenos Aires. Numa segunda visita que fizemos ao Hospital MUÑIZ, assistimos no necroterio desse estabelecimento a 2 necropsias, uma de carbunculo hematico com ulcerações nos intestinos e outra de febre typhoide com perfuração intestinal. Interessante eram as lesões cutaneas e mucosas do caso de carbunculo bacteridiano.

Terminadas as necropsias, fomos com Prof. KRAUS, Dr. JOSÉ PENNA, director do referido Hospital e Prof. BALDOMERO SOMMER (que faleceu 2 mezes depois em

plena actividade e fortaleza), visitar a seção de isolamento dos leprosos. Num bello e bem disposto pavilhão separado, encontrámos 20 e tantos leprosos, na sua maioria de lepra tuberculosa, todos bem vestidos, alegres e contentes. Dentre elles havia alguns que se achavam isolados ha mais de 20 annos. Eis ahi a hospitalização confortavel e mesmo luxuosa de 25 leprosos, naturalmente custando ao Governo anualmente uma quantia que seria suficiente para o isolamento de 100 leprosos em colonia agricola. Interpelámos então o fallecido Professor SOMMER sobre a prophylaxia da lepra pelo processo modernamente aconselhado de isolamento em colonias agricolas ou agricola-industriaes. Elle informou-nos que o governo Argentino encarregára o Prof. CABRED de fundar e dirigir uma grande colonia de leprosos nas condições acima, cuja séde será a Provincia de Corrientes, região evidentemente mais contaminada pelo mal. Disse-nos o pranteado Dr. SOMMER que essa primeira leprosaria terá capacidade para 400 ou 500 leprosos. Numa visita, que fizemos posteriormente ao Prof. ABERASTURY, substituto da cadeira de clinica dermatosyphiligraphica da Universidade de Buenos Aires, voltámos a tratar da prophylaxia da Lepra; este illustre leprologo informou-nos que o problema ainda não está resolvido na Argentina, porque nenhuma Provincia quer possuir a Lazaropolis.

O Dr. ABERASTURY está perfeitamente de acordo connosco, no ponto de vista das medidas a tomar-se contra a propagação sempre crescente da Lepra, no Sul da America. O Prof. ABERASTURY é de opinião, que as Republicas do Prata, o Paraguay e o Brasil deviam entabolar negociações, no sentido de fundar-se um grande estabelecimento com colonias e hospitaes, destinados não só ao isolamento de um grande numero de leprosos, como tambem em condições de se poder nelle realizar todos os estudos que a sciencia moderna reclama, visando esclarecer os dificeis problemas da transmissão e cura da lepra. Os Professores SOMMER e ABERASTURY acreditam na transmissão da lepra pelos mosquitos.

Na clinica dermatologica de Buenos Aires são, hoje em dia, muito communs os casos de granuloma venéreo e de leishmaniose. O diagnostico completo da primeira dessas dermatoses foi feito por nos, Dr. ROFFO e eu, pela primeira vez na Argentina em 1915. Mais tarde, o Dr. ROFFO confirmou bacteriologicamente todas as nossas pesquisas referentes ao *Calymatobacterium*. De leishmaniose fomos nós que vimos e diagnosticámos clinicamente o 1º caso em Buenos Aires, também em 1915; em 1916 os Drs. A. NEIVA e A. BARBAKÁ estudaram, no interior da Argentina, inumeros casos dos quaes publicaram magnifica documentação. Em tão curto espaço de tempo esclareceram os dous problemas importantes daquela região. E' preciso fazer-se o mesmo agora com referencia á doença de Chagas, á blastomicose, a boubá etc.

Quanto ao resto, a dermatologia argentina se assemelha muito á dermatologia européa. Na mesma clinica vimos um velho caso de psorospermosse follicular ou molestia de Darier que já conheciamos desde 1915; está agora adiantadissimo e tem sido rebelde a todos os methodos de cura, postos em prova.

REPUBLICA DO URUGUAY:

MONTEVIDÉO. Na capital uruguaya só poudemos nos demorar um dia, porque a partida do vapor estava marcada para o dia seguinte.

Aproveitámos esse dia unico visitando hospitaes, museus e trechos da cidade. No Hospital Maciel visitámos a Clinica Dermatologica, uma Clinica Cirurgica e o Instituto de Radiologia, em cuja direção continua o proveito especialista, Dr. A. BUTLER. Este magnifico estabelecimento nos era conhecido desde 1915 e a sua organização e progresso sempre nos impressionaram muito bem. Quem ler os relatorios desse Instituto, ficará entusiasmado com o grande numero de curas de lesões cancerosas, feitas nelle com applicações do radium. Felizmente a nossa Faculdade de Medicina vae possuir um Instituto de Ra-

diologia com uma seção de Radiumtherapia, moldado no de Montevideo, graças aos patrioticos esforços do seu actual director e á reconhecida boa vontade do Governo em melhorar, quanto possivel, o ensino medico no Brasil.

Com os Drs. LUTZ e FONSECA visitámos também a Seção SEGURA do "Syphilicomio Nacional", que também já conheciamos e cuja organização e magnificos resultados praticos interessam e entusiasmam qualquer pessoa de certa cultura e de boas intenções. Graças aos esforços do Dr. JUAN A. RODRIGUEZ, o serviço de Prophylaxia da Syphilis no Uruguay foi ampliado consideravelmente nestes ultimos tempos, dando optimos resultados. Eram esses dous magnificos estabelecimentos que desejaríamos para o Rio de Janeiro. A fundação do primeiro já foi autorizada pelo Governo. Quanto ao segundo não ha por enquanto nenhuma esperança. Solicitada a atenção da pessoa, a quem competia resolver o problema da Prophylaxia da Syphilis nesta capital, a resposta foi que é *inoportuno o momento para tratar-se disso*.

No Uruguay os leprosos são isolados compulsoriamente e ha poucos.

De leishmaniose tem sido verificado alguns casos, mas não parece ainda ser feito o diagnostico protozoologico, segundo nos informou o Dr. OSCAR d'UTRA. De granuloma venéreo tem aparecido também novos casos no Syphilicomio Nacional, na Clinica Gynecologica e no Hospital Militar. O Cancer e um dos males mais frequentes no Uruguay; por isso e por outros motivos a sua pathologia se assemelha muito á pathologia européa.

5. Rio Grande do Sul, Santa Catharina e Paraná.

No Rio Grande do Sul obtivemos boas informações sobre o Estado Sanitario e colhemos algum material nas cidades que visitámos.

CIDADE DO RIO GRANDE DO SUL. Chegámos a esta cidade no dia 17 de Março.

No dia 19 os Drs. LUTZ e FONSECA e o ajudante JOSÉ VASCONCELLOS continuaram sua viagem no mesmo vapor, com destino ao Rio de Janeiro.

Nós partimos para o interior do Estado, afim de visitar algumas cidades riograndenses, indagar do seu estado sanitario e colher material de insetos para o Instituto. Quando regressámos de Porto Alegre, ficámos 6 dias no Rio Grande. A cidade oferecia um aspeto muito feio e desagradavel, devido ás novas obras de exgotos, iniciadas em diversos pontos e progredindo muito lentamente. Em certas ruas o mau cheiro era quasi insuportavel. Por toda a parte havia agua estagnada. Tambem as obras do porto, com os seus aterros, produzem aguas paradas defronte ao novo porto e, margeando a linha de bondes, crescia o matagal.

Por todos esses motivos a quantidade de mosquitos era extraordinaria, no porto novo, na alfandega, onde estivemos fazendo captura delles, nos vapores atracados no caes, nos bondes, sobretudo á tardinha, e por toda a cidade. A nossa colheita foi grande, mas entre elles predominava o *Culex albifasciatus*. Encontrámos tambem muita *Stegomyia calopus*. Na visita que fizemos á velha cidade de S. Pedro do Norte, que fica defronte da do Rio Grande, verificámos predominarem tambem essas duas especies de *Culicideos*. No porto novo a empresa norte-americana de frigorificos, SWIFT & C., fez construir um magnifico grupo de casas á prova de mosquitos, de que damos photographias. Entre ellas ha uma grande de 2 pavimentos que é o Hotel residencial dos seus empregados de cathegoria. É preciso, porem, que todas as novas construções que se fizerem no Porto Novo e adjacencias, obedeçam a essa sabia orientação. A cidade do Rio Grande, apesar de velha e mal cuidada, é bastante movimentada, tem muito commercio e a industria é lá um ramo de actividade sempre crescente.

ESTADO SANITARIO: Nos arredores da cidade do Rio Grande, sobretudo nas ilhas proximas, o grande mal do povo é a *Ankylostomose*. De *impaludismo*, quasi não se falla; sabemos entretanto apparecerem as

vezes casos esporadicos. O ex-inspetor sanitario desta cidade informou-nos que, ha bem pouco tempo, a cidade do Rio Grande foi fôco de uma epidemia de variola, cujo diagnostico fora primeiro contestado pela Repartição de Hygiene de Porto Alegre, de onde enviaram um medico verificar, o qual confirmou o diagnostico de *variola*. No Hospital da Santa Casa só encontrámos 2 doentes que nos interessaram; eram: um preto com psoriasis, e uma preta, natural de Minas Geraes, com lepra mutilante. Tratava-se de uma doente, internada nesse hospital ha 7 annos; entretanto disseram-nos não saberem o que ella tinha. Era um caso classico de lepra mutilante. Os demais doentes internados eram de medicina e cirurgia geraes.

LEPRA: Quando desembarcámos no porto do Rio Grande, vimos no caes um carregador leproso e depois, tendo encontrado na Santa Casa a mineira leprosa acima referida (casos de nosso diagnostico), fomos indagar dos colegas Drs. MARCIANO e VICENTE ESPINDOLA sobre a frequencia dessa doença. Aquelles colegas tinham, na ocasião, 5 doentes, atacados de lepra, em tratamento nos seus consultorios, sendo: 2 italianos, 1 hespanhol, 1 portuguez e 1 mineiro. Quando regressámos de Porto Alegre, examinámos 2 desses leprosos no consultorio do Dr. VICENTE ESPINDOLA. Eram um portuguez com 44 annos, rezidente no Brazil ha 23. Deixou parentes leprosos em Portugal e soffre de *lepra tuberculosa*, já muito adiantada, ha bastante tempo. Actualmente recebe 3 injeções de *Collobiase Chaulmoogra de Dausse*, por semana.

O segundo, hespanhol, tem 34 annos e deixou o seu paiz ha 30. Sofre de lepra tuberculosa ha 20 annos e pensa, tel-a adquirido em Buenos Aires. Na capital argentina tratou-se com o Prof. ABERASTURY, que lhe receitou oleo de Chaulmoogra, em gotas. Actualmente o Dr. VICENTE está fazendo nelle injeções de *Cottlobiase Chaulmoogra de Dausse*.

Como se vê, em poucos dias, registramos 7 casos de Lepra na cidade do Rio Grande e parece ser muito maior o numero

delles, dada a grande quantidade de operarios de varias zonas do paiz e de varias nacionalidades, que lá trabalham. Quanto ás ulceras epidemicas não tivemos nenhum indicio.

CIDADE DE BAGÉ: Esta bella cidade riograndense está situada na campanha, a 7 leguas da fronteira uruguaya, numa altitude de 160 metros. Na cidade e na Estancia S. Antonio, propriedade do nosso amigo Sr. HENRIQUE BARBOSA NETTO, passámos 8 dias. A cidade tem luz electrica e agora estão iniciando as obras de abastecimento de agua e rede de exgotos. Possui o seu Hospital da Santa Casa, de que juntámos uma photographia, muitas pharmacias, dentre as quaes o importante estabelecimento SOLIS, e mais de 20 medicos clinicos. A Santa Casa está bem installada e é muito frequentada. Durante a nossa estadia em Bagé, estava operando naquelle hospital o acreditado cirurgião Dr. NABUCO DE GOUVÊA, desta capital. No movimento hospitalar de Bagé predomina, como aliás em toda a campanha riograndense, a cirurgia. Em Bagé estavam aparecendo, na 2ª quinzena de Março, alguns casos de febre typhoide. A syphilis é todavia a doença principal, devida sobretudo ao desenvolvimento da prostituição, influenciada pelas fronteiras uruguaya e argentina. De molestias da pele quasi nada havia a registrar. Vimos apenas um caso de granuloma venéreo, cujo doente era soldado de policia e cliente do Dr. MARIO DE ARAUJO, e tivemos informações de um caso de *lepra*, de observação do nosso amigo e colega Dr. ANTONIO SIMÕES CANTERA. De *Granuloma* informaram-nos terem registrado mais outro caso e de *lepra* suppõe-se existirem muitos outros no interior do municipio. Fomos informados tambem que no municipio de Alegrete ha muitos casos de morphéa.

No Municipio de Bagé alguns medicos informaram-nos, existir o *barbeiro* e casos de bocio. Como não havia tempo para irmos caçal-o, o Dr. A. S. CANTERA prometeu enviar-nos alguns exemplares.

Na Estancia S. Antonio capturámos muitos *culicideos* e bastantes exemplares de "*Neotabanus missionum* MACQUART", unica motuca que encontrámos.

3. CIDADE DE PELOTAS: Visitámos duas vezes essa importante cidade riograndense e, graças á amabilidade do nosso amigo e colega Dr JOÃO ALFREDO BRAGA, ficámos conhecendo o que ella tem de melhor.

Visitámos o Hospital de Caridade, que está installado num grande palacio e possui todos os requisitos modernos de diagnostico medico.

As enfermarias são muito limpas, bem arejadas e de aspecto alegre; as roupas das camas são alvas, como um lençol de neve, e cada leito tem o seu inseparavel e indispensavel mosquiteiro. O hospital possui um gabinete de radiologia, 1 laboratorio de analyses e boas salas de operações e curativos. Trabalham nesse hospital cerca de 12 medicos e seu provedor atual é o Dr. BRUNO CHAVES, distinto medico e diplomata, hoje ministro aposentado. O hospital tem grande movimento, mas quasi só de medicina e cirurgia geraes. Vimos lá, na sala de consulta externa, 2 casos de microsporia e 1 caso de ulcera do labio, semelhante uma lesão leishmaniotica, cujo diagnostico microscopico o Dr. VELLOSO pedio que se fizesse no Instituto de Hygiene, filial de Butantan.

Quanto á *lepra*, poudemos colligir informações seguras de 8 casos, incluindo um de nosso diagnostico. O Dr. URBANO GARCIA tinha 3 casos e o Dr. VELLOSO 4, dos quaes vimos em suas casas: um negociante suiso de 70 annos, rezidente em Pelotas ha 50 annos e doente de *lepra* tuberculosa ha 5 annos. É portanto um caso de *lepra* autochthona e em franca relação com o publico, dada a sua profissão, e de cujo mal ninguem suspeita. O 2º caso que vimos era uma branca com 29 annos, casada, residindo á Rua Telles 354, doente ha pouco tempo e soffrendo de *Lepra* mixta. Encontrá-mol-a em franco periodo febril.

O 8º caso é de nossa observação pessoal e diagnostico. No dia 9 de Abril encon-

trâmos, numa rua de Pelotas, um homem cuja physionomia trahia o mal que o dominava. Era elle branco, com 40 annos e solteiro. Sofre de lepra tuberculosa e não sabe onde a adquiriu. Reside em Jaguarão com sua mãe e 8 irmãos.

INSTITUTO DE HYGIENE: Ainda com o Dr. BRAGA tivemos oportunidade de visitar o "Instituto de Hygiene", fundado pela municipalidade de Pelotas e dirigido pelo Instituto de Butantan de S. Paulo que enviou para lá os seus assistentes Drs. OCTAVIO VEIGA e COSTA PEREIRA.

A municipalidade gastou na sua fundação cerca de 30 contos, correndo ainda as despesas de sua manutenção por conta da Municipalidade, mas a direcção scientifica é de Butantan. O Instituto está instalado num grande predio bem adaptado e consta das seguintes secções: Raiva, Vaccinas, Laboratorio de Analyses, Bioterio, Cavalariças para estudo das epizootias e Serpentario. Achámos tudo muito bem instalado.

Notámos o contentamento da classe medica e do povo pela fundação do Instituto de Hygiene, que prestará grandes serviços, não só ao municipio de Pelotas, como também a todo o Sul do Estado. Si cada Estado do Brazil possuisse, annexo á sua Repartição de Hygiene, um Instituto nas condições do de Pelotas, a Saúde Publica desempenharia muito melhor as suas funções e estudos varios sobre medicina scientifica poderiam ser feitos. Infelizmente nem todos os homens de Governo tem a noção da grande necessidade desses melhoramentos.

4. A CAPITAL, PORTO ALEGRE. Chegámos a Porto Alegre na manhã de 28 de Março, em plena Semana Santa; por isso só começámos a trabalhar no dia 1º de Abril.

Hospedámo-nos no Grande Hotel, por terem dito ser o melhor da capital, mas não merece a classificação de bom. A comida é má e nos quartos ha muitos mosquitos e nalguns até percevejos.

A cidade é grande, tem boas construções, commercio ativo e muito movimento pelas ruas. O calçamento é antigo. Quanto á limpeza publica, notámos que deixa muito a

desejar, sobretudo no porto, zona do commercio *em grosso* e nos mercados publicos. Visitámos o mercado de peixes e achámos o seu serviço muito mal feito, sem nenhuma regra de hygiene. A cidade tem luz e bondes electricos.

A agua para abastecimento da capital é captada no Rio Guahyba e não é boa. A Companhia Hvdraulica Portoalegrense fornece agua pouco melhor, mas captada de manancial mais seguro. A agua do Guahyba é reconhecida contaminada e deve ser a principal culpada na endemicidade das febres typhica e paratyphicas e das dysenterias, em Porto Alegre.

A febre typhoide tomou nestes ultimos tempos grande expressão e o numero de casos registrados, nos primeiros mezes deste anno, indicava um verdadeiro surto epidemico.

O ensino *primario, secundario e profissional* está bem organizado. O ensino superior é feito em diversas Faculdades, das quaes são muito acreditadas as de Medicina, de Direito, a Escola de Engenharia e o Instituto Agronomico. O ensino medico é feito na antiga Faculdade Livre de Medicina, equiparada ás Faculdades Federaes. Infelizmente este estabelecimento não tem merecido do Governo Riograndense o apoio e prestigio que merece e de que necessita. O seu predio está em pessimas condições; os hospitaes, de que se pôde servir para o ensino das clinicas, também deixam muito a desejar. Felizmente não falta material scientifico para o ensino. Infelizmente, entretanto, para a população que lá habita, porque aquella frequencia de doenças infecto-contagiosas, dadas as condições magnificas em que se acha a sciencia medica, devia ser considerada um fato anormal, que reclama sérias medidas de defesa. Existe em Porto Alegre uma nova escola de medicina, intitulada "Escola Medico-Cirurgica", cujo ensino não merece fé. As informações que colegas distintos, de Porto Alegre, nos prestaram sobre o modo de proceder dessa pseudo-escola medica, não a recommendam absolutamente ao conceito publico. Entretanto ela é prestigiada pelo Go-

verno, em detrimento da verdadeira e antiga Faculdade de Medicina, que conta no seu seio professores de reconhecida competencia e seriedade.

Para melhorar o ensino de Agronomia e Veterinaria, foi installado ultimamente, anexo ao Instituto Borges de Medeiros, um Laboratorio de Biologia, para cuja organisação e direção foi contratado o assistente do Instituto Oswaldo Cruz, Dr. ARISTIDES MARQUES DA CUNHA, que já se achava em Porto Alegre quando lá estivemos. O programma principal desse estabelecimento é o ensino da Microbiologia e Hygiene, visando melhorar a industria pastoril do Rio Grande e a Agricultura.

O ensino pratico de bacteriologia é feito oficialmente no Instituto Oswaldo Cruz, estabelecimento anexo á Faculdade de Medicina, onde uma pleiade de jovens medicos, dedicados e intelligentes, tomaram á peito esse importante problema basico para o ensino e exercicio da medicina moderna e aperfeiçoamento da hygiene. Esse estabelecimento tem uma seção de bacteriologia, uma de chimica e outra de protozoologia.

Passámos nesse Instituto muitas horas de trabalho e agradável convivencia. Com o Dr. A. MARQUES DA CUNHA, visitámos tambem o importante "Laboratorio de Analyses e Microscopia Clinica" do Dr. PEREIRA FILHO, digno discipulo de Manguinhos. Neste estabelecimento, que deve ser o mais bem installado de todo o Brazil, (laboratorio particular, já se vê), o Dr. PEREIRA gastou perto de 100:000\$000.—Este illustre collega é o verdadeiro mestre da bacteriologia no Rio Grande do Sul e o seu laboratorio não é um simples estabelecimento industrial, mas uma verdadeira escola, onde os academicos de medicina vão se illustrar e elaborar as suas theses de doutoramento.

ESTADO SANITARIO.

PESTE BUBONICA: No dia que lemos nos diários de Buenos Aires a noticia telegraphica, transmitida do Rio, de que só em uma semana tinham sido registrados em Porto Alegre 77 obitos por Peste, fomos, o Dr.

LUTZ e eu, ao Instituto Bacteriologico da capital argentina, solicitar do seu director, o Prof. KRAUS uma boa partida de vacina anti-pestosa, para trazermo-la para Porto Alegre. O Dr. KRAUS e o Presidente do Departamento Nacional de Hygiene que estava presente, promptamente nos atenderam, mandando aviar toda a vacina que houvesse, para nos ser entregue.

Esses illustres funcionarios da Hygiene Argentina promptificaram-se tambem a nos enviar para o Rio Grande, caso fosse necessario, outros recursos, inclusive pessoal tecnico para debellar a epidemia.

O Dr. LUTZ e eu agradecemos muito esse favor e aceitámos apenas 150 tubos de vacina anti-pestosa, para attendermos ás primeiras necessidades até que chegassem socorros do Rio.

Chegando á Cidade do Rio Grande verificámos o exagero daquella noticia. No dia em que chegámos a Porto Alegre, lemos nos jornaes locais a noticia do registro de 3 casos de peste. Nos outros dias foram tambem notificados outros casos. Soubemos por informações de medicos de lá, que, no decurso dos ultimos 2 mezes, o numero de casos de peste, em Porto Alegre tinha variado entre 3 e 7 por semana, quasi todos fataes.

Na manhã de 3 de Abril fomos, o Dr. ARISTIDES e eu, á Repartição Geral de Hygiene, onde encontrámos o seu director, Dr. RICARDO MACHADO, a quem contámos o facto que acabámos de narrar e entregámos a partida de vacina anti-pestosa que lhe trouxemos de Buenos Aires.

O Dr. MACHADO recebendo a vacina, agradeceu-nos o obsequio, mas disse-nos que "vaccina e sôro anti-pestosos eram lá productos desmoralizados, em todo o caso guardal-a-hia para quem quizesse usal-a".

Informou-nos tambem o Sr. Director de Hygiene do Rio Grande do Sul, que o isolamento dos doentes de peste, assim como a desinfecção das casas, onde se dão obitos por essa doença, são lá facultativos, porque acima de tudo está a liberdade individual. Pelas informações que nos prestou o Sr. Dr. RI-

CARDO MACHADO, essas e muitas outras, concluimos que Porto Alegre, ou melhor, o Rio Grande do Sul não tem hygiene publica, organizada segundo as doutrinas modernas.

Por esse motivo lá existem todas as molestias infecto-contagiosas evitaveis e muitas delas implantadas endemicamente. Outra grande endemia do Rio Grande é o Charlatanismo. Em todo o Estado e sobretudo na Capital, o numero de curandeiros e charlatães é enorme e o povo paga pesadissimo tributo a esses exploradores prestigiados pelo Governo, que não é, como devia sel-o, o "tutor" do povo. Não ha certamente no Brazil um Estado, mesmo o mais longinquo e mais atrasado, que em assumpto de charlatanismo possa competir com o Rio Grande do Sul.

Voltando a tratar da Peste no Rio Grande, achámos opportuno registrar aqui a seguinte noticia, transcripta das "Varias" do Jornal do Commercio, de 13 de Junho corrente: "De ora avante os vapores do Lloyd Brasileiro, procedentes do Rio Grande do Sul, não atracarão mais ao caes do porto, sem prévia desinfecção. Essa medida foi hontem sugerida ao Sr. Director do Lloyd, que a mandou executar immediatamente, pelo Sr. Dr. DANIEL DE ALMEIDA chefe do serviço medico daquela empresa".

Esta medida de defesa da capital federal contra a peste foi tomada por motivo da importação recente de ratos pestosos, procedentes do Rio Grande, que causaram 2 obitos entre os operarios do Lloyd nos armazens de Mocanguê. E si o corpo de saúde do Lloyd, auxiliado pela Saude Publica Federal, não tivesse dado combate immediato e decisivo ao mal, teria havido, por certo, muitos outros casos a lastimar-se.

VARIOLA: Encontram-se pelas ruas de Porto Alegre, em grande numero e por toda a parte, pessoas com o rosto marcado pela variola.

A ultima epidemia desta doença durou 2 annos; tendo começado no Rio Grande e em Porto Alegre, com grande intensidade foi se alastrando por todo o Estado. Em Abril,

quando lá estivemos, o Dr. RICARDO MACHADO informou-nos que o director de Saúde Publica de S. Paulo, Dr. ARTHUR NEIVA, lhe pedira por telegrama noticia sobre o estado sanitario daquela capital e que elle respondera "não haver novidade, apenas alguns casos de varicella". Contra o diagnostico de sabios medicos se oppõe o pessoal do Governo; tambem a imprensa official se incumbe sempre de desmentil-o quando se trata de molestia grave e com caracter epidemico.

A variola verdadeira grassava no Rio Grande em Porto Alegre e o Governo affirmava ser varicella. A deslealdade scientifica chega lá ao *maximum*. Em viagem para Porto Alegre tivemos o prazer da amavel companhia do Sr. EVARISTO DO AMARAL, Deputado Federal Riograndense. Conversando com este senhor sobre a Hygiene no seu Estado, elle teve a bondade de nos informar que, ha pouco tempo chefiou pelas columnas da "A Federação", jornal official de Porto Alegre, uma forte campanha para desmentir a classe medica e negar a existencia naquela capital, não sabemos bem se de variola ou de peste. Não occultámos ao Sr. AMARAL a nossa franca desaprovação, porque, não sendo elle medico e nada sabendo de Hygiene, como podia pretender contestar o diagnostico de medicos de reconhecida competencia? É triste esta situação em um estado rico e tão progressista noutros ramos de actividade. Não achamos que seja patriotico conservar nos cofres do Estado 15 ou 20 mil contos, e vangloriar-se o Governo por isso, deixando contudo reinar, na sua capital e no interior do Estado, doenças facilmente evitaveis e não cogitando da reorganização da Hygiene, departamento dos mais importantes de uma administração. Bem governar não é simplesmente guardar dinheiro e não dever nada a ninguem, mas sim arrecadar activamente as rendas do Estado e aplicar o melhor possivel os dinheiros publicos, sem esquecer que "*Salus populi suprema lex esto*".

DOENÇA DE CHAGAS: Consultando o livro "Du Climat et des Maladies du Brésil", publicado pelo medico de D. Pedro

II, Dr. J. F. X. SIGAUD, em 1844, nelle encontrámos referencias á algumas molestias existentes no Rio Grande do Sul. Refere o auctor que era conhecida a existencia da *ankylostomose* numa parte deste Estado, e, quanto ao *bocio endemico*, diz que lá existia em quasi todo o Estado, tendo aumentado muito entre os annos de 1824 a 1844. Em Pelotas informaram-nos algumas pessoas, entre ellas o Dr. BRUNO CHAVES, ter sido encontrado um *barbeiro* naquelle municipio, do qual foram enviados alguns exemplares ao Dr. A. NEIVA, quando estava em Manguinhos. Chegados em Porto Alegre, fomos visitar, em companhia dos Professores SARMENTO LEITE e GONÇALVES CARNEIRO o "Instituto Oswaldo Cruz", dependencia da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Os medicos deste Instituto mostraram-nos um *barbeiro* que verificámos logo ser da especie *Triatoma infestans* KLUG, exemplar enviado de San Sepé, onde existe em abundancia. Tratava-se de uma femea que já tinha deitado muitos ovos no pequeno crystalizador, em que se achava. Nenhum estudo tinha sido feito ainda sobre isso no Rio Grande do Sul. Combinámos então com os Drs. PAULA ESTEVES e BLESSMANN GUERRA, as pesquisas necessarias para verificarmos, si esse *barbeiro* estava ou não infetado. No momento, em que examinavamos os ovos, o *Barbeiro*, picou-nos através a gaze que cobria o crystalizador, na face anterior do dedo médio da mão esquerda. A sensação foi identica á da penetração duma agulha na pelle. No ponto da picada ficou, perfeitamente visivel, um pequeno orificio por onde surdia um pouco de sangue. A picada foi rapida e rapida tambem a nossa defeza, lançando tudo ao chão. Desinfetada a pelle, na região da picada, pelo calor e tintura de iodo, a dôr continuou entretanto todo o dia. Isto se deu a 30 de Março.

A 2 de Abril voltámos ao Instituto, o Dr. ARISTIDES MARQUES DA CUNHA e eu, e iniciámos, com os Drs. ESTEVES e BLESSMANN, as pesquisas combinadas. Adoptando a technica de Manguinhos, fizemos o *barbeiro* sugar uma cobaya, estando

esta immobilizada e com uma parte do abdomen raspada á navalha. Neste ponto applicámos o tubo de vidro contendo o *barbeiro*, que não demorou a picar. O laboratorio estava um pouco sombrio, não ás escuras. A primeira sucção durou 7 minutos e foi interrompida, porque a cobaya reagio fortemente. Poucos minutos depois o *barbeiro* começou uma segunda sucção que durou apenas 4 minutos, defecando logo em seguida. Retirámos então o *barbeiro* de sobre o animal e fechámos o tubo em que se achava antes. Apanhámos as fezes depositadas sobre a pele da cobaya com um bistouri e as emulsionámos em sôro physiologico.

Era um pequeno bôlo fecal, semi-solido e de cor negra. Os preparados desse material, examinados a fresco, revelaram abundantes flagellados. Poucos minutos depois o *barbeiro* depôz no fundo do tubo 2 grandes gotas de um liquido limpido, que tambem examinámos a fresco obtendo resultado francamente positivo. A emulsão das fezes e deste liquido injetámos num outro cobayo, por via intra-peritoneal.

Fixámos o material estendido nas laminas e corámos pelo Giemsa.

Estes preparados revelaram grande numero de flagelados, com caracteres do *Trypanosoma cruzi*. Havia campos microscopicos contendo 9 a 13 parasitos.

Este resultado das nossas primeiras pesquisas sobre a Molestia de Chagas no Sul, foi verificado com especial interesse pelos medicos do Instituto O. Cruz, alguns professores da Faculdade de Medicina e estudantes. Até o Director de Hygiene, Dr. R. MACHADO, foi ao laboratorio examinar os nossos preparados. Ficou então combinado que os Drs. PAULA ESTEVES e BLESSMANN GUERRA proseguiriam nessas pesquisas até á obtenção da Doença de Chagas experimental, com material daquele Estado, e se incumbiriam tambem de organizar a estatistica da distribuição dos *barbeiros* no Rio Grande do Sul. Informados de que em Canoas, bairro proximo a Porto Alegre, havia muitos papudos e *barbeiros*, fomos a esse local no dia 3 de Abril, os Drs. ESTEVES,

BLESSMANN, MARQUES DA CUNHA e eu. Lá encontrámos, na verdade, doentes suspeitos de *trypanosomose*, mas todos procedentes do bairro chamado Sapucaya, distante ainda 5 leguas. Diversos papudos, vindos de Sapucaya, informaram-nos que lá existem *barbeiros*, em grande abundancia, nas habitações e reconheceram o exemplar que tínhamos levado connosco, para mostrar-lhes. Marcado o dia, para irmos a Sapucaya, o tempo piorou tanto, que não nos permitio realizar essa viagem, assim como diversas outras que tínhamos projectado. Obtivemos informações seguras de que existe a Doença de Chagas (papudos e *barbeiros*), nos municipios de Bagé, Pelotas, Santa Maria (Colônia Formigueiro), Uruguayana, San Sepé e Caçapava. De Uruguayana recebemos, enviados pelo Dr. F. ORCY, 6 exemplares de *Triatoma infestans*. Na carta que lhes servio de guia, informou-nos aquelle collega, que esse inseto existe lá em grande abundancia, assim como papudos. Desses 6 *barbeiros* chegaram vivos 5, dos quaes só 1 sugou uma cobaya; o exame das suas fezes, eliminadas logo depois da sucção, foi negativo. Dos outros exemplares, que deixámos no laboratorio de Historia Natural da Universidade do Paraná, morreram mais 2 e 1 foi subtrahido, não se sabe por quem. Esperamos nova remessa de *barbeiros* de Uruguayana para repetirmos as pesquisas.

O doutorando FELIX GARCIA, que está fazendo these em Manguinhos, recebeu, ha dias, muitos exemplares de *barbeiros* da especie *Triatoma infestans* KLUG., que lhe enviaram de 2 casas do Bairro de Santa Barbara, municipio de Caçapava (Rio Grande do Sul). Acompanhámos as pesquisas sobre esses *barbeiros*, feitas no laboratorio do Dr. CARLOS CHAGAS, e verificámos que estavam infectados diversos dos exemplares de uma das casas, onde foram capturados. Nessa região também existe o bocio.

O Sr. GARCIA encontrou, na mesma zona, *barbeiros* em tocas de lagartos e em fendas de pedras, nas coxilhas, onde pousam as ovelhas. San Sepé, cujos *barbeiros* também são infetados, fica proximo de Caçapava.

LEPRA: Quanto á lepra, encontrámos á pag. 389 do livro de SIGAUD, atraz citado, uma observação interessante que resumimos: "Marianno José Machado, nascido em Rio Pardo, Rio Grande do Sul, com 50 annos, leproso ha 6 annos (lepra tuberculosa ou lepra leonina de ALIBERT), internado ha 4 annos no Hospital dos Lazaros do Rio de Janeiro, que abandonou por não ter encontrado melhoras para o seu mal. Desesperado com a sua doença, sujeitou-se por sua livre e espontanea vontade, á mordedura de um cascavel (*Crotalus terrificus*), no consultorio do cirurgião SANTOS, á Rua Vallongo, n. 61, Rio, na presença de diversos medicos de que o autor cita os nomes. Após sofrimentos atrozes, falleceu Marianno, 24 horas depois de mordido pela cascavel a título de cura".

E' crença geral entre os dermatologos brasileiros, sobretudo entre os membros da Sociedade Brasileira de Dermatologia, que o Rio Grande do Sul está isento do grande flagello nacional, a lepra.

Livros antigos e modernos dizem, não existir a morphéa naquelle estado; entretanto essa asserção não é, infelizmente, uma realidade.

A lepra existe no Rio Grande do Sul, como existe em Santa Catharina e no Paraná e, finalmente, em todo o Brazil. Felizmente nos trez Estados do Sul o numero de casos conhecidos é muito inferior ao de qualquer estado central ou do norte do paiz. O facto de ser rara, não é argumento para não tomar medida de defeza; muito pelo contrario é agora a oportunidade de se iniciar a sua prophylaxia para evitar maior disseminação do mal. Já assignalámos atraz a existencia de diversos casos de lepra na cidade do Rio Grande, em Pelotas, em Bagé, etc. e acabámos de receber informações seguras da existencia dessa doença em Uruguayana, Vacarias, Alegrete, Santa Borja (Iguariçá), Cruz Alta, Paço Fundo (Colônia de Irexim) Santa Maria (Colônia Silveira Martins), Bom Retiro, Itaqui, S. Leopoldo Santa Cruz, S. Sebastião do Cahy e Jaguarão. Em Porto Alegre o numero de leprosos atinge á algumas dezenas. A recente these

de doutoramento de JOSÉ ATHAYDE DA SILVA intitulada "*A proposito de alguns casos de lepra*" (Porto Alegre 1915), contem 16 observações, na sua maioria de casos autochthons. Nas conclusões desse pequeno trabalho lê-se: *A lepra é endêmica no Estado do Rio Grande do Sul e cada vez mais tende a se propagar. Foi importada do estrangeiro e dos outros Estados etc.*"

No protocollo do Laboratorio de Analyses Clinicas do Dr. PEREIRA FILHO, existem mais de 30 diagnosticos bacterioscopicos positivos de Lepra.

O Dr. NOGUEIRA FLORES tem 1 caso de lepra no Hospital da Força Publica e conhece 1 official riograndense da mesma milicia, afetado do mesmo mal, em estado muito adiantado. Este collega e outros medicos porto alegrenses têm enviado alguns leprosos para o Rio de Janeiro.

Na Assistencia Publica esteve se tratando, ha tempos, um syrio leproso e o antigo porteiro da Santa Casa morreu do mesmo mal, depois de ter convivido durante muitos annos em franco commercio com o publico que frequenta aquelle hospital. A familia Godin, natural da Bretanha, reconhecido fóco de lepra na França, negociantes de luvas e residindo em rua central de Porto Alegre, tinha diversos leprosos entre os seus membros, que foram desaparecendo aos poucos, até que por fim fizeram leilão do seu estabelecimento commercial.

Ha 20 dias, foi internado na Santa Casa um leproso, vindo de Itaquy e descendente de familia leprosa por parte da mãe, que, por sua vez, descendia de uma familia infetada, de naturalidade allemã.

Ainda na Santa Casa, examinámos um caso de lepra tuberculosa adiantada, que pedia com insistencia que lhe fizessemos uma grande injeção de creolina pura, por sua exclusiva responsabilidade. Este doente já está cego e tem viajado muito, em busca de remedios.

No Rio Grande não ha hospital de leprosos e não se cogita da prophylaxia da lepra como aliás de nenhuma outra doença infecto-contagiosa.

FILARIOSE: A filariose é uma doença relativamente commum em Porto Alegre. O Dr. CARLOS NIEDERAUER HOFMEISTER, em seu trabalho "*A Filariose em Porto Alegre*" (these inagural, P. Alegre, 1917), estuda 12 casos de filariose, todos da capital riograndense. O Dr. HOFMEISTER diz á pagina 36 da sua these: "*As zonas contaminadas aqui na capital coincidem com as regiões baixas e alagadiças que bordam o Guahyba e onde abundam os mosquitos. São: São João (varios casos), Navegantes, Menino Deus, Floresta, Chacara das Bananeiras, Rua do Arroio, Travessa 3 de Novembro, Azenha etc.*". O Dr. PEREIRA FILHO, em cujo laboratorio se fazem muitos exames microscopicos, por indicação de outros medicos, asseverou-nos tambem que tem feito diversos diagnosticos de Filariose.

LEISHMANIOSE. Pelas informações prestadas pelo Dr. O. D'UTRA, numa das sessões do anno passado da Sociedade B. de Dermatologia, sabemos ter sido verificado e publicado um caso de leishmaniose no Rio Grande do Sul. Visitámos os mercados, os bairros da capital e frequentámos durante a semana santa as igrejas e acompanhámos as procissões, observando o povo e procurando casos de molestias da pelle. Nada vimos que parecesse leishmaniose, presente ou passada. Mesmo quanto ás outras dermatoses nada poudémos ver nessas excursões. Nos hospitaes tambem não havia nenhum caso de Leishmaniose, nem de ulcera phagedenica.

BOUBA, ESPOROTRICHOSE e BLASTOMYCOSE: Quanto a estas dermatoses tambem nada vimos e nem conseguimos quaesquer informações fidedignas sobre a sua existencia ou observação no Rio Grande. A these de doutoramento de SAINT-PASTOUS, defendida em 1915 perante a Faculdade de Medicina de Porto Alegre, estuda um caso de "*Otomycose*" (da clinica particular do Prof. OLYNTHO DE OLIVEIRA), produzida pela *Sterigmatocystis nigra*.

TUBERCULOSE e SYPHILIS: Porto Alegre, como todas as grandes cidades do Brazil, está pagando pesado tributo á peste

branca. A syphilis é a doença predominante nos consultorios e tambem na clinica dermatologica da Faculdade de Medicina, com séde na Santa Casa. A enfermaria de molestias da pele está muito mal situada, não oferece conforto nem tem laboratorio annexo para os diagnosticos microscopicos, o que é deveras lastimavel.

VERMINOSES: De todos os exames de fezes, feitos no Laboratorio PEREIRA FILHO, 80 % são positivos quanto á ankylostomose e 100 % quanto á trichocephalose. Nestes ultimos dias o Dr. PEREIRA FILHO diagnosticou 5 casos de taenia da especie *Hymenolepis nana*.

Toda a população suburbana de Porto Alegre está atacada de *Ankylostomose*, sobretudo nas margens do Guahyba e da Lagôa dos Patos.

No mercado de peixes e nos arrabaldes da capital, vimos muita gente apresentando symptomas francos de *ankylostomose*.

Febres typhica e paratyphicas, dysenterias (amebiana e bacilar), varicella, sarampo, escarlatina etc., são molestias communissimas em Porto Alegre e no Rio Grande. Tivemos noticia de que em Uruguayana tambem estava grassando epidemicamente a febre typhoide e que nenhuma medida official de prophylaxia tinha sido tomada.

Ainda sobre o estado sanitario do Rio Grande do Sul e do seu saneamento está publicando atualmente uma serie de artigos o illustre Prof. Dr. OLYNTHO DE OLIVEIRA, da Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

ESTADO DE SANTA CATHARINA. Infelizmente não pudemos, desta vez, desembarcar em Florianopolis. Desembarcamos porém em S. Francisco e Itajahy onde obtivemos informações seguras sobre a existencia de alguns casos de lepra nestas duas cidades e outros em Florianopolis, ao todo meia duzia de casos.

No municipio do Rio Negro existem talvez algumas dezenas de leprosos. No Hospital dos Lazaros do Rio existe uma leprosa catharinense que conhece outros doentes desse mal em Florianopolis. Com re-

ferencia ao interior do Estado nada conseguimos saber de positivo. A ankylostomose é o grande flagello dominante no litoral catharinense e nenhuma medida de prophylaxia intensiva foi até hoje posta em pratica. Apenas um dos clinicos de Itajahy, o illustre Dr. NORBERTO BACHMANN, faz, na medida dos recursos de que dispõe, o tratamento dos ankylostomiados que aparecem. Esse celega tem se interessado tambem junto aos poderes publicos do seu Estado, no sentido de ser creada a prophylaxia official da ankylostomose. SIGAUD, no seu livro sobre clima e molestias do Brazil, publicado em 1844, já faz referencias a presença da ankylostomose no Estado de Santa Catharina.

Neste estado a malária parece muito menos frequente que na costa do Paraná e de S. Paulo. Acabámos de receber informações valiosissimas sobre a existencia do bocio e de barbeiros no interior do E. de Santa Catharina, dos lados de Lages e tambem em outros municipios catharinenses.

Estamos resolvidos a fazer uma visita, muito breve, a essa região.

ESTADO DO PARANÁ. Chegámos ao litoral paranaense a 18 de Abril e, depois de ter percorrido o Norte do Estado e de ter feito uma parada na Capital, partimos para o Rio de Janeiro, a 14 de Maio passado.

No litoral paranaense dominam duas grandes endemias: o Impaludismo e a Ankylostomose. Em 1917, durante o primeiro trimestre, percorremos, commissionedo pelo Governo do Paraná, todos os municipios litoraneos, que são: Paranaguá, Morretes, Antonina, Guarakessaba e Guaratuba, fazendo estudos completos sobre o estado sanitario da região, para o inicio da campanha de saneamento a fazer-se dentro em brève. Damos a seguir em resumo, o resultado desses estudos:

ANKYLOSTOMOSE. Do nosso relato de Março de 1917, publicado no Paraná Medico, extrahimos:

“Calculamos em 90 % da população do litoral o numero de infetados pelos vermes intestinaes. Os municipios de Guaratuba e Morretes são os que estão em condições

mais precárias; ahí essa porcentagem eleva-se a 100 %. Segundo as nossas observações, podemos calcular para os municipios ds Paranaguá e Guaratuba em 40 % o numero de casos adiantados de ankylostomiase e entre elles muitos de anemia perniciosa; em 30 % o numero de casos de ankylostomose no primeiro grão e em 30 % ou pouco menos o numero de casos de helminthiase ou polyhelminthiase, em que os individuos não passam de portadores de vermes, por emquanto, sem deixar, contudo, de serem muito nocivos. Nos municipios de Morretes, Antonina e Guaratuba, o numero de casos de ankylostomose adiantada eleva-se a 60 %; dos outros 40 % restantes, metade é de 1º grão; a outra metade é constituida pelos simples portadores de vermes.

Como se vê, a situação é muito critica e reclama dos poderes publicos medidas serias de restricção deste mal. Felizmente a prophylaxia é facil e barata e pôde ser encetada, logo que o Governo disponha de fundos. Si porém a prophylaxia não for feita, pode-se considerar perdida a futura geração litoreana. Seria mais patriótico e mais acertado que os municipios interessados se offerecessem para auxiliar o Governco Estadual na execução dessas obras, comtanto que ellas fossem executadas sem mais delongas. O resultado dos nossos exames coprológicos, feitos em material de dezenas de alunos da Escola de Aprendizes Marinheiros de Paranaguá, foi positivo em cerca de 90 %; nos mesmos exames, feitos em material de perto de 200 alumnos do Grupo Escolar de Antonina, o resultado foi positivo quanto a Polyhelminthiase em 100 % dos exames feitos. Nessa vez tratámos todos os individuos cujos exames foram positivos.

Encontrámos tambem ankylostomose no Norte do Estado, sobretudo na baixada dos rios Itararé e Paranapanema. No Grupo Escolar de Jaguarihyva fizemos tambem os exames coprológicos de quasi todos os seus alumnos, encontrando apenas 40 % de casos de polyhelminthiase, predominando a Ascari-diase e a Trichocephalose. Nos Campos Geraes a situação é muito melhor e a porcentagem de

polyhelminthiase deve ser muito inferior ás obtidas até hoje noutras localidades.

IMPALUDISMO: A Malaria é endemica em todo o litoral paranaense e, dada a elevada temperatura nessa zona durante o anno inteiro, não ha estações certas para a aparição de casos novos dessa infecção: *a malaria é um mal de todo o anno.*

Sob a forma epidemica, aparece de 2 em 2 ou de 3 em 3 annos, ás vezes com extensa morbidade e consideravel lethali-dade.

No verão de 1917 tratámos algumas centenas de impaludados durante as nossas viagens de inspeção medica pelo litoral. Dessa vez encontrámos fôcos de Terça maligna na Barra do Sul e em Guarakessaba.

No verão deste anno, irrompeu uma pequena epidemia na Barra do Norte; foi enviado o medico militar Capitão Dr. JOSÉ CAJAZEIRA para combatel-a, levando como auxiliar um pharmaceutico militar.

O Dr. CAJAZEIRA informou-nos, quando nós nos encontramos em Paranaguá, que todos os conscritos, recebidos de Guarakes-saba e aquartelados na Fortaleza da Barra do Norte, estavam soffrendo de impaludismo, assim como quasi toda a população civil da referida região.

Nos municipios de Morretes, Porto de Cima e Antonina, o inpaludismo é um flagello tão grave quanto a ankylostomiase.

A zona Norte do Estado deve ser tambem considerada região paludica, pois em todos os municipios dessa parte, a mais rica do territorio paranaense, tem havido periodicamente grandes epidemias de Malaria e, nalguns municipios, o mal é endemico e causa annualmente muitas perdas de vidas e outros damnos economicos de alta monta.

Começou sob a forma epidemica em pequenos fôcos no anno de 1908; hoje em dia reina em toda aquella vasta e rica zona, desde o Serro Azul até Jacarésinho, na zona fronteira com São Paulo e desde o rio Itararé até S. Jeronymo e Jatahy nos sertões.

As maiores epidemias foram as de 1913, 1915, e 1917, as quaes causaram em conjunto perdas de milhares de vidas preciosas,

prejudicando sobremaneira a agricultura daquelle grande celleiro que é o norte. Em todos esses annos, o Governo do Estado lançou mão dos recursos de que dispunha e socorreu as populações da região. No anno passado, porém, o Governo tomou medidas mais energicas e mais perseverantes, enviando para lá 3 medicos (com bastantes medicamentos), os quaes muito trabalharam, durante a epidemia. Infelizmente a mortalidade foi muito grande, porque os recursos só foram enviados tardiamente. A chefia desse serviço nos tinha sido confiada pelo Presidente do Paraná, Sr. Dr. AFFONSO DE CAMARGO, a quem apresentámos, em 31 de Julho de 1917, um relatório minucioso do estado sanitario da região. Transcrevemos aqui alguns trechos da pagina 67 do nosso relatório, intitulado "O IMPALUDISMO NO NORTE DO PARANÁ E A SUA PROPHYLAXIA" (Manguinhos 20 de Julho de 1917).

"O Norte paranaense foi, neste anno, castigado com uma verdadeira pandemia que invadiu todos aqueles sertões. As zonas consideradas salubres foram tambem atingidas pelo mal; as zonas tidas como indemnes, campos e serras, mesmo de altitude superior a 900 metros, são hoje focos de impaludismo. De todo o Norte só foram poupadas duas cidades e uma vila: Ribeirão Claro, Jacarézinho e Jaboticabal (no interior desses municipios o mal tambem se alastrou com a mesma violencia das outras zonas). Nas demais cidades, vilas, povoados, patrimonios e bairros, a epidemia foi inclemente. Na linha da Estrada de ferro S. Paulo ao Rio Grande atacou desde Sengés até Pirahy e é preciso notar que Jaguariahyva e o Pirahy estão nos campos com altitude superior a 800 metros. A região marginal do Itararé e do Paranapanema foi inteiramente dominada pela epidemia. A parte central dos sertões do Norte foi a que mais soffreu: de S. José da Boa Vista até ao Rio do Peixe a morbidade foi enorme e a lethalidade cruel. A epidemia abrangeu toda a mesopotamia do Itararé, do Paranapanema, do Cinzas, do Peixe e do Tibagy.

Acompanhando o rio Tibagy, o impaludismo subiu demais: sendo endemico em Jatahy, appareceu sob a forma epidemica de S. Jeronymo até a cidade do Tibagy e foi produzir uma meia duzia de casos em Conchas e outros muito acima de Ponta Grossa, na fazenda do Sr. B. PINHEIRO MACHADO, exactamente na forquilha do Rio Tibagy com o Rio Imbituva"...

A' pagina 68 do mesmo relatório informámos: "Só nós tratámos 2.609 doentes; o Dr. AIROSA cerca de 1.500 e não sabemos quanto registrou no seu diário o Dr. LOYOLA. Desses 2.609 doentes conseguimos precisar a forma clinica do Impaludismo em 1.648; os demais foram examinados e medicados a grandes distancia, pelos sertões onde não tínhamos recursos de diagnostico microscopico, nem dispunhamos de tempo para fazer as observações clinicas. Nas cidades e villas, onde demoravamos alguns dias e onde podíamos fazer os exames hematologicos, a nossa observação era mais minuciosa e portanto mais completa. Dos 1.648 impaludados, cuja observação clinica foi sufficiente, tirámos a seguinte porcentagem: Impaludismo chronico 19,3; impaludismo agudo 80,79 0/0; destes, febre quotidiana 35, 0/0; terça 40,3 0/0 e quarta 5,4 0/0.

De mil e tantos exames de sangue obtivemos cerca de 60 0/0 de resultados positivos. Destes 60 0/0 de exames hematologicos positivos, 49 0/0 eram de Terça benigna, 5,6 0/0 de Terça maligna e 5,4 0/0 de Quarta."

Além de diversas medidas de saneamento aconselhámos ao Governo a fundação de 3 postos medicos no Norte, 2 fixos e 2 ambulantes, todos destinados a curar os casos chronicos de Malaria e a executar diversas obras de saneamento do sólo.

Infelizmente o Governo só poudé instalar um desses Postos Anti-paludicos com séde na cidade de Jaguariahyva e com jurisdicção nos municipios de S. José da Boa Vista e Thomazina. Este posto foi dirigido por nós durante o 2º semestre de 1917; de Janeiro em diante foi confiado ao nosso colega Dr. J. J. DE ORTIGÃO SAMPAIO,

Indicado por nós para nos substituir durante a nossa viagem pelo rio Paraná e Republicas do Prata. Todas as obras de saneamento do sólo, indicadas para a cidade de Jaguarihiva e arrabaldes, foram realizadas pela respectiva municipalidade sob a nossa direção. Em S. José da Boa Vista também se fez muita cousa.

Nestas duas cidades conseguimos que os proprietarios de quasi todas as casas habitadas mandassem construir latrinas, com fossas perdidas, por não haver exgotos. Em Thomazina, onde os governantes e o povo não mostraram boa vontade e nem acataram como deviam as nossas determinações, *nada se fez*. Não perdemos comtudo a esperança de sanear também esta importante comarca. O resultado da campanha de saneamento do Norte deu resultados tão bons, que o Governo está empenhado em não abandonar essas obras, antes, pelo contrario, quer intensificá-las, para o que já pediu auxilio á União.

LEPRA. A estatística da Lepra, iniciada por nós em Maio de 1916 e proseguida durante todo o anno de 1917, está prompta para todo o litoral, a capital e 10 municipios do Norte do Estado. Não nós enganámos quando apresentámos Jaguarihyva, Rio Negro e Guarapuava como principaes focos de lepra no Paraná, podendo adicionar agora a esses mais 2 municipios, Tibagy e Pirahy que são também grandes focos desse mal. A nossa estatística que já vae bem adiantada, apresenta um total de 340 casos, passando talvez de 400, para todo o Estado. Foi esse o nosso calculo aproximado. O apello, que fizemos em Fevereiro de 1917 ao Congresso Paranaense, foi bem acolhido, tendo os deputados paranaenses PLINIO MARQUES, HILDEBRANDO DE ARAUJO e SANDENBERG apresentado um projeto, creando um serviço de Prophylaxia da Lepra no Paraná, o qual foi aprovado e convertido em lei. Baseado, portanto, na n. 1.718 de 31 de Março de 1917, o Governo do Paraná vae iniciar já as construções dos diversos pavilhões e residencias que constituirão a primeira colonia de leprosos,

estando já escolhido o terreno no municipio da capital; as plantas dependem apenas da aprovação da Diretoria de Obras Publicas.

ULCERAS EPIDEMICAS: Entre 1915 e 1916 houve em quasi todo o litoral paranaense uma grande epidemia de Ulcera Phagedenica, devida á associação fusco-espirilar de Vincent. No começo do anno passado, observámos alguns casos muito typicos dessa especie de ulcera, cujo diagnostico microscopico foi positivo. Em Junho do anno passado combatemos uma intensa epidemia, também de ulcera phagedenica, nos municipios de Platinopolis e Jacarézinho, no Norte do Estado do Paraná, tendo estudado mais de cem casos. Na mesma occasião encontrámos uma meia duzia de casos de leishmaniose tegumentar nessa zona, sobre os quaes já fizemos uma pequena communicação á Sociedade Brasileira de Dermatologia.

DOENÇA DE CHAGAS: Até hoje ainda não foi verificada a presença da Doença de Chagas no Paraná; podemos entretanto afirmar que ela lá existe, sobretudo no Norte; encontrámos grandes focos de Barbeiros, da especie *Triatoma megista*, em Jatahy e S. Pedro de Alcantara onde existem também muitos casos de bocio. Casos inumeros de bocio conhecemos, mesmo em familias inteiras, nos sertões do Paraná em Ypiranga e municipios vizinhos. Seguimos agora para lá, afim de resolver de vez esse problema, que nos parece tão importante como qualquer outro da nossa nosologia.

FEBRE TYPHOIDE: Curityba foi séde, no anno passado, de uma grande epidemia de febres typhica e paratyphicas tendo sido registrados cerca de 2000 casos. Felizmente a mortalidade foi pequena, em relação á grande morbilidade dessas infeções. A Comissão Medica Paulista, chefiada pelo Dr. THEODORO BAYMA, conseguiu em poucos dias encontrar a causa principal desse grande surto epidemico do mal, que antes já existia em estado esporadico. Ficou verificada a contaminação da rede de aguas pela rede de exgotos. Eliminados os pontos de contato entre a rede de abastecimento de

agua e a rêde de exgotos e iniciada a vacinação anti-tiphica da população na proximidade de maiores fôcos, o mal foi diminuindo aos poucos, até ser completamente subjugado. Em pouco mais de 2 mezes vacinaram-se em Curityba cerca de 15000 pessoas, numero esse que foi aumentando progressivamente até o fim do anno de 1917; pois a epidemia teve inicio em Setembro desse anno e attingio o seu fastigio em Outubro e Novembro. Em Janeiro de 1918 ainda foram verificados muitos casos novos de tippo enterico, mas este já tende a desaparecer. A vacinação anti-tiphica continua a ser feita quer na Repartição de Hygiene do Estado, quer na sêde da Cruz Vermelha Paranaense e nos quarteis das forças do exercito. O Secretario do Interior do Paraná, o illustre Dr. ENEAS MARQUES DOS SANTOS, quando deu ordem de reabertura das escolas de Curityba, estabeleceu que só seriam admitidos á matricula os alumnos que apresentassem atestados de vacinação contra a febre tifoide. Emfim foram tomadas pelo Governo do Estado todas as medidas aconselhadas nesses emergencias e os resultados praticos foram os mais lisonheiros possiveis.

É preciso, entretanto, não se descuidar desse problema na capital paranaense, insistir na vacinação anti-tiphica de toda a população, munir-se de recursos de diagnostico e fazer analyses periodicas das aguas da rêde de distribuição, para, em caso de novas contaminações dos mananciaes, poder, sem perda de tempo, tomar medidas energicas de defesa contra o insidioso mal que tão grande sobresalto e damno causou á população de Curityba e de outras cidades circumvisinhas.

EPIZOOTIAS: Sabemos existir nos campos do Paraná o Carbunculo bacteridiano, atacando em certas epochas diversos animaes domesticos.

A diarrêa dos bezerros, da qual vimos no anno passado diversos casos, tambem foi observada, sobretudo nos Campos Geraes.

A batedeira ou peste dos porcos tambem tem sido verificada nalgumas fazendas do

Norte do Estado, onde os ne-
dizem ser a palustre ou sezões

Manguinhos, 30 de Junho de 1918.

Protozoologia e Planctonologia.

Este capitulo do nosso relatorio incluirá apenas os dados por nós mesmo colhidos no correr da viagem, dados estes obtidos exclusivamente sobre material que pudesse servir de base a trabalhos originaes.

Pela deficiencia dos processos até hoje uzados de conservação dos protozoarios de agua doce e pela impossibilidade de seu estudo *in loco*, a pesquisa destes nos diversos locais em que estacionámos occupou mediocremente nossa atenção. O mesmo succedeu com o potamoplancton dos rios que percorremos, o qual por varias vezes colhemos, verificando-o tão pobre em exemplares que seu estudo era de dificuldade dezanimadora. O rio Paraná e o rio Pequiry, foram, sob esse ponto de vista, os unicos pesquisados.

O lago Ipacaray, no Paraguay foi tambem objeto de pesquisas planctonologicas, mas das colheitas realizadas só vieram nas rêdes numerozissimos copepodos e representantes de outros grupos de pequenos crustaceos, ao lado de raras diatomaceas naviculoideas; a agua desse lago mereceria estudo especial principalmente por apresentar, mesmo em pequena espessura, côr cinzenta tendendo para o negro.

Muito mais proveitozo foi o estudo das especies parasitas do homem e dos animaes, bem como o das amostras de plancton maritimo que colhemos desde as costas septentrionaes do Uruguay até as de Santa Catharina. Tanto um como o outro desses capitulos, forneceu material de especies novas ou raras e interessantes dados biologicos e geograficos que vêm sendo sucessivamente rejistados em diversas publicações feitas pelo Dr. ARISTIDES MARQUES DA CUNHA e por nós mesmo.

Protozoarios parasitos—Durante a excursão procurámos obter material de prove-

niencia humana e tambem de animais indigenas que fossem porventura caçados.

Obtivemos protozoarios pertencentes a diversos grupos, principalmente ciliados e flajelados, mas tambem neosporidios (mixosporidios) e telosporidios (gregarinas).

Dentre os ciliados parasitos, verificámos, como parasito do homem, o *Balantidium coli*, o qual só foi encontrado durante a viagem uma vez, e isso em pessoa que não mostrava nenhum sintoma de dizenteria ou de qualquer outra perturbação subjetivamente perceptivel do aparelho gastro-intestinal; o cazo em questão foi verificado na cidade de Iguassú e a doente portadora do parasito, cujas fezes foram examinadas em procura de ovos de ancilostomo, apresentava apenas sintomas de uma afecção nervosa. Não é a primeira vez que verificamos e assignalamos cazos dessa natureza (Vide *Brazil Medico*, ano 32, n. 4, p. 26) em que nenhum papel patojenico pode ser atribuido ao *Balantidium coli*. No Estado do Rio de Janeiro, em cujo interior é de occorrença frequente este protozoario, repetidas vezes tivemos ocasião de encontrar-o, por méro acaso, em condições de completa inocuidade aparente durante pesquisa de ovos de helmintos.

Dos ciliados parasitos que tivemos ocasião de observar em animaes selvagens, os que mais interesse apresentam são os encontrados no estomago do grande veadó galheiro, o sussupára (*Cariacus paludosus* DESM.), e no céco da anta (*Tapirus americanus* BRISS.) Os ciliados em questão de cujo estudo se encarregou o Dr. ARISTIDES MARQUES DA CUNHA, assistente do Instituto, não foram ainda todos determinados, sendo representantes de novos generos e especies cuja descrição será objeto de publicação especial. Sómente um dos parasitos da anta foi já descrito pelo Dr. MARQUES DA CUNHA (*Brazil-Medico*, ano 32, num. 12, p. 161, 1918); é um representante de novo genero da familia *Cycloposthiidae*, o qual recebeu a designação de *Prototapirella intestinalis*, n. g., n. sp.

Dos flajelados, destacou-se em primeiro lugar o *Trypanosoma cruzi* que, no laborato-

rio do Dr. LUIZ MIGONE em Asunción, verificámos parазitar intensamente exemplares de *Triatoma infestans*, recebidos de localidade proxima da capital paraguaia, a deficiência de tempo não nos permitiu vizitar os focos de disseminação do hematofago, mas a verificação que fizemos de portadores de bócio entre os trabalhadores de Porto Izabel, todos eles provenientes do interior do Paraguay, aliada á presença do tripanozoma do barbeiro nessa rejão, nos permite afirmar a existencia naquella paiz da moléstia de Chagas; de nada vale como argumento em contrario a não verificação dessa entidade morbida por parte dos clinicos do paiz, pois bem conhecido é o fato de ter ella passado, até bem pouco completamente despercebida entre nós, apesar de sua grande disseminação.

Outra especie de tripanozoma patojenico que infesta grande parte das zonas que percorremos, é o *Trypanosoma equinum*, agente etiologico do mal de cadeiras, afecção dos muares e equideos, de que vizitámos um fóco historico constituido nas marjens do rio Salado, proximo á cidade paraguaia de San Bernardino.

Na mesma rejão de que acabamos de falar a proposito do mal de cadeiras, vejeta em abundancia uma especie de asdepiadacea *Araujia angustifolia*, em cujo latex se encontra em abundancia um flajelado do genero *Leptomonas*, genero esse que apresenta as maiores afinidades com o genero *Trypanosoma*. O Dr. L. MIGONE, que pela primeira vez descreveu esse flajelado, denominou-o *Leptomonas elmassiani*, em homenagem ao descobridor do *Trypanosoma equinum*, de quem foi o mais ativo colaborador.

No Paraguay, do mesmo modo que nas zonas que atravessámos do noroeste de São Paulo, é largamente disseminada a *Leishmania brasiliensis*, cauzadora da chamada *ulcera de Baurú*, do nome de uma das localidades atacadas ou melhor *leishmanioze americana* entidade morbida essa bastante conhecida, entre nós. É interessante notar aqui o fato de só ter a comissão conseguido, durante todo o seu percurso, um unico exemplar de *Phlebotomus* e esse, junto aos saltos de Santa

Maria, no Rio Iguassú, zona de escassa população, onde nenhum cazo de ulcera foi por nós observado.

Segundo as verificações do Dr. L. MIGNONE, não é esta a unica especie de *Leishmania* que se tem encontrado no Paraguay, pois este pesquisador verificou em Asunción o unico cazo até hoje descrito em paiz americano de *leishmanioze visceral* ou *kala-azar*; desse unico cazo nos forneceu elle material que ainda não tivemos oportunidade de estudar completamente.

Na cidade de Baurú no noroeste do estado de São Paulo, graças á gentileza do Dr. CASTRO GOYANA, pudemos examinar uma série de doentes portadores de dizenterias, verificando, então, em um dos doentes em questão a prezença excluziva de *Chilomastix mesnili* (WENYON) e, em outro, a prezença deste flajelado associado ao *Enteromonas hominis*, especie que fôra por nós descrita e encontrada pela primeira vez no Rio de Janeiro. Ambas essas verificações têm grande interesse. A do *Chilomastix mesnili* vem confirmar uma noção que já anteriormente tínhamos da verificação desse parasito mais frequente nas zonas ruraes que nas cidades, onde, como no Rio de Janeiro, são de occorrença maior o *Trichomonas hominis* e a *Giardia intestinalis*. A verificação do *Enteromonas hominis* é de maior interesse ainda, porquanto, após nossa verificação inicial no Rio de Janeiro, só fôra elle assinalado em dous cazos observados no Sudão Anglo-Egyptio, por ALBERT J. CHALMERS e WAINO PEKKOLA; era nessa ocazião, portanto, o 4º cazo conhecido; a occorrença desse protozoario, parasitando o homem, na Guyanna Franceza, onde foi recentemente assinalado por MARCEL LÉGER, faz crer ter elle uma distribuição geografica das mais extensas.

Dentre os plasmodios do homem, foram verificados apenas os parasitos das fórmas terçã benigna e terçã maligna, *Plasmodium vivax* (GRASSI et FELETTI, 1890) e *Laverania malariae* (GRASSI et FELETTI, 1890), não tendo sido assinalado nenhum cazo de

infecção pelos parasitos da quartã, *Plasmodium malariae* (LAVERAN, 1881).

Foi notavel a raridade dos mixosporidios de peixes, os quaes pesquisámos em todos os exemplares deste grupo capturados durante a viagem; a unica especie observada parasitava um peixe vulgarmente denominado *pacú* (*Pseudopimelodus charus* Val. ?) pelos rejionaes; era uma nova especie do genero *Henneguyia* que descrevemos, em colaboração com o Dr. MARQUES DA CUNHA sob a designação de *Henneguyia lutzi* (Brazil-Medico, ano 132, n. 52).

Microplankton—Pelas razões acima expostas, não trataremos aqui, nem do potamoplankton dos rios Paraná e Pequiry, nem do limnoplankton do lago Ipacarhy. Apresentaremos unicamente a lista de planctontes pertencentes aos grupos dos protozoarios e das diatomaceas, que pudemos colecionar desde as costas septentrionaes do Uruguay, na zona limitrofe com as aguas brasileiras até as costas de Santa Catharina. Verificámos a prezença de 59 especies, muitas das quaes não haviam ainda sido assinaladas em aguas brasileiras. O material adquirido durante a a viagem, juntamente com amostras colhidas pelo Dr. ARISTIDES MARQUES DA CUNHA, constitue objeto de trabalho mais detalhado que está em via de publicação e no qual, para cada especie, vem designada a respectiva proveniencia. Segue a lista de que acima tratámos.

Cystoflagellata.

- 1—*Noctiluca miliaris* Suriray, 1836.

Tintinnodea.

- 2—*Codonella morchella* Cleve, 1900.
- 3—*Tintinnopsis beroidea* Stein, 1867.
- 4—*Tintinnopsis campanula* (Ehrenberg 1840).
- 5—*Cyttarocylis ehrenbergii* (Clap. et Lachm., 1858) var. *claparedei* (Daday, 1887).
- 6—*Ptychocylis* (*Rhabdonella*) *apophysata* (Cleve, 1900).
- 7—*Tintinnus ganymedes* Entz, 1885.

- 8—*Tintinnus lusus-undae* Entz, 1885.
9—*Tintinnus amphora* Cl. et Lachm. var.
quadrilineatum (Cl. et Lachm.
1858).

Schizophyceae.

- 10—*Richelia intracellularis* (Schmidt,
1901).
Sobre frustulas de *Rhizosolenia setigera*.

Dinoflagellata.

- 11—*Frerocentrum mucans* Ehrenberg,
1838.
12—*Dinophysis ovum* Schuett, 1895.
13—*Dinophysis schuetti* Murray et
Whitting, 1899.
14—*Dinophysis homunculus* Stein, 1883.
15—*Glenodinium trochoideum* Stein,
1883.
16—*Goniodoma polyedricum* (Pouchet)
Joergensen, 1899.
17—*Peridinium stcini* Joergensen, 1889.
18—*Peridinium depressum* Bailey, 1855.
19—*Peridinium divergens* Ehrenberg,
1840.
20—*Peridinium pentagonum* Gran, 1902.
21—*Oxytoxum scolopax* Stein, 1883.
22—*Oxytoxum milneri* Murray et Whit-
ting, 1899.
23—*Ceratocorys horrida* Stein, 1883.
24—*Ceratium candellabrum* (Ehrenberg)
Stein, 1883.
25—*Ceratium furca* (Ehrenberg) Clap.
et Lachm, 1859.
26—*Ceratium fusus* (Ehrenberg, 1883)
Dujardin, 1841.
27—*Ceratium incisum* (Karsten, 1906).
28—*Ceratium belone* Cleve, 1900.
29—*Ceratium pentagonum* Gourret,
1883.
30—*Ceratium penatum* Kofoid, 1907.
31—*Ceratium palmatum* (Schroeder,
1900) Schroeder var. *raupipes*,
Cleve.
32—*Ceratium massiliense* Gourret, 1883.
33—*Ceratium trichoceros* (Ehrenberg,
1859) Kofoid, 1908.

- 34—*Ceratium tripos* (O. F. Mueller,
1777).
35—*Ceratium gibberum* Gourret, 1883.
35a—*Ceratium gibberum* Gourret, 1883
forma *sinistrum* Gourret, 1883.
36—*Ceratium reticulatum* (Pouchet,
1883) Cleve.
37—*Podolampas palmipes* Stein, 1883.
38—*Podolampas bipes* Stein, 1883.

Silicoflagellata.

- 39—*Dictyocha fibula* Ehrenberg, 1839.

Diatomaceae.

- 40—*Melosira borrii* Greville, 1856.
41—*Paralia sulcata* (Ehrenberg, 1837),
Cleve.
42—*Skeletonema costatum* (Greville,
1886) Cleve.
43—*Leptocylindrus danicus* Cleve, 1889.
44—*Guinardia flaccida* (Castracane,
1886) Peragallo.
45—*Rhizosolenia schrubsolei* Cleve,
1881.
46—*Rhizosolenia setigera* Brightwell,
1858.
47—*Rhizosolenia calvar-avis* Schultze,
1858.
48—*Rhizosolenia alata* (Brightwell,
1858), forma *genuina* Gran, 1911.
48a—*Rhizosolenia alata* (Brightwell,
1858), forma *gracillima* Cleve.
48b—*Rhizosolenia alata* (Brightwell,
1858), forma *indica* (Peragallo,
1892).
49—*Bacteriastrum furcatum* Schadb.
1854.
50—*Chaetoceras schuetti* Cleve, 1894.
51—*Chaetoceras subtile* Cleve, 1896.
52—*Cerataulina bergonii* Peragallo, 1892.
53—*Biddulphia mobiliensis* (Bailey)
Gruen., 1859.
54—*Biddulphia sinensis* Grev., 1866.
55—*Biddulphia rhombus* (Ehrenberg)
W. Smith, 1844.
56—*Biddulphia favus* (Ehrenberg, 1839),
V. Heurck.
57—*Biddulphia vesiculosa* (Ag.) Boyer,
1824.

- 58—*Belleroclea malleus* (Brightwell) V. Heurck, 1858.
59—*Thalassiothrix nitzschoides* Grue-
now, 1862.

Observações entomológicas.

Insectos observados durante a navegação.

Durante os muitos dias, que passámos a bordo de varias embarcações sobre o Rio Paraná e os seus afluentes, tivemos ocasião de fazer umas observações que, combinadas com outras feitas em ocasiões semelhantes, constituem um complexo de observações biológicas, que não parece destituído de algum interesse.

Durante o dia, no meio dos grandes rios, só aparecem poucos insetos. Entre estes notam-se principalmente algumas borboletas que, de vez em quando, procuram atravessar os rios mais largos, seja isoladas, seja em bandos como algumas especies de pieridas. Raras vezes sentam-se nas embarcações. Outras apenas frequentam as margens dos rios, onde, ás vezes, pousão por dentro de canoas ou no convez das chatas. Nesta ultima situação notei principalmente uma especie de *Libythea* que parecia preferir este pouso a qualquer outro e ajuntava em grande numero. Na mesma situação apareciam tambem varios hymenopteros de maior vulto.

Os coleopteros abundam nas mattas que acompanham os lados dos rios, mas só exemplares muito isolados aparecem por cima da agua.

Ha algumas motucas que acompanham o percurso dos rios e frequentemente invadem as embarcações em pleno dia. São *Lepidoselega lepidota*, *Diachlorus flavitaenia* e *D. bimaculatus* sendo as ultimas especies mal separadas. De todas só se observão femeas que frequentemente procuram picar. Nunca são encontradas longe dos rios, onde os seus criadouros devem ser procurados. As larvas são ainda desconhecidas como tambem as de *Esenbeckia*, das quaes algumas especies acompanham os rios, sem serem tão francamen-

te diurnas. Na hora do crepusculo aparece o grande *Chelotabanus aurora* que póde ser considerado uma especie francamente fluvial. Esta especie e a *Lepidoselega* são encontradas tambem nos rios do norte.

Nos rios maiores os mosquitos não incommodam de dia, quando as embarcações se acham longe das margens. Nas horas do crepusculo e de noite algumas especies aparecem, atrahidas pela luz, principalmente as *Cellias* e *Mansonias*, mas o seu numero é muito maior quando o navio está encostado ou perto da margem.

Os simulios (borrachudos) parecem preferir a athmosphera humida por cima dos rios para as suas viagens que se estendem a distancias de dez a vinte leguas dos seus criadouros, como verifiquei no rio São Francisco. O *Simulium amazonicum* é encontrado em quasi todos os rios maiores onde ha cachoeiras e saltos; incommoda principalmente durante as viagens feitas em canoa; em terra ataca os cavalos em preferencia aos cavalleiros.

Nos portos notámos moscas das familias *Anthracidae* e *Syrphidae* que entram a bordo. Algumas *Muscidae* criam-se a bordo ou acompanham as mercadorias.

A bordo dos vapores bem iluminados o numero dos insetos que aparecem a noite atrahidos pela luz, é muito maior, principalmente em tempo escuro; mas trata-se geralmente de pequenas especies. Entre os lepidopteros ha pequenas mariposas e muitos microlepidopteros; entre os dipteros prevalecem pequenos nematoceros de larvas aquaticas, principalmente *Chironomidae*. Quando o rio atravessa extensos pantanaes, o numero destes nematoceros aumenta extraordinariamente. Ha tambem varios neuropteros e trichopteros cujas larvas devem viver na agua dos rios. O numero de especies é pequeno, mas o numero de individuos póde ser muito grande. Trata-se principalmente de *Plecoptera* do genero *Perlodes* e ocasionalmente de *Ephemerideos*. Algumas especies de *Trichoptera* aparecem com bastante regularidade. Notámos uma *Leptonema* e uma *Macronematina* que parece pertencer a especie e genero novo.

O numero dos trichopteros, descritos do Brazil, já é bastante grande, mas deve ficar muito abaixo do das especies existentes, que são de conservação difficil, por terem o corpo mole e as antenas finas e quebradiças. O comprimento destas é, muitas vezes, extraordinario.

O meio, oferecido ás larvas aquaticas pelos grandes rios com as suas aguas barrentas que depositam um limo abundante, é geralmente pouco favoravel. O numero de especies, que se adaptaram a este meio, é pequeno, quando comparado com o numero das que preferem as aguas claras das serras, mas o numero total dos individuos póde ser grande. Como alimento dos peixes têm importancia pratica, mas o estudo deles é um dos muitos problemas reservados ao futuro.

Onde aparecem insectos com grande regularidade, sempre ha aranhas; estas tambem não faltam a bordo das embarcações.

Dipteros sugadores de sangue.

As informações recebidas concordam em afirmar que o verão de 1917 - 1918, nas regiões percorridas no Paraná e em Paraguay, foi pobre em insectos, por ter sido precedido por secas prolongadas e por uma grande geada no inverno. Em certas regiões, esta era ainda claramente indicada, pelo grande numero de galhos secos existentes nas arvores. Acrece que o taquarussú, muito abundante no alto Paraná, estava seco por ter florescido no anno passado. Com poucas excepções, nas zonas percorridas só foi possível colecionar na margem dos rios ou a bordo, tendo tambem o periodo mais rico já passado. Assim mesmo colhemos e montámos cerca de 600 insectos, além de muitos exemplares não montados. Se não encontrámos muitas especies novas, todavia conseguimos fazer certo numero de observações interessantes sobre a distribuição dos insetos sugadores de sangue. Por isso e por causa do seu interesse pratico, vou tratar primeiro deste grupo, principiando com os mosquitos perniliongos.

Culicidae.

Anophelinae. Desta subfamilia só encontramos 2 *Cellias*, sendo uma a *argyrotarsis*, que se deve considerar a transmissora da malária, observada, no Alto Paraná, nos moradores e na tripulação de navios que passam a noite em focos desta molestia. Alguns exemplares forão apanhados em Porto Tibiriçá nas casas e maior numero veio a bordo da lancha durante uma excursão que fizemos ao Rio Ivaí. Da outra especie, *C. albinana*, apareceram poucos exemplares no alto Paraná. Estando o rio em periodo de enchente, as condições não erão muito favoraveis para a multiplicação destes mosquitos e, como costuma acontecer em todos os rios, em outras ocasiões certamente poderia se encontrar numeros muitos maiores. Em todos os casos não é preciso recorrer a outros sugadores de sangue para explicar a transmissão da malária nestas regiões.

A *Stegomyia*, transmissora da febre amarela, foi encontrada não sómente em Baurú, mas tambem é abundante em Tres Lagoas em Matto-Grosso; é esta a primeira estação da estrada de Ferro que vae para Corumbá. Se as outras estações não forão ainda invadidas, sem duvida o serão no futuro, considerando-se a grande facilidade com que este mosquito é propagado pelas estradas de ferro.

Nos portos Tibiriçá, Mojoli, Mendes e em Iguassú a *Stegomyia* não foi encontrada, evidentemente porque não é natural desta região e só existe onde foi importada. Reapareceu em Encarnacion e Assuncion e em S. Bernardino. Foi tambem encontrada a bordo do vapor Brucellas, mas mais na primeira parte da viagem. Existia todavia tanto em Buenos Aires e La Plata como em Montevideo. Não posso afirmar a sua existencia em Rio Grande. Só uma vez pareceu-me ver um mosquito, voando do modo que é tipico para o macho de *Stegomyia*.

As *Culicidae* que mais nos incomodarão durante a viagem foram as seguintes:

Culex fatigans (hoje *quinquestriatus*),
Culex confirmatus (hoje *scapularis*).

Ianthinosoma Arribalzagae.

Culex albofasciatus MACQ.

Mansonina titillans.

O commum mosquito nocturno, geralmente conhecido por *Culex fatigans* WIED., é tão ubiqüitário que não vale a pena indicar onde foi encontrado.

O *Culex scapularis* ROND., mais conhecido pelo nome *confirmatus*, abunda no alto Paraná. Nas casas e nos navios em movimento aparece em numero menor, mas, quando estes encostam em qualquer lugar, invadem-nos em companhia do *Ianthinosoma Arribalzagae*. Todavia é só quando se penetra mais para dentro do mato que se torna quasi insuportavel. É um fato curioso que as larvas deste mosquito tão commum só raras vezes são encontradas, o que faz pensar que o adulto vive muito tempo, sendo esta suposição apoiada pela frequencia dos exemplares desquamos. Na nossa viagem nunca encontrámos um criadouro de larvas.

De Iguassú a Encarnacion os mosquitos em geral tornaram-se mais raros. Todavia nossa especie não é rara no Paraguay e mesmo na Argentina onde ha arvores.

O *Culex albofasciatus* lembra muito o precedente. Ataca de dia em pleno sol e a picada é bastante dolorosa. Atrahido pela luz, invade as casas e aparece em grande numero a bordo dos navios, mas nem por isso pôde ser chamado um mosquito domestico. Encontrei os primeiros exemplares abaixo de Corrientes; abaixo de Paraná houve uma verdadeira invasão, quando atravessámos uma extensa zona pantanosa. Até ha pouco esta especie só era conhecida da Argentina; todavia é muito abundante no porto da cidade de Rio Grande, aparecendo tambem a bordo. Apanhei varias femeas cheias de sangue, deixando outras picar, e obtive assim ovos, depois de tres dias no minimo. Os ovos erão deitados isolados, tendo a mesma forma que os de *Stegomyia*. Afundavam facilmente, mas mesmo debaixo da agua houve desenvolvimento, posto que mais vagoroso. Cinco dias era o tempo minimo para o desenvolvimento da larva, que tem o tubo respiratorio curto e grosso, mostrando na ultima muda ca. de 14

espinhos curvos e compostos, em cada pente. Geralmente são quasi eguaes, mas os ultimos dous são mais compridos e o da base é mais curto. O tufo, correspondente a cada um dos pentes, tem nove cerdas, sendo situado um pouco mais perto do apice. As antenas são curtas e não têm tufo. O periodo larval durou ca. de duas semanas. A mortalidade nas larvas era muito grande, o que attribuo a condições defeituosas e diferentes das em que se criam geralmente. O periodo ninfal era um pouco inferior a 3 dias.

Outra especie, que encontrámos em verdadeiros enxames no alto Paraná e que não faltava no Paraguay e na parte inferior do Paraná, é o *Ianthinosoma Arribalzagae*. Acima de Porto Mojoli, forma uma verdadeira linha de defeza, tanto nas margens do rio como nas dos afluentes, atacando os que saltam e invadindo os navios que encostam. O numero das femeas que, em certos lugares, se sentavam na roupa das pessoas, excedia tudo o que tenho visto até hoje, mas, felizmente, só um pequeno numero dellas conseguia picar. Mais por dentro da mata, que acompanha todos os rios, o seu numero diminue rapidamente, emquanto que aumenta o do *Culex scapularis (confirmatus)*. Este *Ianthinosoma* é encontrado quasi exclusivamente na margem de rios e tudo parece indicar, que é lá que elle se cria, faltando frequentemente qualquer outra agua. Todavia nunca foi possível encontrar as larvas, que devem viver na profundidade da agua ou agarradas ás plantas. Destas, as *Eichhornias* formavam uma zona marginal, mas as partes immersas estavam sempre cobertas de lodo e nunca encontrámos qualquer larva nellas.

Conseguimos obter muitas ovos de *Ianthinosoma Arribalzagae*; eram isolados, de côr preta e parecidos na sua forma com os da *Stegomyia*. Infelizmente, em observações variadas e muito prolongadas, não obtivemos larvas, o que indica condições biologicas especiaes. Provavelmente o periodo de incubação é muito comprido.

Ao lado de exemplares tipicos desta especie, observámos outros fazendo transição para o *I. albigena*; este foi encontrado tambem

na sua fôrma typica e deve representar apenas uma variedade.

As duas outras especies de *Ianthinosoma* erão comparativamente raras, evidentemente porque vivem em condições diferentes.

A *Mansonia titillans* foi observada tanto no alto Paraná (Tres Lagoas, Portos Tibiriçá e Mojoli e trechos intermediarios) como no baixo Paraná. Ao escurecer aparecia frequentemente nas casas e a bordo. Era commum no Rio Salado perto de São Bernardino (Paraguay). Os exemplares typicos com escudo pardo-escuro encontrarão-se mais para o sul. No principio da viagem vimos muitos exemplares com escudo avermelhado que parecem constituir uma variedade.

Encontrei tambem no alto Paraná dous exemplares de outra especie, já observada no Rio São Francisco e em Pernambuco, onde achámos as larvas nas raizes de *Pistia stratiotes*. Talvez seja identica com a *Mansonia pseudotitillans* que abunda no rio Amazonas. As plantas de *Pistia stratiotes* eram escassas e as que examinámos não continham larvas. A extrema raridade de especies de *Taeniorhynchus* tambem era notavel.

A *Psorophora ciliata* apareceu varias vezes a bordo, tanto no Paraná superior como no inferior. E' bastante commum no Paraguay onde já foi colecionada pelo Dr. MIGONE, em tres variedades de côr, no rio Salado. No passeio, que fizemos com ele para este rio, apanhámos as tres variedades em grande numero. Além da fôrma typica, ha uma fôrma ochracea e outra quasi preta que não deve ser confundida com a *Psorophora Holmbergi*. Desta, que parece ter um territorio muito limitado, apenas apanhámos uma femea que veio a bordo, abaixo da cidade de Paraná.

No Salto de Iguassú observei alguns *Culex serratus* e um *C. crinifer*.

Os mosquitos de matto, que criam em bromelias, eram raros, porque estes epiphytos não forão geralmente encontrados em numero e condições favoraveis. Apenas no Salto de Iguassú obtivemos algumas larvas, mas não nada apresentavam de maior interesse. Parte da zona é muito rica em taquarussú e devia geralmente prestar-se muito bem para

estudos sobre a fauna deste. Infelizmente tinha florescido no anno passado, em consequencia de que os talos morrem. Apenas entre Porto Mojoli e Porto Mendes encontrámos uns poucos de talos vivos, dos quaes criei a *Carrolia iridescens* e o *Hylocynops longipalpis*. Havia tambem umas larvas de *Megarrhinus*, mas morrerão durante a viagem.

Nestas matas encontra-se em abundancia uma grande urtiga, *Urera subpeltata* MIQ. (?), cujos, talos ás vezes, contêm agua. O Dr. ARAUJO e eu colhemos e examinámos uma porção desta no caminho do salto ao porto de Iguassú, logrando apenas encontrar uma unica larva do typo das *Dendromyias* e sem caracteres muito distintivos. Não conseguimos cria-la; assim fica a especie incerta, todavia o assumpto deve ser investigado em tempo oportuno.

Chironomidae, subfam. Ceratopogoninae.

Pequenas ceratopogoninas hematophagas com as azas manchadas, conhecidas geralmente por mosquitos *polvora* e pertencentes ao genero *Culicoides*, forão encontradas nos portos Tibiriçá e Mojoli, no rio Pequiry e no Salto de Iguassú, onde invadiam as casas e principalmente as varandas abertas. Pareciam pertencer todas á mesma especie pequena, descrita na minha monographia sob o nome *C. debilisipalpis*. (A mesma especie foi depois achada em Puerto Bertoni pelo Dr. MIGONE). Em Iguassú encontrei umas larvas de *Culicoides* em agua de chuva, contida numa pequena depressão da casca do tronco de uma arvore cortada, mas infelizmente não consegui criar a imagem. São estas as primeiras larvas de *culicoides* silvestres encontradas na America do Sul.

No Paraguay recebemos do Dr. Migone "polverinos" de outra especie, *Culicoides horticola* LUTZ. Parece existir tambem o *Cotocripus pusillus*.

Os *Culicoides* têm uma distribuição um tanto caprichosa, mas as especies, pouco numerosas, abrangem extensos territorios.

Simuliidae.

As simuliidae ou borrachudos existem no Brasil em 20 para 30 especies e vivem em aguas correntes ou encachoeiradas. Toda-via só pequena parte destas encontra-se em rios maiores, cuja agua sempre carrega e deposita barro em grande quantidade; mesmo nas cachoeiras e saltos o numero é bastante limitado, mas contem algumas especies que perseguem o homem.

O tempo mais favoravel para estudar estas especies é na vasante do rio. Ora na ocasião da nossa viagem havia enchente, o que prejudicou a colheita dos primeiros estados. Só com muito custo consegui obter algumas larvas e casulos logo acima do salto do Iguassú.

Do Rio Paraná, o Sr. SCHROTTKY descreveu tres especies de *Simulium* que atacam o homem. Considerando-as novas, nomeou-as: *S. inexorabile*, *paraguayense* e *paranaense*. Como já suspeitei em trabalho anterior, o primeiro é identico com o *pertinax* Kollar, a especie mais conhecida no Rio de Janeiro. O *paraguayense* é a mesma especie que considerei como tal e que obtive de varios lugares. Quanto ao *paranaense*, não consegui encontrar especie que se podesse identificar nem obter tipo da mesma.

O *pertinax* é commum em todo o litoral montanhoso, de S. Catharina até Bahia, mas desaparece nas montanhas mais elevadas. Nunca foi observado acima de 800 m. de altura. Larvas e casulos encontram-se em grandes colonias, principalmente nas partes mais horizontaes dos degraus de pedra que formão saltos e cachoeiras no leito de rios e corre-gos das serras, por ezemplo da Tijuca (acima da Cascatinha), da Gavea e da Serra de Estrella. A especie reaparece em regiões menos elevadas do interior, por exemplo nas marjens do Tocantins, do Paraná e do Paraguay. O *paraguayense* foi encontrado no Rio S. Gonzalo perto de Lassance, no Salto grande do Paranapanema, no Rio Grande (cujas aguas formão parte do Paraná) e em varios outros lugares onde ha cachoeiras. Parece frequente em Tucuman. *Schrottky* diz que é muito com-

mum no alto Paraná, mas pouco se afasta do rio. Encontrei-o em numero enorme nas matas perto de Salto de Iguassú; posto que só pequena parte dos que aparecem chegue a picar, esta basta para incommodar extraordinariamente. Felizmente a irritação da picada é menor e desaparece mais depressa do que a de *S. pertinax*.

Conheço as ninfas desta especie mas não foi possivel encontral-as, devido, naturalmente, a serem cobertas pela enchente. O grande numero de adultos, observados nestas condições, indica uma vida muito comprida.

Encontrei mais duas especies de simulim dos quaes apenas a primeira ataca o homem E' o conhecido piúm do norte, observado em pequeno numero no Salto de Iguassú. O outro é o *S. orbitale* que ataca os cavallos, de preferencia em redor da orbita, mas tambem em outras regiões do corpo. Foi observado no alto Paraná em Porto Mojoli, logo acima do Salto das Sete Quedas, onde naturalmente estavam os criadouros. As larvas e ninfas ambas muito caracteristicas, forão achadas no Salto do Iguassú. Encontra-se geralmente em todas as cachoeiras grandes como as de Pirapora e de Pau'o Afonso, no Salto de Avanhanda etc., sendo esta a unica especie observada nas duas primeiras. Só excepcionalmente conseguem fixar se na propria pedra; mais vezes fazem uso de vegetais e principalmente das *Podostemonaceas* que só se encontram em agua encachoeirada. As mesmas servem de suporte para os primeiros estados do piúm, *S. amazonicum* GOELDI.

Ultimamente recebi do Dr. MIGONE as seguintes especies, collecionadas em Porto Bertoni muito tempo depois de nossa passagem:

Simulium pertinax KOLLAR.

Simulium orbitale LUTZ.

Simulium paraguayense SCHROTTKY.

Simulium amazonicum GOELDI.

Simulium subpallidum LUTZ.

Do Prof. WOLFFHUEGEL recebemos:

S. pertinax e *S. rubrithorax*; o primeiro de Porto Aguirre, o segundo de Bonpland (Missões).

Em Porto Mojoli, não era raro o *S*

subviride que apanhámos em animaes. O *S. incrustatum*, especie bastante commum, foi apanhado a bordo entre Porto Tibiriçá e Porto Mojoli.

O unico exemplar de *Phlebotomus*, observado durante a viagem, é uma fema de *longipalpis*, apanhada á luz de uma lanterna, com noite fechada, na mata perto do Salto de Iguassú. Esta especie ocorre tambem no Paraguay onde o Dr. MIGONE obteve alguns exemplares.

Distribuição faunistica dos Tabanideos.

A distribuição faunistica dos tabanideos sul-americanos, sobre a qual possuo muitas observações, não póde ser definida em poucas palavras. Além de ser independente das fronteiras politicas, quasi não reconhece limites geographicos. Os rios mais largos são completamente ignorados e das serras apenas os Andes fazem uma separação extensa e quasi completa de faunas diferentes. Ha algumas especies communs, que não sómente são encontradas em todo o Brazil, mas ainda nos paizes visinhos. Outras aparecem esporadicamente em pontos muito distantes, mas o maior numero tem centros dos quaes se irradiam para um territorio limitado, sendo frequentemente substituidas nos territorios vizinhos por outras muito aproximadas. A temperatura média e a elevação vertical influem muito; nota-se tambem uma diferença acusada entre o litoral, onde predominam as matas, e as zonas de campos do interior. As faunas dos estados do norte e as do centro e do sul seriam completamente diferentes, se não fossem as especies communs e de extensão vasta, das quaes fallei mais acima. Na nossa viagem encontrámos as fôrmas da zona média e da do sul e destas principalmente as do interior, além das especies ubiquitarias.

Em seguida dou uma lista das motucas, obtidas durante a viagem, como contribuição á sua localisação; as especies caracteristicas das regiões são grifadas. A maior parte da viagem só permitiu colecionar a bordo ou nas margens do rio, sem o ajudo de animaes, mas nos portos Tibiriçá, Mojoli,

Iguassú, no Salto d'Iguassú e no Paraguay (entre San Bernardino e o Rio Salado) tinhamos cavalos ou burros. Entre centenas de exemplares só vi um macho.—No principio da viagem as chuvas eram frequentes. A estação era favoravel para o maior numero de especies, mas para algumas já era tarde, de modo que o nosso catalogo com ca. de 25 especies é muito incompleto.

Motucas da região de Porto Tibiriçá.

1. *Erephopsis xanthopogon*
2. *Esenbeckia Clari*
- 2a. *Esenbeckia Clari* var. *nigricans*
3. *Selasoma tibiale*
4. *Lepidoselaga lepidota*
5. *Diachlorus bimaculatus*
6. *Chlorotabanus mexicanus*
7. *Odontotabanus aurora*
8. *Macrocormus sorbillans*
9. *Neotabanus ochrophilus*
10. *Neotabanus triangulum*
11. *Neotabanus comitans*
12. *Leucotabanus leucaspis*

Região de Porto Mojoli

1. *Erephopsis ardens*
2. *Chrysops costatus*
3. *Chrysops leucospilus*
4. *Diachlorus flavitaenia*
5. *Cryptotylus unicolor*
6. *Odontotabanus aurora*
7. *Odontotabanus cinerarius* (com azas enegrecidas)
8. *Phaetotabanus limpidaepex*
9. *Phaetotabanus aphanopterus*
10. *Tabanus cayennensis* (só visto, não apanhado).
11. *Macrocormus sorbillans*
12. *Catachlorops intermedius*

Puerto Bertoni (Paraguay).

A colleção do Sr. A. DE WINKELRIED BERTONI continha as especies seguintes:

1. *Erephopsis ardens*
2. *Epipsila eriomeroides*
3. *Esenbeckia* nov. spec.
4. *Dichelacera alaicornis*
5. *Odontotabanus fuscus*

6. *Neotabanus ochrophilus*
7. *Macrocornus trizonophthalmus*

Região de Iguassú.

1. *Erephopsis ardens*
2. *Catachlorops intermedius*

Paraguay (Região de Assuncion).

1. *Erephopsis ardens*
2. *Erephopsis marginata*
3. *Chrysops parvifascia*
4. *Dichelacera modesta*
5. *Tabanus importunus*
6. *Neotabanus ochrophilus*
7. *Neotabanus triangulum*
8. *Leucotabanus leucaspis*
9. *Diachlorus bipunctatus*
10. *Pseudacanthocera marginata*
11. *Tabanus interpunctus* n. sp.
12. *Tabanus monogramma*
13. *Tabanus fuscofasciatus* var.
14. *Chlorotabanus mexicanus*
15. *Macrocornus pseudosorbillans*
16. *Poecilosoma quadripunctatum*
17. *Chrysops costatus*
18. *Chrysops crucians*
19. *Chrysops laetus*
20. *Chrysops leucospilus*
21. *Chrysops nigricornis*
22. *Chrysops parvifascia*

As oito primeiras espécies foram colhidas em Março entre S. Bernardino e o Rio Salado; as outras foram determinadas entre exemplares colhidos pelo Dr. MIGONE em época anterior. Creio também ter visto o *Tabanus cayennensis* e observei o *Poecilosoma quadripunctatum*. No Paraguay existem também *Lepidoselaga albipes* e *Dichelacera trigonotaenia*.

Sobre as motucas do Noroeste de São Paulo e da zona vizinha do Matto Grosso já foi publicada uma nota nestas Memórias.

Depois de terminada a viagem recebi ainda algumas colleções, reunidas nas zonas percorridas, e que, junto com outras anteriormente feitas nas mesmas regiões, permitem aumentar os dados sobre estas faunas locais.

Junto aqui uma lista de:

Tabanideos das Missões.

(Coleccionados por VAN DE VENNE e communicados pelo Prof. WOLFFHUEGEL).

1. *Erephopsis ardens* — Porto Aguirre, Rio Iguassú e Bonpland.
2. *Pseudoscione longipennis* (RICARDO) Missiones.
3. *Chrysops costatus* — Bonpland.
4. *Chrysops fuscipex* — Bonpland.
5. *Diachlorus flavitaenia* — Rio Paraná.
6. *Tabanus fuscofasciatus* — Bonpland.
7. *Poecilosoma quadripunctatum* (F.) — Bonpland.
8. *Leucotabanus leucaspis* — Bonpland.
9. *Leucotabanus ocellatus* n. sp. — Missiones.
10. *Chelotabanus aurora* — Salto de Iguassú, Porto Aguirre.
11. *Stictotabanus conspicuus* — Missiones.
12. *Catachlorops intermedius* — Missiones.
13. *Diadocera macrospila* — Missiones.

A esta lista pôde-se acrescentar algumas espécies, já descritas por MACQUART com a indicação: *Du territoire des Missions*. Em parte indicam que se devia tratar de uma região das Missões, bem diferente na sua fauna.

14. *Tabanus fenestratus* — MACQUART
15. *Tabanus angustus* «
16. *Tabanus missionum* «
17. *Tabanus Hilarii* «
18. *Tabanus trigonophorus* «

Tabanideos de Uruguay.

Mandados pelo Sr. JUAN TREMOLE-RAS.

1. *Tabanus (Macrocornus) rubescens* BIGOT.
2. *Tabanus fuscofasciatus* MACQ.
3. (*Neotabanus*) *pungens* WIED syn *comitans* WIED.
4. *Neotabanus dorsiger* WIED.
5. *Neotabanus triangulum* WIED.
6. *Neotabanus trivittatus* F.
7. *Neotabanus ornatissimus* BRETHES.
8. *Neotabanus angustus* MACQ.
9. *Neotabanus missionum* MACQ.

Especies já obtidas em ocasiões anteriores.

10. *Chrysops uruguayensis*
11. *Dichelacera trigonotaenia*
12. *Neotabanus angustus*
13. *Neotabanus bonariensis*
14. *Neotabanus missionum*
15. *Neotabanus trigonophorus*

O *Tabanus pictipennis*, descrito por MACQUART, de Maldonado, não existe na coleção do Instituto.

Quasi todas estas especies forão encontradas também em países vizinhos.

Para comparação das faunas dou em seguida umas listas dos outros estados do Brasil meridional, extrahidas das coleções por mim organisadas ou examinadas.

Estado do Rio Grande do Sul :

1. *Erephopsis marginalis*.
2. *Erephopsis ardens* (S. Leopoldo — MACQUART).
3. *Dichelacera lacerifascia*
4. *Dichelacera multiguttata*.
5. *Dichelacera trigonotaeniata*
6. *Dichelacera unifasciata*
7. *Dichelacera alcornis*
8. *Poecilosoma histrio*
9. *Poecilosoma monogramma*.
10. *Poecilosoma quadripunctatum*
11. *Di cladocera macrospila*
12. *Di cladocera guttipennis*
13. *Di cladocera potator*
14. *Macrocornus sorbillans*
15. *Neotabanus angustus*
16. *Neotabanus bonariensis*
17. *Neotabanus missionum*
18. *Neotabanus triangulum*
19. *Neotabanus trigonophorus*
20. *Neotabanus ochrophilus*
21. *Chelotabanus impressus*
22. *Chrysops crucians*
23. *Chrysops leucopilus*

Estado de Santa Catharina.

Os tabanideos, que temos de Santa Catharina, consistem principalmente em uma pequena coleção, feita por mim em São Bento, e outra maior, feita pelo Dr. PINTO GUEDES no litoral. Trata-se de re-

giões montanhosas com muito mato e a fauna se parece com a das regiões correspondentes de Paraná, S. Paulo, Matto Grosso e Rio de Janeiro.

Achámos apenas duas formas inteiramente novas, ao lado de alguns representantes de especies raras, em parte indescritas, como consta da seguinte lista :

1. *Erephopsis sorbens*
2. *Erephopsis aurimaculata*
3. *Erephopsis incisuralis*
4. *Chrysops laetus*
5. *Diachlorus bivittatus*
6. *Diachlorus flavitaenia*
7. *Stigmatophthalmus altivagus*
8. *Acanthocera longicornis*
9. *Acanthocera eristalis*
10. *Acanthocera nigricorpus*
11. *Dichelacera alcornis*
12. *Catachlorops intermedius*
13. *Catachlorops praetereuns*
14. *Catachlorops rufescens*
15. *Amphichlorops flavus*
16. *Rhabdotylus planiventris*
17. *Di cladocera furcata*.
18. *Di cladocera macula*
19. *Di cladocera potator*
20. *Di cladocera rufipennis*
21. *Poecilosoma quadripunctatum*
22. *Leucatabanus nigristigma*
23. *Neotabanus triangulum*
24. *Odontotabanus impressus*
25. *Chlorotabanus mexicanus*
26. *Stictotabanus conspicus* n. sp.
27. *Leptotabanus nigrovenosus*
28. *Stibasoma Willistoni*
29. *Stibasoma semiflavum*
30. *Poecilosoma punctipenne*
31. *Erephopsis nigricorpus*
32. *Dichelacera rubricosa*

Litoral e serra costeira do Estado do Paraná.

As motucas encontradas no litoral e na serra costeira do Paraná pertencem a uma fauna que se estende de São Paulo a Santa Catharina. Para apoiar estão afirmação cito apenas algumas especies que se acham nas coleções organisadas por mim :

Erephopsis sorbens
Chrysops costatus
Stibasoma Williston
Rhabdotylus planiventris
Catachlorops intermedius
Poecilosoma punctipenne
Poecilosoma quapripunctatum

Notas zoológicas.

Mamíferos—O mamífero mais interessante do Paraná brasileiro é a ariranha (*Lutra paranaensis*). Encontrámos alguns exemplares durante a viagem e observámos uma fêmea criada de pequena que era completamente mansa. Na viagem vimos também alguns bandos de capivaras, que, por sua vida amphibia, se prestam á observação de bordo.

Nas regiões atravessadas ha grandes trechos de verdadeiro sertão, onde ainda existe toda a fauna primitiva. A maior parte dos mamíferos escapam á vista, mas a caça grande acusa sua presença por rastos e outros indícios. As antas ainda são frequentes no Paraná e nos afluentes e os grandes cervos abundam no lado de Mato Grosso onde ha campos. O grande *tatú canastra* manifesta a sua existência pelos enormes buracos que elle cava. Tivemos o raro espectáculo de ver um *tatú azul* atravessar facilmente a nado um rio bastante largo. Outra vez vimos um *coati*, montado num pau que ia arrastado pela corrente do Paraná e foi engulido num dos numerosos sorvedouros. No Salto de Iguassú vimos um ou dous exemplares de *cotia* no mato; na cidade recebemos uma das pequenas lebres que lá aparecem frequentes. Com alguns morcegos, apanhados numa gruta, enumerámos todos os mames que observámos nas regiões percorridas. Nunca encontrámos macacos que parecem limitados a poucas especies e tão pouco ouvimos o ronco característico das especies maiores.

Aves. Os passaros aquáticos que encontrámos são observados em quasi todos os rios maiores, dos quaes não forão afujentados. Devido ás enchentes ou por serem os trechos de rio menos favoraveis, o numero deles nunca era bem grande. A unica excepção foi um bando enorme de garças brancas, encon-

trado no alto Paraná. De especies, que ainda não tinhamos visto em liberdade, podemos mencionar apenas a *Chauna cristata* que observámos no Baixo Paraná e cuja voz extraordinaria ouvimos no Rio Salado. Na Empreza Alica vimos muitos exemplares mansos.

De passaros observados na margem dos rios convem mencionar principalmente as araras. Vimos um grande bando de araras vermelhas, espectáculo interessante e novo para nos. A especie azul e amarela (*Canindé*) só aparecia em bandos pequenos. Os tucanos e varias especies menores de papagaios erão numerosos em certas partes, como também os pombos legitimos. Todos estes passaros gostavam de pousar nas taquáras secas onde eram muito visiveis.

Uma caça frequente na parte brasileira do Paraná e a *Jacutinga*.

Reptilios. Em Iguassú recebemos uma *jararaca* morta de um metro e quarenta centímetros de comprimento. Na mesma região existe a *jararacussú* e o *urutú* (*Lachesis alternata*). No museu de Trindade (Assuncion) vimos uma cascavel do tipo das do norte e jararacas, parecidas, umas com a fórma *Neuwiedii* e outra com aquela que recebeu o nome improprio *L. cutiara*. Havia também especies de *Elaps*.

Peixes. Os peixes observados no alto Paraná limitam-se a um *surubi* e alguns dourados, *pacú* e *matrinchem*, pescados a anzol durante as nossas excursões, sendo a ocasião pouco favoravel. No Paraguay vimos exemplares do *Lepidosiren* que lá não é raro e tem o nome vulgar *Piramboia*.

Crustaceos. Durante a nossa viagem observámos alguns crustaceos interessantes, da ordem *Phyllopoda*. Logo abaixo do Salto das Sete Quedas encontrámos, em duas pequenas poças de agua de chuva acumulada, numerosos exemplares de uma *Eulimnadia* em propagação parthenogenetica activa. Parece tratar-se de *Eulimnadia brasiliensis* G. O. SARS, á qual mais se assemelha. As diferenças observadas não nos parecem suficientes para distinguir uma nova especie entre estes animais, sempre um tanto variaveis. A casca dos exemplares obtidos estava densamente

coberta com fios de algas ao lado de infusórios muito frequentes em pequenos animais aquáticos.

Na lagoa Ipacarái foram pescadas, em lugar raso, alguns outros phyllopodos que determinámos como *Estheria Hislopi* BAIRD. No Plancton havia tres especies de *Cladocera*, já colecionadas por ANIDITS e determinadas por DADAY como *Diaphausoma brachyura* LIEVIN, *Ceriodaphnia cornuta* SARS e *Bosmina longirostris* LEIDIZ. Além disso havia um copepodo, determinado por DADAY como *Diaptomus conifer* SARS. Todas estas formas pertencem também á fauna europeia.

Insectos: Ás notas, já dadas em cima, acrescentamos que em Iguassú obtivemos um exemplar de *Jequitiranaboia* (*Fulgora*), da especie também observada no Rio e em S. Paulo, e um bonito *Enoploceras arnuillattus* um dos maiores coleopteros. Na coleção BERTONI havia um exemplar da *Cuterebra Schnualzi*, descripta por mim de S. Catharina.

No Paraguay observa-se, tanto no reino animal como no vegetal, uma mistura de formas que correspondem ao norte, e de outras, parecidas com as do sul do Brazil. Este phenomeno apparece também na fauna entomologica.

Molluscos. Citamos apenas algumas observações sobre os *Planorbis* do Paraguay. O *Pl. cultratus*, fórma do norte já assinalada do Paraguay, foi verificado por mim em Encarnacion. Em Trinidad encontrei uma especie identica com *nigricans* SPIX e na lagoa de Ipacarái outra que podia ser o *heloicus* de D'ORBIGNY. É bem menor que o *peregrinus* e não alcança o tamanho de *centimetralis*. O animal é pequeno; tem antenas bastantes claras e a parte anterior do corpo pigmentada, mas de um modo menos continuo aparecendo pardo-acinzentado. Sobre a cavidade respiratoria, o pallio mostra manchas pigmentadas irregulares, sendo o resto muito transparente.

O sacco visceral contem um figado ochraceo e a glandula genital esbranquiçada; parece distintamente avermelhado pela abundancia de sangue vermelho. A casca é cornea, muito transparente e apenas ligeiramente

amarelada; tem cinco gyros aumentando lentamente em calibre; a boca é um pouco dilatada e ligeiramente defletida. É carregada horizontal quando o animal boia, mas vertical quando está no fundo ou pasta na parede de uma cuba.

No museo de Montevideo obtive cascas typicas de *Pl. peregrinus* D'ORBIGNY.

Notas botanicas.

As margens do alto Paraná são revestidas por mato continuo, que apresenta numerosas *embaúbas*, uma serie de grandes figueiras e muitas leguminosas, das quaes os *ingaseiros* mais se avizinham, da agua. Ha grandes quantidade de *taquaras*, entre as quaes o *taquarussú* se distingue por sua altura, excedendo frequentemente a das arvores vizinhas. Em baixo das arvores ha cortinas de trepadeiras maiores e menores. Na margem da agua nota-se geralmente uma orla de *Eichhornias* que muitas vezes, são levadas pela corrente formando os "camalotes". Em alguns lugares são substituidas por gramineas. Onde ha paredes, apparece muito a *Cuphea melvillea*, sendo a pedra decorada com *Bromeliaceas* e *Cactaceas*.

No meio da verdura geral apparecem poucas flores. Notámos cassias, ingás e varias outras leguminosas, um *Hibiscus* aquatico e varias bignoniaceas brancas, amarellas e roseas.

Nas pedras ao lado e por dentro dos Saltos do Iguassú notava-se apenas uma grande graminea. Na fóz do Iguassú e de lá para baixo abundava na margem um *Croton* com inflorescencias compridas, alternando com Sapindaceas e *Sarandi*. Taquarussú secos e outras taquaras verdes eram muito abundantes. Esta formação continuava até perto de Encarnacion, apenas interrompida por frequentes derrubadas.

Em Porto Bandeira achámos uma trepadeira parecida com *Mesechites sulphurea*. A mesma foi encontrada em Encarnacion ao lado de outra Apocynacea, de flores brancas com longo tubo estreito que só abrem á noite.

No campo perto desta cidade achámos

uma flora caracterizada por muitas especies, novas para nós, por exemplo duas verbenas das quaes uma vermelha, uma *Lippia* curiosa, uma vistosa labiada azul e uma *Ipomoea* singular *I. malvoidea*. Abundavam um *Eryngium* e a sensitiva, ao lado de uma *Agelonia* e de outras scrofulariaceas. Esta flora nos acompanhou até Assuncion, onde encontrámos a *Ipomoea fistulosa* em lugares humidos e na

agua duas especies de *Echinodorus*, uma *Marantacea* e uma *Butomacea*. É frequente a *Araujia stenophylla*, cujo latex pôde conter flagellados abundantes, como descobriu o Dr. MIGONE. Na excursão ao Rio Salado observámos a *Celtis glycocarpa*, uma *bigoniacea* interessante e muitas outras plantas com flores vistosas.

